



ISPA | Instituto Superior de Psicologia Aplicada

“PRINCÍPE DO GRANDE EXÍLIO”

ANÁLISE CLÍNICA DE BERNARDO SOARES:
ESTUDO DE CASO

Sara Alexandra de Mesquita Carvalho Cardia

Orientador de Dissertação:

Professor Dr. Eduardo Sá

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:

MESTRE EM PSICOLOGIA CLÍNICA

Especialidade em Psicologia Clínica

2009

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação de Eduardo Sá, apresentada no Instituto Superior de Psicologia Aplicada para obtenção de grau de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica, conforme o despacho da DGES, nº 19673/2006 Publicado em Diário da República 2ª série de 23 de Março, 2007.



"Em toda a alma que sente chega o dia em que o Destino nela representa um apocalipse de angústia."

(Soares, 1998, p. 109)

AGRADECIMENTOS

A ti avô. Por me teres amado incondicionalmente e por teres sido aquele que me ensinou a amar. Pelas laranjas frescas, as tábuas de queijos e os sumos de uva. Por me teres sempre cedido a tua poltrona predilecta, só porque, era a minha também.

A ti avó. Pelo tranquilizante colo, por tudo o que sabemos e é só nosso. Pelos livros antigos e “pesados demais para a tua idade” por onde, por vezes contra vontade, me possibilitaste sempre embrenhar.

Ao meu irmão, um eterno contestatário com uma inteligência inigualável, que com a sua peculiar e especial forma de ser, me fez pôr muito em causa, procurando sempre ser melhor do que acreditava poder um dia vir a ser. Contigo, sempre, e para sempre.

À minha mãe. Pelas lentas, com atraso e pequenas, mas “enormes” e apreciadas – tentativas de reconstrução.

Ao Duarte, que me fez compreender que o sonho idealizado, pode ser erudito, mas mágico e sempre alcançável, mesmo quando ladeado por um cinza breu fatídico. Porque o vislumbre desse, ninguém o tira, e, munido de determinação, o sonhador que um dia o sonhou, conquista-o. Obrigado por estares sempre presente, mesmo quando, estás aparentemente ausente.

Ao Cláudio Osório, pela aceitação colectiva dos defeitos, pelo caminho repleto de “Monstregos” que percorremos e a força que juntos tivemos para passar vários cabos das Tormentas. Por taparmos os ouvidos um ao outro quando nos deparamos com o canto das sereias, pelas gatas borralheiras transformadas em Cinderelas, pela fantasia de que juntos voaremos como o Dumbo, pelas “Queens” e os dramas, pelos desabafos feitos, e por muitos “feitos” – pelos momentos passados na zona de conforto.

Ao Carlos Lourenço, porque treze anos é muita fruta! De boa qualidade e bem madura.

À Daniela Quaresma, por me ter ensinado, que crescer, implica “re”parar muito do anteriormente dado, como mais que garantido.

À Filipa Barbosa, por saber que nunca iremos falar a mesma língua, e vamos afectuosamente envelhecer, a tentar corajosamente aprendê-la.

Ao Gonçalo Ferreira, “o meu peluche”, por ser fiel e igual a si próprio, não perder a essência de quem sabe tão bem amar, sempre demonstrando-o. Este caminho não teria tido o mesmo encanto sem ti a meu lado.

À Joana Valente e ao Daniel Simões, pelas inúmeras “viagens”, pelas frases pouco ou nada pensadas; em resumo, por excelentes momentos e memórias bem guardadas.

Ao João Pedro Álvaro, pelas mães e pelos filhos, pelos pais e pelas filhas.

À Marta Ribeiro, pelas demoradas conversas e reflexões, onde nunca faltou a compreensão e o humor, mesmo quando tudo nos fazia querer desistir e chorar. Obrigado, menina especial, por estares invariavelmente aqui.

Ao Pedro Lobo, pelos cafés e cigarros, onde sentados num banco de jardim, desabafamos e gargalhámos os males e bens do nosso mundo.

À Sara Zorro, à Susana Bicho e à Teresa Matos, pelas intervisões e visões, peremptoriamente discutidas, exploradas e opinativas, sempre feitas com um bom café no dia do agradável “encontro”.

Ao Tiago Santos, o nosso “Tigui”, pela sua pureza, preocupação, genuinidade, sensibilidade e acima de tudo amizade muito necessária e apreciada.

Aos “meus meninos”, que me ajudaram a lembrar o que é ser criança. Sentar no chão, brincar aos médicos e aos *combos*, sujar a roupa de plasticina e as mãos de tinta, é acima de tudo um privilégio. Cresci todos os dias um pouco convosco.

À Dra. Alexandra Coimbra, por ser a firme bengala, que me acompanha neste surpreendente, e por vezes estonteante, caminho que é a vida.

Ao Prof. Dr. Eduardo Sá, que me deu “asas para voar” e vontade de me apaixonar, estando sempre comigo, em pessoa, “noutro campeonato”.

À Dra. Sandra Mota Pereira, pela boa disposição, disponibilidade, interesse e partilha a que me habituou, e da qual sentirei falta.

Ao Fernando Pessoa, que com toda a sua genialidade genial, me inspirou, fez suspirar e envolver, face à sua tamanha complexidade ludibriante e desafiante.

E por fim, a todas as pessoas conhecidas e desconhecidas, que indirectamente me ajudam todos os dias, a perceber um pouco mais e melhor, a complexa, entusiasta e enigmática espécie humana.

Resumo: Pretendeu-se traçar a realidade psicológica de Bernardo Soares, – personagem criada por Fernando Pessoa – veiculada até nós através do *Livro do Desassossego*. Para tal, utilizou-se o estudo de caso apoiado numa análise de conteúdo do *Livro do Desassossego*, para que, posteriormente, fosse possível realizar uma análise clínica de Bernardo Soares. Encontrou-se uma falha precoce de figuras significativas, uma passagem truncada para a posição depressiva, bem como uma incapacidade de realizar a triangulação. Percebeu-se também que a falha precoce de que Bernardo Soares sofreu foi a catalizadora das noites de insónia, dedicadas à escrita do *Livro do Desassossego*, numa tentativa inglória de atingir um Eu Ideal inalcançável. Apreendeu-se também, os consequentes e frequentes momentos, em que Bernardo Soares escreve sob emergência de processo primário.

Palavras-chave: Bernardo Soares; Estudo de Caso; Falha Precoce; *Livro do Desassossego*; Processo Primário.

Abstract: This study aimed to find out Bernardo Soares' – character created by Fernando Pessoa – psychological reality, brought to us through the book *Livro do Desassossego*. We made a case study, supported by a content analysis of *Livro do Desassossego*, which, later, made possible a clinical analysis of Bernardo Soares' case. Precocious holes of significant figures, a forbidden transition into the depressive position, as well as triangulation incapability, were found. The study also emphasises the fact that Bernardo Soares' precocious hole was the catalyst of the insomnia nights, which were the dedicated to the writing of *Livro do Desassossego*, in a failed attempt to reach an Ideal of the unachievable Self. The consequent and frequent moments when Bernardo Soares' writes under the influence of the primary process, were also a finding.

Key-words: Bernardo Soares; Case Study; Precocious Hole; *Livro do Desassossego*; Primary Process.

ÍNDICE

1. INTRODUÇÃO	10
2. DELINEAMENTO DO ESTUDO	12
3. MÉTODO	12
4. CASO CLÍNICO	17
5. ANÁLISE E DISCUSSÃO	23
6. CONCLUSÃO	60
7. <i>POST-SCRIPTUM</i>	62
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	63
ANEXOS	
ANEXO A: GRELHAS CATEGORIAIS	69

Lista de Tabelas

Tabela 1: <i>Categorias, seus respectivos significados e exemplos</i>	15-16
---	-------

1. INTRODUÇÃO

“Eu não escrevo em português. Escrevo eu mesmo.”

(Soares, 1998, p. 275)

Segundo Paz (1983), “Pessoa, quer dizer pessoa em Português e deriva de *persona*, máscara dos actores romanos” (Paz, 1983, p. 7). Máscaras através das quais foi criador de inúmeras obras e personalidades que deram voz ao seu mundo interno, talvez por ele próprio não ser capaz de lhes dar voz em si mesmo. De modo a descobrir o que está por trás da máscara de nome Bernardo Soares, o *Livro do Desassossego* (adiante, também *Livro*) revela-se um material de trabalho inigualavelmente rico, imperativo e indispensável. *Livro* este, “Atribuído por Fernando Pessoa ao ajudante de guarda-livros Bernardo Soares (...) publicado quarenta e sete anos após o desaparecimento do poeta (...)” (Pêgo, 2007, p. 13). Fernando Pessoa, chega mesmo a dizer que Bernardo Soares “é ele menos qualquer coisa, o raciocínio e a afectividade” (Martinho, 2001 p. 80).

Apesar da sua apresentação se assemelhar a um diário, para Monteiro (2005), o *Livro do Desassossego* não o chega a ser, pois existem páginas do *Livro* que não são conferidos da “referencialidade espacial e temporal que habitualmente caracteriza os diários.” (Monteiro, 2005, p. 19). Opinião já anteriormente citada por Coelho (1982), para quem o *Livro* “se aproxima, mas não chega a tomar a forma de um «diário»”. (Coelho, 1982, p. 24).

Apesar do *Livro* não ser um diário em si mesmo, parece-nos que tal como é referido por Martinho (2001), “é neste ponto que Soares pode dar mais ao psicanalista de hoje, dado que é um não iludido que erra num universo sem mãe nem pai, que pode ir de mal a pior, porque Deus e a Humanidade desertaram e o pacto científico com o Diabo ameaça” (Martinho, 2001, p. 82).

“Gosto de dizer. Direi melhor: gosto de palavrear.”

(Soares, 1998, p. 171)

Bernardo Soares gostava igualmente de palavrear, algo que fez durante as longas noites da sua vida, alcançando então, a intemporalidade marcada pelo “livro dos viajantes” (Soares, 1998, p. 12). De efémero nada tem, apesar de o ter sido durante os inúmeros fragmentos que compõe toda a sua obra prosaica, que no seu tom mais irónico e desprovido de total engrandecimento, parecia denegrir. Denegrir este, que nos parece ter sido exaltado e transposto, também, por Bernardo Soares para a sua vida quotidiana.

“ (...) a desilusão antecipada de todos os sonhos.”

(Soares, 1998, p. 137)

Têm-se como objectivo de estudo realizar uma análise clínica de Bernardo Soares, bem como reflectir acerca da estrutura do seu mundo interno, através da análise do *Livro do Desassossego*. Tendo em conta que este *Livro* e o seu autor, no entender de inúmeros estudiosos Pessoaanos é o que se encontra mais próximo do Eu central de Pessoa (Malpique, 2007), incidiremos no valor interpretativo do que é dito por Bernardo Soares, suportando-o com base em teórica psicanalítica, – fazendo uso de diversos autores nela influentes.

Importa acrescentar, que inicialmente se realizou uma análise de Fernando Pessoa, através da ligação das histórias de vida, entre este e Bernardo Soares, sendo que, seguidamente, o caminho tomou a direcção da execução de um estudo de caso de Bernardo Soares, visto como ser individual. Contudo, dado que esta segunda forma de trabalho, acabou por conter em si uma extensa revisão bibliográfica, dificultando em muito, o cumprimento das normas académicas, resolveu-se – de forma a enriquecer o trabalho –, produzir um caso clínico de Bernardo Soares acompanhado duma análise de conteúdo do “corpus” do *Livro do Desassossego*, que – em nosso entender – levaria a uma observação mais aprofundada do mesmo, indo assim, esta última versão ao encontro aos principais objectivos dos investigadores.

Através da investigação, e decomposição exaustiva, do que foi transposto para papel por Bernardo Soares, esperamos desbravar caminho em direcção à realidade psicológica do mesmo.

Este estudo pareceu-nos pertinente devido à complexidade de Bernardo Soares –, que se apresenta como um desafio para o psicólogo clínico, isto porque, o trabalho do mesmo será o de “saber ler nas entrelinhas” e encontrar o conteúdo latente do que se nos apresenta como manifesto. Como tal, quem melhor para nos desafiar que uma personagem criada por uma personalidade que ainda hoje, passados quase setenta e quatro anos da sua morte, continua a dar que pensar e falar.

“Sou, em grande parte, a mesma prosa que escrevo.”

(Soares, 1998, p. 130)

2. DELINEAMENTO DO ESTUDO

Este estudo teve um carácter exploratório (Gil, 2002), onde se propôs a realização da investigação de um indivíduo, através duma análise de conteúdo acerca do que foi escrito pelo mesmo. Logo, este estudo exploratório, incidiu num delineamento de sujeito único (Gil, 2002).

O indivíduo, de nome Bernardo Soares – respeitante à criação de Fernando Pessoa, de quem é um semi-heterónimo (Coelho, 2007) – foi indirectamente observado, de forma transversal. Assim, utilizou-se o que foi escrito e assinado por Bernardo Soares, de forma a delimitar os documentos de análise.

Então, após uma leitura flutuante do *Livro do Desassossego*, demarcaram-se doze temas de interesse, a serem registados pelos investigadores. Estes temas (apoiados em expressões psicanalíticas, de uso recorrente) foram padronizados em categorias de análise de conteúdo (Bardin, 2008), de modo a servirem de base para uma interpretação, que se apoiou na teoria psicanalítica (Allonnes, 1989).

Pois, como nos aponta Caon (1994), esta é a base catalisadora do pesquisador, para que se possam identificar novos significados e sentidos. Estes, trazidos pela investigação psicanalítica, promovem uma abertura de sentidos para com os dados. Encontrou-se um apoio em Freud (1919) e no estilo pelo mesmo instaurado, onde a documentação e relatos por ele recolhidos serviriam para a construção duma metapsicologia.

Realizou-se ainda uma pesquisa de apontamentos amnésicos, de forma a construir uma história clínica e uma hipotética evolução do caso analisado. Tornando-se assim, possível a junção destes dados anamnésicos, com a análise do que foi retirado do *Livro do Desassossego*, (sob forma de categorias) que concomitantemente serviram de base à obtenção do objectivo *premium* de pesquisa, – a análise psicológica de Bernardo Soares.

3. MÉTODO

Como já foi atrás referido, com este trabalho pretendeu-se analisar Bernardo Soares (objecto de estudo), recorrendo à análise documental do *Livro do Desassossego* de sua autoria.

A metodologia utilizada foi o estudo de caso qualitativo, assente no suporte da análise de conteúdo do material encontrado, no universo demarcado.

O estudo de caso é uma abordagem metodológica de investigação qualitativa, utilizada com bastante regularidade nas Ciências Sociais. Podemos afirmar que é largamente utilizado

quando se tem como objectivo conhecer o “como?” e o “porquê?” (Yin, 1994), e quando o(s) investigador(es) está restringido a um objecto de estudo de acesso indirecto.

Num estudo de caso, solicita-se ainda uma “investigação longitudinal na qual se pretende estudar um dado indivíduo ou indivíduos durante um determinado período de tempo que oscila entre alguns meses e anos.” (Oliveira, 2001, p. 400).

Coutinho & Chaves (2002), afirmam que praticamente tudo poderá ser transformado num “caso”. Referindo que, mesmo um indivíduo ou uma personagem, poderão ser tornados “estudos de caso”. Ou seja, o estudo de caso permite uma análise do fenómeno através de interacções realizadas entre factores indirectos, dando assim, a possibilidade de compreender a dinâmica global do fenómeno ou processo.

“É uma investigação que se assume como particularística, isto é, que se debruça deliberadamente sobre uma situação específica que se supõe ser única ou especial, pelo menos em certos aspectos, procurando descobrir a que há nela de mais essencial e característico e, desse modo, contribuir para a compreensão global de um certo fenómeno de interesse.”

(Ponte, 2006, p. 112)

Benbasat, Goldstein, & Mead (1987), consideram que um estudo de caso deve possuir algumas características essenciais. Assim, à luz do estudo de caso, por nós realizado, mostramos que características nos apoiaram.

1. O objecto de estudo (Bernardo Soares) foi identificado, de forma a, “conferir foco e direcção à investigação”. (Coutinho & Chaves, 2002, p. 224);
2. A análise realizou-se, tendo como objecto de estudo, o próprio Bernardo Soares, sendo um estudo de caso particular (unidade);
3. A complexidade da unidade foi estudada de forma aprofundada;
4. Procurou-se respostas para o “como” e “porquê” (Yin, 1994);
5. Bernardo Soares foi indirectamente observado. A observação baseou-se no que foi escrito pelo mesmo no seu ambiente natural, pois, os dados foram recolhidos através do *Livro* escrito pelo autor em forma de diário;
6. A pesquisa realizada, baseou-se numa exploração do material, assente na classificação e categorização do mesmo, através duma análise de conteúdo, que serviu de posterior suporte, para chegar à realidade psicológica de Bernardo Soares e fundamentação da mesma.

“Suponho que em toda a sociedade a produção do discurso está controlada, seleccionada e redistribuída por um certo número de procedimentos que têm por função excluir poderes e perigos, dominar o acontecimento aleatório e esquivar a sua pesada e temível materialidade.”

(Foucault, 1980, p. 11)

Recorreu-se à metodologia análise de conteúdo, cujo objectivo é “a manipulação de mensagens (conteúdo e expressão desse conteúdo) para evidenciar os indicadores que permitam inferir sobre uma outra realidade que não a da mensagem.” (Bardin, 2008, p. 48).

Para Berelson (1952) a análise de conteúdo define-se como uma técnica de investigação, que auxilia o sujeito a realizar – com objectividade – uma descrição do conteúdo manifesto presente no objecto de análise. Ao falar em objectividade, o autor pretende defender este método de ataques interpretativos intrusivos e selvagens.

Contudo, com Krippendorff (1980) esta visão é alargada para uma análise do objecto, focada não só no que é objectivo, mas também no que nos aparece enquanto subjectivo e latente, possibilitando assim, (o sujeito que recorre a este método) o recurso a inferências.

Desta forma, esta metodologia aliada a uma análise interpretativa – da grelha de análise –, permitiu-nos identificar indicadores (abaixo apresentados) que remetessem para a realidade psicopatológica, diferente da realidade, que o autor deliberadamente enuncia.

Como refere Vala (1986), esta metodologia é hoje de utilização imperativa, pois “A análise de conteúdo é hoje uma das técnicas mais comuns na investigação empíricas realizada pelas diferentes ciências humanas e sociais.” (Vala, 1986, p. 101). Acrescentando que “também em psicologia se encontra uma velha tradição de recurso aos materiais biográficos como fonte de informação sobre a personalidade, motivações e atitudes dos indivíduos.” (Vala, 1986, p. 101).

Devido à natureza do trabalho a análise incidu no discurso como um todo, e não só ao nível dos seus elementos constituintes elementares (a palavra por exemplo). Analisaram-se enunciados, proposições e sequências – analisou-se um processo. Por estes motivos, recorreu-se à Análise da Enunciação, técnica de análise de conteúdo, na qual se assume que através da produção da palavra, é elaborado um sentido e produzidas transformações (Bardin, 2008).

Assim, “Nesta perspectiva, a análise de conteúdo permite inferências sobre a fonte, a situação em que esta produziu o material objecto de análise, ou até, por vezes, o receptor ou o destinatário das mensagens” (Vala, 1986, p. 104). Para o autor, este método apresenta-se rico ao trabalho clínico, permitindo que quem analisa, possa colocar “os dados num novo contexto que constrói com base nos objectivos e no objectivo da pesquisa (...)” (Vala, 1986, p. 104).

Numa primeira fase realizou-se uma *leitura flutuante* (acima referida) – que consiste na familiarização com o material a analisar –, passando-se gradualmente para uma leitura mais precisa, de acordo com as hipóteses que vão emergindo (Bardin, 2008).

Estando o Universo demarcado (no caso em análise, *Livro do Desassossego*), Bardin (2008), menciona que deve proceder-se à definição dos elementos, que, vão ser efectivamente analisados. No caso do *Livro do Desassossego*, o mesmo divide-se em Pequenos e Grandes Fragmentos, tendo a nossa análise incidido sobre os primeiros.

“ (...) cada corpus estabelece problemas específicos. (...) é o resultado da imersão da análise de conteúdo no conjunto das ciências sociais das quais a linguística faz parte.”

(Maingueneau, 1989, p. 20)

Seguidamente procedeu-se à Exploração do Material (Bardin, 2008), com o fim de se realizar a análise propriamente dita, e, concomitantemente, à categorização. Esta categorização é, segundo Bardin (2008), uma operação de classificação de elementos em classes, definidas a partir de características comuns a esses mesmos elementos. De modo a criar categorias com qualidade, teve-se em conta a exclusão mútua, a homogeneidade, a pertinência, a objectividade e fidelidade e a produtividade das mesmas (Bardin, 2008).

No nosso trabalho, as categorias foram definidas em função de conceitos psico-dinâmicos, tendo-se ainda em conta, a forma como os investigadores sentem (recebem) o latente, que constitui, o objecto de análise. Esta categorização foi realizada, como forma de auxílio à compreensão de Bernardo Soares, não tendo sido utilizada como uma análise de conteúdo propriamente dita.

Encontram-se os exemplos, na tabela seguinte, representando esta, exemplares das frases retiradas do *Livro do Desassossego*, – constituintes da grelha de organização –, que serviram de sustentação para o caso clínico, bem como, ao longo da análise e discussão do mesmo.

	Categoria	Unidades de Registo retiradas do <i>Livro do Desassossego</i> , (1998).	Indicadores das unidades de registo (adiante u.r.)
1	Sono	“Sem sono, nem razão para o ter, há em mim uma grande vontade de dormir.” (p. 149)	Considerou-se todas as u.r. que dissessem respeito a referências oníricas e insónias vespertinas ou matutinas.
2	Agressividade/ Violência	“Sinto que o poderia matar por me intrometer o que eu não estava pensando.” (p. 99)	Considerou-se todas as u.r. que dissessem respeito a manifestações de carácter violento, para com os outros.

3	Angústia de Abandono	<i>“Torna a dar-me, ó Silêncio imenso, a minha ama e o meu berço e a minha canção com que dormia.”</i> (p. 66)	Considerou-se todas as u.r. que dissessem respeito a sentimentos de abandono, perda e separação, com figuras significativas.
4	Defesas Maníacas	<i>“Um dia, lá para o fim do futuro, alguém escreverá sobre mim um poema, e talvez só então eu comece a reinar no meu Reino”</i> (p. 22)	Considerou-se todas as u.r. que dissessem respeito a temáticas de narcisismo, megalomania, onipotência e exaltação egóica.
5	Defesas Obsessivas	<i>“O meu instinto de perfeição deveria inibir-me de acabar; deveria inibir-me até de dar começo.”</i> (p. 105)	Considerou-se todas as u.r. que dissessem respeito a manifestações de perfeição, rigidez, obsessões e compulsões.
6	Depressividade	<i>“Escrevo triste no meu quarto quieto, sozinho como sempre tenho sido, sozinho como sempre serei.”</i> (p. 15)	Considerou-se todas as u. r. que dissessem respeito a sentimentos de vazio, solidão, depreciação, depressão de inferioridade e anaclítica.
7	Difusão de Identidade	<i>“ (...) o infinito tornado interior e apertado, o dia feito forro negro de um traje desconhecido (...)”</i> (p. 68)	Considerou-se todas as u.r. que dissessem respeito a manifestações de fragmentações egóicas, não coesão de identidade e despersonalizações.
8	Emergência Abrupta de Processo Primário	<i>“Sinto-me às vezes tocado não sei porquê, de um prenúncio de morte...”</i> (p. 33)	Considerou-se todas as u.r. que dissessem respeito a manifestações de emergência de processo primário, tais como clivagens, negações, projecções, identificações projectivas, angústia de morte, fragmentação e persecutória, bem como a incapacidade de confiar no outro.
9	Relação de Objecto	<i>“ (...) no homem normal o contacto com outrem é um estímulo para a expressão e para o dito, em mim esse contacto é um contra-estímulo (...) ”</i> (p. 39)	Considerou-se todas as u.r. que dissessem respeito a sentimentos expressos, que tenham sofrido a influência de outrem e sentimentos relativos à ordem ou desordem de sentir.
10	Relação Materna	<i>“Vai buscar, ô Vento, a minha Mãe.”</i> (p. 66)	Considerou-se todas as u.r. que dissessem respeito a referências femininas, e à figura materna.
11	Relação Paterna	<i>“ (...) e o vácuo de nem ter sabido o que fazia o chefe que nunca viram.”</i> (p. 48)	Considerou-se todas as u.r. que dissessem respeito a referências masculinas de importância, à figura paterna, e a símbolos fálicos (e.g. cigarro).
12	Melancolia	<i>“Do outro lado de mim, lá para trás de onde jazo, o silêncio da casa toca no infinito.”</i> (p. 28)	Considerou-se todas as u.r. que dissessem respeito a manifestações de luto patológico e depressão psicótica.

Tabela 1: *Categorias, seus respectivos significados e exemplos.*

4. CASO CLÍNICO

Nome: Bernardo Soares

Idade: aproximadamente 30 anos

Naturalidade: Portuguesa

Género: Masculino

Estado Civil: Solteiro

Profissão: Empregado de Comércio na casa Vasques e C.^a

“Não tive sequer castelos em Espanha, como os grandes espanhóis de todas as ilusões. Os meus foram de cartas de jogar, velhas, sujas, de um baralho incompleto com que não se poderia jogar nunca;”

(Soares, 1998, p. 43)

Bernardo Soares, homem com cerca de 30 anos, de estatura média, com “um metro e setenta de altura, e sessenta e um quilos de peso (...) sorriso grandemente metafórico para os que sonham que o sonho é sonho, e [amam] a verdade do exterior absoluto (...)” (Soares, 1998, p. 56).

Apresentava-se “ (...) curvado exageradamente quando sentado, mas menos quando de pé, vestido com um certo desleixo não inteiramente desleixado. Na face pálida e sem interesse de feições um ar de sofrimento não acrescentava interesse, e era difícil definir que espécie de sofrimento esse ar indicava — parecia indicar vários, privações, angústias, e aquele sofrimento que nasce da indiferença que provém de ter sofrido muito.” (Pessoa, 1915-1916 (cit *in*. Martins, F. C., 2008), 1998, p. 8).

“ (...) uma história sem vida (...)”

(Seixo, 1986, p. 26).

Encontramos em Bernardo Soares uma “melancolia, como o braço direito da mão que lhe faz escrita (...)” (Guerreiro, 2004, p. 16).

Refere-se à vida sem entusiasmo ou excitação, sendo esta para ele, “ (...) uma estalagem onde tenho que me demorar até que chegue a diligência do abismo. Não sei onde ela me levará, porque não sei nada. Poderia considerar esta estalagem uma prisão, porque estou compelido a aguardar nela; poderia considerá-la um lugar de sociáveis, porque aqui me encontro com outros. Não sou, porém, nem impaciente nem comum. Deixo ao que são os que se fecham no quarto,

deitados moles na cama onde esperam sem sono; deixo ao que fazem os que conversam nas salas, de onde as músicas e as vozes chegam cómodas até mim. Sento-me à porta e embebo meus olhos e ouvidos nas cores e nos sons da paisagem, e canto lento, para mim só, vagos cantos que componho enquanto espero.” (Soares, 1998, p. 12).

Bernardo Soares conta que ficou preso na “ (...) decadência e [na] perda total da inconsciência; porque a inconsciência é o fundamento da vida. O coração, se pudesse pensar, pararia.” (Soares, 1998, p. 11)

Parece um homem insatisfeito consigo e com a sua metafórica altura, pois, refere que “ (...) até à hora em que cesse este meu aspecto de mim, (...) o instinto da minha inimportância, o conforto de ser pequeno e de poder pensar em ser feliz. (...) Tudo em nós é acidente e malícia, e esta altura que temos, não a temos; não somos mais altos no alto que a nossa altura. (...) Respira-se melhor quando se é rico; é-se mais livre quando se é célebre (...) ” (Soares, 1998, pp. 56-57). Bernardo Soares, um homem sem grandes posses monetárias, que se vestia com “trajes simples, (...) um sobretudo velho, (...) [e um] casaco póstumo (...) ” (Soares, 1998, p. 26).

Bernardo Soares relata que perdeu a mãe muito cedo, – só tinha um ano –, e não se lembra dela. Por isso, sente-se triste e com saudades, “ (...) e tenho lágrimas, lágrimas das quentes dos que não tiveram mãe; e meus olhos que ardem dessas lágrimas mortas ardem dentro do meu coração.” (Soares, 1998, p. 26). Diz que “ [Nasceu] num tempo em que a maioria dos jovens haviam perdido a crença em Deus, pela mesma razão que os seus maiores a haviam tido – sem saber porquê” (Soares, 1930 (1998), p. 11), sentindo, que a sua “insensibilidade” daí advém, chegando a considerar-se “postição” devido à falta de carinhos maternos.

Chega mesmo a colocar em questão quem seria se outrora tivesse recebido o carinho de sua mãe, pois, considera-se dotado de uma indiferença sentimental que daí advém.

“Ah, é a saudade do outro que eu poderia ter sido dispersa e sobressalta! Quem outro seria eu se me tivessem dado carinho do que vem desde o ventre até aos beijos na cara pequena? (...) Talvez que a saudade de não ser filho tenha grande parte na minha indiferença sentimental. Quem, em criança, me apertou contra a cara não me podia apertar contra o coração. Essa estava longe, num jazigo (...) ”

(Soares, 1998, p. 27)

De seu pai apenas sabe que vivia longe, e que cometera suicídio quando ele tinha apenas três anos. Exalta que dele apenas sabe o nome, “ (...) disseram-me que se chamava Deus (...) Às vezes, à noite, quando me sinto só, chamo por ele e choro, e faço-me uma ideia dele que possa amar...” (Soares, 1998, p. 66).

“Estou tão cansado do meu abandono.”

(Soares, 1998, p. 67)

Considera Lisboa o seu lar, para onde foi trazido por um tio. Mas foi criado na província numa “casa velha das tias antigas [que] alberga, fechada contra o mundo, o chá das dez horas sonolentas, e o candeeiro de petróleo da (...) infância perdida (...) todo o [seu] passado morto.” (Soares, 1998, p. 29).

Bernardo Soares relata as suas conquistas, que aparecem sempre de forma atormentada pelo vazio “ (...) no meio de um deserto imenso (...) ” (Soares, 1998, p. 20) da sua existência. “Conquistei, palmo a palmo, o terreno interior que nascera meu. Reclamei, espaço a pequeno espaço, o pântano em que me quedara nulo. Pari meu ser infinito, mas tirei-me a ferros de mim mesmo.” (Soares, 1998, p. 20).

Sente-se sem grande valor, e o que o leva a sentir-se superior a alguns é a sua escrita nocturna. Pois, apenas essa o consola. “Em sonhos sou igual ao moço de fretes e à costureira. Só me distingue deles o saber escrever (...) Na alma sou seu igual” (Soares, 1998, p. 21).

Mesmo no trabalho que realiza em Lisboa, parece estar descontente, pois denota-se uma dose de ironia na forma de se referir ao local de trabalho, e um enaltecimento das noites de desconhecida celebridade literária. “...e do alto da majestade de todos os sonhos, ajudante de guarda-livros na cidade de Lisboa. (...) A glória nocturna de ser grande não sendo nada (...) E na mesa do meu quarto absurdo, reles, empregado e anónimo, escrevo palavras como a salvação da alma e douro-me (...) ” (Soares, 1998, p. 14).

Escreve num dos seus quartos alugados que “Ele mobilara — é impossível que não fosse à custa de algumas coisas essenciais — com um certo e aproximado luxo os seus dois quartos. Cuidara especialmente das cadeiras — de braços, fundas, moles —, dos reposteiros e dos tapetes. Dizia ele que assim se criara um interior «para manter a dignidade do tédio». No quarto à moderna o tédio torna-se desconforto, mágoa física.” (Pessoa, (1915-1916 cit *in*. Martins, F. C., 2008), 1998, p. 8).

A especulação do seu destino atormenta-o, pois receia ser para sempre ajudante de guarda-livros na “casa Vasques e C.^a (...) ” (Soares, 1998, p. 21), situada na Rua dos Douradores, tal como o segundo andar onde mora.

Querira ser mais, melhor, célebre e reconhecido. Parece que quando repudia quem o é, quem se tornou famoso e intemporal, está a defender-se do que não alcançou.

“Quantas vezes eu mesmo, (...) me encontro supondo que seria bom ser célebre, que seria agradável ser ameigado, que seria colorido ser triunfal!”

(Soares, 1998, p. 43)

Não são encontradas referências frequentes a sujeitos que passem ou tenham qualquer lugar na sua vida. Encontramos o Patrão Vasques, o Moreira e o Sérgio, grupos de gente que passeia pela baixa, e outros transeuntes aos quais não é dada qualquer importância. Refere contudo, uma vizinha aleijada, que tem uma planta tão mesquinha e solitária quanto a sua obra, que “será pobre mas existe (...)” (Soares, 1998, p. 19).

Contudo, Bernardo Soares era extremamente observador, reparando indiscutivelmente, em todos os sujeitos que por ele passassem, “ (...) não suspeitosamente, mas com um interesse especial; mas não as observava como que perscrutando-as, mas como que interessando-se por elas sem querer fixar-lhes as feições ou detalhar-lhes as manifestações de feitio.” (Pessoa, (1915-1916 cit *in*. Martins, F. C., 2008), 1998, p. 8).

“Nada o obrigara nunca a fazer nada. Em criança passara isoladamente. Aconteceu que nunca passou por nenhum agrupamento. Nunca frequentara um curso. Não pertencera nunca a uma multidão.” (Pessoa, (1915-1916 cit *in*. Martins, F. C., 2008), 1998, p. 8).

Sempre que Bernardo Soares menciona alguém, um outro ser, encontrou-se um enorme desprendimento, afastamento, quase como se houvesse alexitimia. Ele próprio diz: “Nunca amei ninguém” (Soares, 1998, p. 141).

“Tenbo ternura, ternura até às lágrimas, pelos meus livros de outros em que escituro, pelo tinteiro velho de que me sirvo, (...) Tenbo amor a isto talvez porque não tenba mais nada que amar (...)”

(Soares, 1998, p. 16)

Contudo considera-se um homem com alta inteligência, e com uma “compreensão profunda de estar sentindo (...) e um poder de sonho sôfrego de me entreter...uma vontade morta e uma reflexão que a embala, como a um filho vivo...” (Soares, 1998, p. 19).

Homem que “jantava sempre pouco” (Pessoa, (1915-1916 cit *in*. Martins, F. C., 2008), 1998, p. 8), tem alguns vícios, sendo um deles, o tabaco, “ (...) é o fumo do cigarro o que mais espiritualmente me reconstrói momentos passados.” (Soares, 1998, p. 251), e o vinho, hábito que aparece, como de tal forma habitual, que um empregado da casa de pasto, “o criado, [ao verificar] que a garrafa de vinho ficara em meio (...) disse: Até logo, senhor Soares, e desejo as melhoras ” (Soares, 1998, p. 23).

Deseja a todo o custo não pensar, procurando “hálito de música ou de sonho, (...) que faça não pensar” (Soares, 1998, p. 25).

Bernardo Soares narra um exagerado sono, não conseguindo contudo dormir, acabando por ser atacado por insónias que impulsionam a escrita do *Livro*. Diz que dorme e desdorme, que tem muito sono, mas que “Dormir horroriza-me como tudo” (Soares, 1998, p. 125). Apesar disso, parece que o sono também lhe é útil; pois, adormece-lhe o sentir e ajuda-o, na análise das sensações que chegam até ele.

“Meu cérebro dorme tudo quanto sinto.”

(Soares, 1998, p. 136)

Sente-se um pouco perdido de si, fechado num labirinto, como se vivesse de fora, se fosse mais que um.

“Sinto-me expulso da minha alma.”

(Soares, 1998, p. 124)

Parece que só fora de si se sente bem, pois exalta que: “Vivia por fora e o fato era limpo e novo.” (Soares, 1998, p. 99).

Homem de muitos medos e angústias, procura no pensamento um refúgio contra o que o atemoriza. Contudo, “Também na viagem do meu pensamento, tive monstros e medos com que arcar (...) No caminho para o abstracto, que está no fundo das coisas, há horrores, que passar, que os homens do mundo não imaginam e medos que ter que a experiência humana não conhece;” (Soares, 1998, p. 89).

Assim se refugia na imaginação, na irrealidade e na fantasia. Sonhar que se pode fugir, estar rodeado de alguém, que se pode viajar para bem longe do lugar negro e tumultuoso onde se encontra, aparece como uma tentativa de se manter vivo. Nunca lhe foi realmente possível fugir fisicamente, apesar de ser, aparentemente, no sonho acordado.

“A minha mania de criar um mundo falso acompanha-me ainda, e só na minha morte me abandonará. (...) Alinho na minha imaginação, confortavelmente, como quem no Inverno se aquece a uma lareira, figuras que habitam, e são constantes e vivas, na minha vida interior. Tenho um mundo de amigos dentro de mim, com vidas próprias, reais, definidas e imperfeitas. (...) Poder sonhar-me caixeiro-viajante foi sempre uma das minhas grandes ambições – irrealizável infelizmente!”

(Soares, 1998, p. 69)

Soares mostra ainda uma enorme violência, que acreditamos estar maioritariamente contida. Contudo, quando emerge, é expelida com enorme brutalidade.

“Invejo, mas não sei se invejo – aqueles de quem se pode escrever uma biografia, ou que podem escrever a própria. Nestas impressões sem nexos, nem desejo de nexos, narro indiferentemente a minha autobiografia sem factos, a minha história sem vida. São as minhas Confissões, e, se nelas nada digo, é que nada tenho que dizer.”

(Soares, 1998, p. 18)

Bernardo Soares acredita que são “ (...) todas essas coisas, embora não queira (...) [que se encontram] no fundo confuso da [sua] sensibilidade fatal.” (Soares, 1998, p. 27).

“Não tomando nada a sério, nem considerando que nos fosse dada, por certa, outra realidade que não as nossas sensações, nelas nos abrigamos, e a elas exploramos como a grandes países desconhecidos. E, se nos empregamos assiduamente, não só na contemplação estética mas também na expressão dos seus modos e resultados, é que a prosa ou o verso que escrevemos, destituídos de vontade de querer convencer o alheio entendimento ou mover a alheia vontade, é apenas como o falar alto de quem lê, feito para dar plena objectividade ao prazer subjectivo da leitura.

Sabemos bem que toda a obra tem que ser imperfeita, (...) Produzimo-la, é certo, para nos distrair, porém não como o preso que tece a palha, para se distrair do Destino, senão da menina que borda almofadas, para se distrair, sem mais nada. (...) Para todos nós descerá a noite e chegará a diligência. Gozo a brisa que me dão e a alma que me deram para gozá-la, e não interrogo mais nem procuro. Se o que deixar escrito no livro dos viajantes puder, relido um dia por outros, entretê-los também na passagem, será bem. Se não o lerem, nem se entretiverem, será bem também.”

(Soares, 1998, p. 12)

5. ANÁLISE E DISCUSSÃO

“A vida é um novelo que alguém emaranhou.”

(Soares, 1998, p. 218)

1. Apareceu, em Bernardo Soares um sofrimento, impregnado pela falta de holding materno (Winnicott, 1962), e uma mãe-pele que fosse capaz de assegurar a continuidade do bebê no princípio da realidade (Bick, 1967).
2. Encontrou-se Bernardo Soares numa posição limite, não tendo atingido a posição depressiva na sua totalidade (Klein, 1935), nem tendo ficado totalmente preso na posição esquizoparanóide (Klein, 1946).
3. Descobriu-se, uma enorme dificuldade em criar relações, que assentassem numa comunicação subjectiva e empática, dado a falta de identificações introjectivas (Seagal, 1975) por Bernardo Soares, não realizadas.
4. Bernardo Soares, apareceu-nos dotado de um “Sufrimento Persecutório (por ameaça do self)” (Sá, 2007, p. 37), típico da não passagem pela triangulação, e para a posição depressiva (Klein, 1935), bem como um “Sufrimento Depressivo (por ameaça aos/dos objectos internos)” (Sá, 2007, p. 37), referente à falha na introjecção de figuras significativas adequadas e responsivas (Winnicott, 1962).
5. Bernardo Soares, agraciado com a presença da figura materna até ao seu primeiro ano de vida, terá adquirido uma representação de objecto interno (Greenberg & Mitchell, 2003). Conquanto, dada a impossibilidade de viver plenamente esta relação materna, surgem as defesas maníacas que o impedem de cair numa ruína narcísica, e num depressão psicótica (Matos, 1997b), despoletando o uso sólido das identificações projectivas, carregadas de agressividade (Bion, 1967).
6. Dadas as identificações projectivas maciças, Bernardo Soares, tornou-se capaz de elaborar simbolicamente algum do seu material interno (Grinberg, 1976c), – e com recurso à projecção, de o colocar, de forma expressa, no *Livro do Desassossego*.
7. Concomitantemente, as suas defesas obsessivas, aparecem erguidas, sempre que algo ameaça descontinuar a sua “pseudo-organização” (Grinberg, 1976d).
8. Assim, perante frustrações e ansiedades, manifestaram-se emergências abruptas de processo primário (Seagal, 1975), uma “difusão de identidade” (Erickson, 1959; 1968) – consequente da não elaboração da posição depressiva, falta de mãe continente (Bion, 1963) e inexistência de triangulação.

Encontrou-se em Bernardo Soares uma perda precoce de figuras significativas, o que nos levou a considerar que o mesmo sofreu de uma “privação” (Winnicott, 1962a) de cuidados maternos (e paternos). O termo “privação” foi postulado por Winnicott (1962a), para nos dar conta duma ausência de cuidados básicos, afectivos estáveis, e adequados, que condicionaria a criança ao não desenvolvimento de um self estável e com capacidades de maturação independentes, o que levou Bernardo Soares a uma “dependência absoluta” (Winnicott, 1962a).

Esta falta de cuidados, parece ter sido a causa da constituição dos “estados psicóticos” (Sá, 2004) de Bernardo Soares. Pois, segundo Sá, “em consequência de um objecto depressígeno, em vez de corpo e mente constituírem uma harmonia melódica, prevalece (...) o silêncio, isso faz com que, em vez de um pensamento, o pensamento do corpo e o pensamento nas palavras se tornem inconciliáveis, constituindo estados psicóticos. Estados, repito. Silêncios recíprocos que necessitam da maternalidade de alguém que os acolha e os transforme”. (Sá, 2004, p. 10).

“Escrevo embalando-me, como uma mãe louca a um filho morto.”

(Soares, 1998, p. 107)

Foi-nos possível observar, que a perda da mãe numa idade tão precoce – “Não me lembro da minha mãe. Ela morreu tinha eu um ano.” (Soares, 1998, p. 26) –, levou a uma falha na relação entre o continente e conteúdo¹ (Bion, 1963), na *rêverie* materna (Bion, 1962) e no *holding* materno (Winnicott, 1962), que aparecem de forma quase inexistente. Não se encontrou na mãe de Bernardo Soares, ressonância do estado de “*Preocupação Materna Primária*” de Winnicott (1956), fazendo-o implorar, “Vai buscar, ò Vento, a minha Mãe.” (Soares, 1998, p. 67). Assim, deparámo-nos com uma falha na realização da função alfa materna, e na incapacidade de ser continente com o seu bebé.

Para Winnicott (1956) a mãe que não é apenas uma “mãe devotada comum” (Winnicott, 1949, cit *in*. Winnicott, 1956) tenderá a, durante e após o nascimento do seu bebé, ficar num estado de “doença normal (...) que lhe possibilitaria a adaptação sensível e delicada às necessidades do bebé nos primeiros momentos” assim, seria um “estado muito especial da mãe, um estado psicológico que merece um nome, tal como *Preocupação Materna Primária* (...)” (Winnicott, 1956, p. 401).

¹ Entre os elementos beta e a função alfa, é possível o reconhecimento do termo “continente/conteúdo”, de Bion (1962; 1963). Este é representante da metáfora do seio mãe/bebé, sendo importantíssimo na formação da personalidade, e na forma como é processado o pensamento. Bion (1963), irá substituir este termo pelos símbolos ♀♂, como forma de não gerar tanta polémica, achando ainda, que apresentados desta forma, os símbolos não trariam com eles agregados tantas suposições pré-formadas (Symington & Symington, 1999).

Acentuando esta posição de Winnicott (1956), acerca da disponibilidade, para as trocas entre mãe e bebê, Sá (2004) afirma que “a mãe, dotada de função alfa, não será a tradutora dos elementos beta primitivos”, olhando então, para a função alfa, como “a função que estrutura uma relação em que mãe e bebê se acolhem e elaboram numa reciprocidade onde, o ritmo de um e o de outro, se compatibilizam num estado de transparência e de comunhão que funda o desejo de vida e fé no amor”. (Sá, 2004, p.7). Bernardo Soares, privado de tal comunhão interroga-se acerca de “Que rainha imperiosa guarda ao pé dos seus lagos a memória da minha vida partida?” (Soares, 1998, p. 107), mostrando-nos a falha na reciprocidade entre si e a mãe.

Importa acrescentar que se a mãe for insegura, estiver sob stress ou deprimida, – o que parece ter ocorrido na mãe de Bernardo Soares dada a referência do mesmo, à falta de amparo paterno, “De meu pai sei o nome (...)” (Soares, 1998, p. 66) – esta poderá “afectar fisiologicamente o feto”, (Sá, 2004). Logo, é necessário realçar a importância da relação que é criada entre mãe e bebê *in útero*, dado o seu interesse, e influência nos subsequentes processos de desenvolvimento. Se a mãe idealizar o seu bebê – “bebê imaginário” (Lebovici, 1983) – e não for capaz de aceitar o “bebê real” (Lebovici, 1983) que nasce e necessita dela, poderá levar a graves desarmonias rítmicas entre ambos – o que se verificou e comprometeu todos os processos de desenvolvimento de Bernardo Soares.

Como a mãe de Bernardo Soares, não parece ter sido capaz de aceitar, ou lidar com o seu bebê, sentindo-se incapaz de cuidar dele, Bernardo Soares ficou submetido ao medo da individualização/autonomia, visível na sua forma de fugir do mundo, pois refere “Não toquemos a vida nem com as pontas dos dedos.” (Soares, 1998, p. 186). Este fechamento, derivaria duma angústia de separação, que como nos afirma Sá (2004), será fruto de uma angústia paranóide que a mãe irá projectar no filho, sendo esta expressa pelo mesmo, quando Bernardo Soares refere não saber “Que olhos me fitam na oleógrafia? Estou quase a tremer.” (Soares, 1998, p. 24).

Assim, esta mãe insegura será demasiado funcional, tentando moldar o bebê às suas próprias competências, ao invés de tentar levá-las ao encontro das necessidades expressas subjectivamente por ele (Sá, 2004), deixando Bernardo Soares, com a ideia de ser “Um pobre órfão abandonado nas ruas das sensações (...)” (Soares, 1998, p. 66).

Retomando a falha na relação precoce entre Bernardo Soares e sua mãe, encontrou-se em Bion (1962), referência, à importância das trocas constantes entre os dois sujeitos. Pois desde o momento do nascimento, a mãe e o bebê estão em constante interacção, e, esta troca interactiva é a entidade que fornece ao bebê a função de simbolizar (função alfa), através da capacidade de *rêverie* da sua mãe. Esta capacidade de *rêverie* da mãe servirá para sustentar os elementos beta insuportavelmente assustadores, frustrantes e ameaçadores que residem na mente do seu bebê, e

que este projecta para a sua mãe², para que possam – através da função alfa da mãe – ser recebidos, elaborados ou transformados numa forma tolerável para a criança que os recebe, ganhem significado e se tornem passíveis de ser processados pela mente, tornando-se assim, presentes no acto de pensar.

“Tal é a lei do que tem que ser esquecido porque não pode ser explicado.”

(Soares, 1998, p. 264)

Esta noção de Bion (1962; 1963) da mãe que contem a dor psíquica do seu bebé – ajudando-o a elaborar os pensamentos consoante o desenvolvimento deste – assemelha-se à noção de Eu-pele de Anzieu (1985) que corresponde ao ego, no seu estado primitivo e original, em relação com as sensações corporais transmitidas entre mãe e bebé. Sendo que, num estágio precoce do desenvolvimento, a criança acredita que a sua pele e a da mãe serão as mesmas. Só posteriormente é que a criança será capaz de perceber que a sua pele, é diferente da pertencente à mãe, – uma correcta constituição do Eu-pele promove a individualização e “ (...) é o fundamento da própria possibilidade do pensamento (...) ”. (Anzieu, 1985, p. 40). Não tendo existido esta correcta constituição, Bernardo Soares interroga-se acerca “ (...) do regaço da rainha que me falta cai, como um episódio do bordado inútil. ” (Soares, 1998, p. 218).

Anzieu (1977; 1985) enfatiza mesmo, a importância das trocas térmicas e do toque na constituição duma noção contentora da mãe, que caso não exista – o que nos parece ter acontecido, dada a morte precoce da mãe de Bernardo Soares – seria responsável por inúmeras patologias que diferem consoante a constituição do Eu-pele, pois este é, “ (...) como um envelope suficientemente flexível às interações do meio e suficientemente continente daquilo que se torna então nos conteúdos psíquicos” (Anzieu, 1985, p. 85).

“Nasci talvez, espiritualmente, num curto dia de Inverno. Chegou cedo a noite ao meu ser.”

(Soares, 1998, p. 250)

Se o sujeito for privado de função alfa, – o que aconteceu a Bernardo Soares, sendo referido por si que “ (...) o «como» do como sempre me escapou.” (Soares, 1998, p. 155) –, responsável pelo reconhecimento dos elementos beta *per se*, e pela sua transformação em elementos alfa que, sendo filtrados por dados de experiências emocionais (com o cunho da

² É importante referir que o bebé, ao nascer, está repleto de elementos beta, ou seja, elementos em bruto e inseridos num sistema protomental, sendo experimentados no soma e na *psique* (Bion, 1963). Estes, serão acontecimentos que não poderão “ser acolhidos à mente”, sendo então “dados em bruto” que sendo “sentidos como coisas-em-si mesmas”, não são passíveis de ser pensadas, dando lugar a uma necessidade de evacuação “destes corpos estranhos à mente” que não poderão ser elaborados, ou adquirir significados (Bion, 1963; 1965; 1967).

função alfa), podem ser processados como elementos – alfa – passíveis e possíveis de serem pensados, armazenados como memórias e sonhados, objectiva e subjectivamente, dotando a mente do pensador duma intrínseca capacidade de transmutar – em pensamentos – a experiência emocional básica (Bion, cit *in*. Symington & Symington, 1999). Se existirem elementos beta, recusados pelo processamento da mesma, estamos perante elementos beta primários ou primitivos, que poderão estar na génese delirante e alucinatória que foge ao “teste da realidade” (Freud, 1938), encontrada em Bernardo Soares, aquando este escreve sob emergência de processo primário – deixando-o encerrado num “terror sem nome” que se encontra repleto de pensamento concretos, proto-pensamentos ou elementos beta primários ou primitivos. (Bion, 1963; 1965; 1967).

“ (Urna inclinada, o crepúsculo verte sobre nós um óleo de onde as horas, pétalas de rodas, bóiam espaçadamente.) ”

(Soares, 1998, p. 229)

Encontramos, relatos do *Livro*, onde existe a afirmação de que não houve ninguém que fosse capaz de libertar Soares do “desamparo da fome” (Salgueiro, 2002, p. 2); nem mesmo as tias velhas da província. Levando-nos a perspectivar uma falta de investimento em Bernardo Soares, por parte de algum objecto significativo que fosse gratificante para ele, sendo ainda capaz de o investir de forma afectiva e narcísica.

“As tias velhas dos que as tiveram (...)”

(Soares, 1998, p. 222)

Mostrou-se que, um importante factor etiológico na disposição (ou pré-disposição) depressiva é o facto de a criança ter sido investida narcísica e negativamente pela mãe.

“Nós não podemos amar, filho.”

(Soares, 1998, p. 228)

Este investimento narcísico negativo, corresponde em Bernardo Soares à não valorização por parte da mãe, por não corresponder ao objecto narcísico idealizado que ela tinha projectado no filho (Matos, 1980a), não tendo o “bebé real” ido ao encontro das expectativas depositadas no “bebé imaginário” (Lebovici, 1983). Esta forma de investir em Bernardo Soares, regulou uma relação, onde este é condicionado a atingir um Eu Ideal, que o prendeu numa tentativa inglória

de ficar realmente satisfeito e “cheio” narcisicamente, com os objectivos atingidos por si mesmo (Matos, 1980a).

“Pasma sempre quando acabo qualquer coisa. Pasma e desolo-me.”

(Soares, 1998, p. 105)

Para Matos (1982a) outro traço característico da predisposição depressiva é uma “relação de objecto de cariz narcísico” (Matos, 1982a, p. 183), onde o sujeito valoriza narcisicamente o objecto, sentindo-se dependente e inferior ao mesmo, levando a um abaixamento da auto-estima, e a uma procura pela “rainha” – mãe – de Bernardo Soares. O sujeito dependente tem a tendência de se ligar a “*self-objects*”, pois não foi capaz de constituir um. Isto levará à manutenção da dependência, que se generaliza para todas as ligações relacionais, que o sujeito vai estabelecer ao longo da vida (Matos, 1980a).

Estes *self-objects*, são objectos que encontramos ao serviço do self do sujeito, e consequentemente, ao serviço da manutenção do narcisismo do mesmo. Os *self-objects* terão, segundo Kohut (1971; 1977), duas modalidades de ligação relativas ao self – que estão sempre ligadas às figuras parentais. Assim, existe o self grandioso (objectos do self especulares) e a imago parental idealizada (objectos do self idealizados).

O self grandioso relaciona-se com as trocas efectuadas entre mãe e bebé, onde é encontrado um cariz exibicionista – assente numa fantasia de grandiosidade – e, um ênfase no self do sujeito, e não no objecto – que serve para confirmar a grandiosidade do bebé (Kohut, 1971; 1977). Este estado poderia ter sido ultrapassado por Bernardo Soares, se tivessem existido figuras significativas empáticas e afectivas, que funcionassem de forma semelhante à noção de *rêverie* de Bion (1962; 1963; 1965), não o deixando preso numa onipotência infantil e megalómana, onde – devido à falta de investimento – com frequência se defende maniacamente, referindo “Considero-me feliz por já não ter parentes. Não me vejo assim na obrigação, que inevitavelmente me pesaria, de ter que amar alguém.” (Soares, 1998, p. 140).

Já a imago parental idealizada prende-se com o pós-Édipo – não atingido por Bernardo Soares, que não acedeu à triangulação –, particularmente com a homeostasia e equilíbrio entre os desejos e a moral, só possíveis quando a fantasia de grandiosidade se liga com a procura duma imagem parental ideal. Então, após a passagem pelo narcisismo – que deveria ter ocorrido, desde que tivesse existido investimento narcísico e sanígeno em Bernardo Soares –, e por conseguinte pelo self grandioso, o objecto passaria a ser percebido de forma idealizada. Isto levaria – contrariamente a ocorrido, e à acentuação de Bernardo Soares de que se “ [Fabricou] a tintas

falsas, result[ando] em império de trapeira” (Soares, 1998, p. 275) – à maturação do psiquismo e à formação dum self coeso, devido a internalizações de algumas funções dos *self objects* (Kohut, 1971; 1977)³.

Parece que em Bernardo Soares, nada foi suficiente para colmatar um mau estar que advém da procura incessante pela perfeição idealizada e nunca atingível. Pois, as mães de sujeitos que apresentam uma disposição depressiva, são mães que não sendo “suficientemente boas” (Winnicott, 1962a) demonstram-se incapazes de realizar a sua função de *holding* materno/sustentação (Winnicott, 1962a), tal como foi expresso pelos relatos de Bernardo Soares, acerca de todas as figuras que podendo realizar esta função, nunca o fizeram.

“Para os mais naturalmente íntimos fui sempre um hóspede, que, por hóspede, é bem tratado, mas sempre com a atenção devida ao estranho, e a falta de afeição merecida pelo intruso. (...) Órfão da Fortuna, tenho, como todos os órfãos, a necessidade de ser objecto de afeição de alguém. Passei sempre fome da realização dessa necessidade. Tanto me adaptei à fome inevitável que, por vezes, nem sei se sinto a necessidade de comer.”

(Soares, 1998, p. 268)

Esta falta de resposta, e de compreensão rítmica subjectiva entre a mãe e o seu bebé, acabaram por encerrar o último – Bernardo Soares – numa experiência insatisfatória que levou a um vazio traumático⁴ (Matos, 1979a), e a uma “angústia de inabilidade (...) é o estado de que se está vazio, privado de sentido, e, pior, privado de significância” (Recamier, 1980, p. 88).

“Morreu quem eu nunca fui. Esqueceu a Deus quem eu havia de ser. Só o interlúdio vazio.”

(Soares, 1998, p. 252)

Visto que a identidade do bebé, depende na sua maioria, da forma como a mãe o olha, e estabelece relações com ele (Winnicott, 1956; Salgueiro, 2002) tornou-se compreensível a falha no vínculo relacional entre esta mãe e Bernardo Soares. Pois, as identificações inconscientes, efectuadas em fases tão precoces do desenvolvimento realizam-se, – maioritariamente – com a figura materna (Grinberg, 1976a), que neste caso cedo quedou.

³ Kerneberg (1980) discorda que o self grandioso tenha uma evolução separada da idealização das figuras parentais, acreditando, que este estado de self grandioso faz parte da evolução maturativa normal de qualquer ser humano. E refere que uma evolução narcísica da personalidade, terá por base um conflito intrapsíquico.

⁴ Grotstein (1999), procurou entender a experiência da força pavorosa da impotência, da falta, do Nada, da «nulidade» [«Zero-ness»], expressa não só como um vazio estático, mas também como uma atracção implosiva e centrípeta para o vácuo. De modo a encontrar uma explicação para o vazio estático, apoiou-se na teoria de Bion (1962) onde este, procura uma explicação que consiga dar nome aos conteúdos sem significado. Estes conteúdos (os elementos beta primários), designam dados de experiência emocional não processados, sendo diferentes dos elementos beta *per si*.

“Minha mãe morreu muito cedo, e eu não a cheguei a conhecer....”

(Soares, 1998, p. 175)

Devido à morte da figura materna, numa fase maturativa em que Bernardo Soares ainda não seria capaz de fazer uso objectivo da linguagem, encontramos identificações projectivas maciças, – que no seu caso, seriam acompanhadas de inveja e agressividade⁵ (Bion, 1967).

“Meus pobres companheiros que sonham alto, como os invejo e os desprezo!”

(Soares, 1998, p. 48)

Este uso de identificações projectivas maciças, deveu-se à imaturidade egóica de Bernardo Soares, aquando a perda da sua figura significativa (Seagal, 1975). Pois, este não teria ainda atingido a maturidade necessária, para que – sozinho – fosse capaz de resistir e ultrapassar as ansiedades advindas da “polaridade inata dos instintos o conflito imediato entre o instinto de vida e o instinto de morte –, assim como é imediatamente exposto ao impacto da realidade externa, que tanto produz ansiedade, como o trauma do nascimento, quanto lhe dá a vida, como o calor, o amor e a alimentação recebidos pela sua mãe. [leva a que] Quando confrontado com a ansiedade produzida pelo instinto de morte, o ego deflecte.” (Seagal, 1975, p. 37).

“Uma mão fria aperta-me a garganta e não me deixa respirar a vida.”

(Soares, 1998, p. 98).

Segundo Freud (1938) o objectivo dos instintos pode modificar-se através do deslocamento, podendo existir transferências de energia de um instinto para o outro⁶. Assim, ele fala-nos em “dois instintos básicos, *Eros* e o instinto destrutivo (*Tanatos*)” (Freud, 1938, p. 15). O “*Eros*”, posteriormente chamado de libido, conservaria dentro de si o amor objectal e o amor do ego (o narcisismo primário, proveniente da libido armazenada no Ego), bem como a tendência à conservação da espécie (Freud, 1938), algo que não foi descoberto em Bernardo Soares. Contrariamente, encontrou-se o “*Tanatos*”, que teria a tendência a destruir, (o interior do sujeito, quando lá permanece sob uma inflexão da agressividade, ou o exterior quando a agressividade é

⁵ Klein (1930) afirma que para o bebé, “o objectivo dominante é apoderar-se do conteúdo do corpo da mãe e destruí-lo através de todas as armas que o sadismo consegue comandar.” (Klein, 1930, p. 236), começando então a aproximar-se das suas postulações posteriores (Klein, 1946) acerca da agressividade da criança, e das suas ansiedades paranóides, presentes no início do desenvolvimento.

⁶ Estes dois instintos coexistem em todas as fases de desenvolvimento humano, sendo ambos extremamente importantes, de forma a ser alcançada a homeostase, dado que, a colisão e integração entre eles, dará “origem a todos os fenómenos de vida” (Freud, 1938, p. 16).

projectada) chegando mesmo a ter propensão para “levar o que é vivo a um estado inorgânico. Por essa razão, chamamo-lo também instinto de morte.” (Freud, 1938, p. 16).

“Tudo morre em mim, mesmo o saber que posso sonhar!”

(Soares, 1998, p. 98)

Klein (1946) – corroborando Freud (1938) – diz-nos que esta deflexão do instinto de morte, é constituída por projecção, e pela transformação do mesmo em agressividade. Agressividade esta, que será projectada no objecto (a mãe), mais concretamente para o seio da mesma, passando então, a ser percebido pelo bebé como um seio mau, que contém todas as emoções e sentimentos negativos, presentes no instinto de morte⁷.

“A minha vida é como se me batessem com ela!”

(Soares, 1998, p. 62)

Internamente, encontrou-se uma inflexão da agressividade, expressa pelo repúdio violento que Bernardo expressou dele próprio, – visível no caso clínico – enquanto que externamente, foi visível a forma demeritória com que se refere a outros, seus semelhantes – através duma agressividade indirectamente projectada para a mãe, como nos veicula Fairbairn (1940). Portanto, numa fase precoce Bernardo Soares, parece ter sentido que a mãe não gostava dele, que não foi amado e que o amor que sentiu para com a sua mãe, não foi aceite enquanto tal.

“Se um dia amasse, não seria amado.”

(Soares, 1998, p. 268)

Projectada a agressividade – no seio materno, com recurso da clivagem –, Bernardo Soares ficou perante um perseguidor medonho, que clivado e fragmentado aparece sob vários perseguidores. (Klein, 1946). Dada a falta de seio ideal, – apoiada nas experiências gratificantes do bebé com a sua mãe, que em Bernardo Soares encontramos sentidas, enquanto artificiais, “ Nos teus colares de pérolas fingidas amaram comigo as minhas horas melhores.” (Soares, 1998, p. 206) – a perseguição não cessou, transformando-se numa ameaça de aniquilamento constante, expressa nele (Seagal, 1975).

⁷ Seagal (1975) baseando-se em Klein (1946), refere que o medo originalmente contido no instinto de morte, é transformado (via projecção no seio) num perseguidor medonho. Tendo em conta uma clivagem do seio, que se encontra fragmentado, devido aos ataques do bebé, passando o perseguidor, a ser percebido como vários perseguidores que ameaçam, tendo o bebé de (face à parte do instinto de morte que permanece no eu) os atacar e destruir.

“Somos morte.”

(Soares, 1998, p. 121)

Assim, segundo Klein (1946) e corroborado por Seagal (1975), as fantasias criadas em torno do objecto perseguidor, serão semelhantemente dependentes, das acções que a mãe real terá para com o seu bebé.

“(...) como se no caixão me fechassem a respiração eterna de uma alma (...) como se ali triturassem de clausura o imortal.”

(Soares, 1998, p. 115)

Ou seja, se o bebé se sentir privado ou frustrado de algo, ou se existir alguma atitude objectiva ou subjectiva da mãe que lhe implique algum sofrimento ou ameaça, ele verá isto como um ataque dos perseguidores que imagina fazerem parte do seio mau, onde projectou os medos e receios do instinto de morte. Estes objectos maus, poderão ser sentidos como internos, levando a pensamentos e receios hipocondríacos, ou, como externos e ameaçadores (Seagal, 1975). Então, pôde-se encontrar uma base de sustentação, indicadora da “privação” (Winnicott, 1962a), – mesmo na presença física – da mãe de Bernardo Soares.

“(...) baba da grande Aranha, nos liga subtilmente ao que está perto, enleando-nos num leito leve de morte lenta (...)”

(Soares, 1998, pp. 114-115)

O óbito da mãe de Bernardo Soares, deu-se quando este ainda se encontrava na passagem da posição esquizoparanóide para a depressiva (visto que a passagem só ocorre na segunda metade do primeiro ano de vida da criança (Klein, 1935)). Aparecendo-nos, a mãe destituída de partes boas – face à destruição das mesmas, pelo sadismo invejoso do bebé –, o que o leva a acreditar que destruiu todas as partes boas do seio materno, sobrando apenas partes más, sem qualquer valor (Klein, 1957).

“Choro de tudo, entre perda do regaço, a morte da mão que me davam, os braços que não soube como me cingissem, o ombro que nunca poderia ter...”

(Soares, 1998, p. 272)

Assim, Bernardo Soares ficou preso nos processos de identificação projectiva⁸, dotando-o, (estes) da sua enorme capacidade de formar símbolos (Grinberg, 1976c), não o permitindo contudo, adquirir tolerância à frustração, criar vínculos, elaborar (maioritariamente) mecanismos defensivos em processo secundário, e um contacto vincado com a realidade exterior.

“A minha mania de criar um mundo falso acompanha-me ainda, e só na minha morte me abandonará.”

(Soares, 1998, p. 69)

Para Klein (cit. *in*. Bégoïn, 2005), o conceito de identificação projectiva “condensa os mecanismos de defesa psíquicos de clivagem de projecção e de identificação” (Bégoïn, 2005, p. 53). Segundo Bégoïn (2005) ao definir o conceito de identificação projectiva, como foi acima referido, Klein “dava a primeira descrição dos mecanismos que sustentem o fenómeno da identificação narcísica descoberto por Freud, quer dizer, um modo de identificação pelo qual o sujeito se aproxima de certas características do objecto.” (Bégoïn, 2005, p. 53).

Encontrou-se em Bernardo Soares, – devido ao cunho das identificações projectivas – formações simbólicas, bem como, “a forma mais primitiva de empatia.” (Seagal, 1975, p. 48), natural no desenvolvimento da criança. Contudo, não encontramos mecanismos de identificação introjectiva, que seriam catalizadores – quando encontrados de forma conjunta com os de identificação projectiva –, da capacidade de se saber colocar no lugar do outro, identificando e compreendendo as suas emoções, sensações e sentimentos.

“Por isso, contudo, os amo a todos. Meus queridos vegetais!”

(Soares, 1998, p. 202)

Os dois mecanismos de identificação acima referidos, teriam de ter caminhado a par e passo, para que a empatia esperada nos seres humanos, propulsora de relações sociais, amorosas e profissionais (Seagal, 1975) fosse descoberta em Bernardo Soares.

O mecanismo de identificação projectiva também é produtor de várias ansiedades, intensificando-se a partir do momento em que a mãe (real e externa), começa a ser percebida enquanto um objecto total (Klein, 1946). Estas ansiedades produzidas pela identificação projectiva, podem ser de duas ordens; uma ansiedade provocada por medo que o objecto atacado, por via da projecção, se vingue com igual, ou maior intensidade, ou, uma ansiedade

⁸ No entanto, não nos podemos esquecer de referir os mecanismos de “negação mágica onipotente” ligados tal como a clivagem, a uma idealização do objecto ideal (Seagal, 1975), pois “Quando a perseguição é muito intensa para ser suportada, ela pode ser completamente negada. Essa negação mágica baseia-se numa fantasia de total aniquilação dos perseguidores.” (Seagal, 1975, p. 39).

provocada por falta de controlo de partes suas (do bebé) que foram igualmente projectadas no objecto mau. Esta última ansiedade pode gerar um sentimento de vulnerabilidade, ou vazio, face a qualidades que foram projectadas no objecto e que poderão ser sentidas como perdidas e não recuperáveis (Seagal, 1975), dando, a Bernardo Soares, a sensação “O meu coração esvazia-se sem querer como um balde roto.” (Soares, 1998, p. 106).

O acima referido levanta um grave problema no desenrolar do desenvolvimento de Bernardo Soares, pois, as qualidades do objecto foram destruídas face a uma tentativa invejosa de sobrevalorização, acabando este, numa fase precoce do desenvolvimento, por não ter as partes boas do objecto para introjectar. Posto isto, as boas introjecções não sucederam, por terem sido tornadas más ou negativas, o que “priva o ego de sua capacidade de crescimento e assimilação, a qual diminuiria o sentimento de uma tremenda brecha entre si mesmo e o objecto; surge então um ciclo vicioso, no qual a inveja impede a introjecção boa; isso por sua vez aumenta a inveja” (Seagal, 1975, p. 53).

Então Bernardo Soares, terá acreditado (numa fase precoce do desenvolvimento) que os seus ataques invejosos destruíram o seio materno, levando-o a perceber o seio como despido de valor e “mau por ter sido mordido e envenenado com urina e fezes. A inveja excessiva aumenta a *intensidade* desses ataques e a sua *duração* (...)” (Klein, 1957, p. 218) e, conseqüentemente, a recuperação do bom parece ser inalcançável.

“O cansaço de todas as ilusões e de tudo o que há nas ilusões – a perda delas, a inutilidade de as ter, o antecansaço de ter que as ter para perdê-las, a mágoa de as ter tido, a vergonha intelectual de as ter tido sabendo que teriam tal fim.”

(Soares, 1998, p. 53)

Assim, Bernardo Soares, apresentou-se preso nos sentimentos invejosos – devido à não passagem para a triangulação (assunto posteriormente desenvolvido) –, relacionados com “ (...) o primeiro mecanismo de defesa levantado pelo ego [que] diz respeito a duas fontes de perigo: o sadismo do próprio sujeito e o objecto atacado (...)” (Klein, 1930, p. 252).

“E «carne e osso» de facto, as descreve bem: parecem coisas cortadas postas no exterior mármoreo de um talbo, mortas sangrando como vidas, pernas e costeletas do Destino.”

(Soares, 1998, p. 204)

Como tal, Bernardo Soares atacou o objecto de forma hostil, ficando preso num estado confusional, onde o bom e o mau entram em choque (Rosenfeld, 1971). É possível observar em Bernardo Soares uma vulnerabilidade enorme de, – face a uma qualquer barreira, ou insatisfação

– cair numa cisão entre o bom e o mau objecto, extremamente desintegradora de si (Steiner, 1987).

“Felizes dos sofrem com unidade! Aqueles a quem a angústia altera mas não divide (...)”

(Soares, 1998, p. 164)

Assim, – face à inveja de Bernardo Soares – Seagal (1975), acredita que sendo demasiado intensa, o mecanismo de clivagem necessário na posição esquizoparanóide (objecto bom versus objecto mau) ficará condenado a uma visão de objecto mau homogénea. Visto que o objecto bom ideal foi precocemente atacado de forma invejosa, Bernardo Soares deparou-se com falta do mesmo, sendo impossível a realização de uma identificação evolutiva. Consequentemente, não houve uma adequada evolução, e vincada diferenciação entre o bom e o mau.

Logo, sempre que Bernardo Soares se sente incapaz, de ser tão idealmente bom quanto o objecto, tenderá a submeter-se ao “desejo de ele próprio ser a fonte de tal perfeição” (Seagal, 1975, p. 52). Isso, leva-o a danificar as boas qualidades do objecto invejado, a fim de não se sentir tão “esmagado” por elas. Pois, a parte invejada (o seio bom) será a mãe que gratifica, conforta, alimenta, dá afectos, é sábia, compreende e ama, tornando-se assim, um objecto difícil de igualar. Esta dificuldade de igualar este objecto idealizado, estará na base de penosos sentimentos de desvalorização sentidos por Bernardo Soares como insuportáveis.

“Levo comigo a consciência da derrota como um pendão de vitória.”

(Soares, 1998, p. 44)

Estes sentimentos de incapacidade encontrados em Bernardo Soares, derivam de “uma relação de duas partes, na qual o sujeito inveja o objecto por alguma posse ou qualidade; nenhum outro objecto vivo precisa entrar nessa relação” (Seagal, 1975, p. 52). Para Matos (1979b) estes sentimentos invejosos, referem-se sempre a um sentimento de “incompletude narcísica” (Matos, 1979b, p. 133), aqui relacionadas com a relação com o objecto primordial, onde Bernardo Soares terá ficado preso, devido à sobrevalorização do mesmo, sendo a única saída, diminuí-lo, para se poder elevar (Matos, 1979b).

“Fazer qualquer coisa completa, inteira, seja boa ou seja má (...) causa-me, talvez, mais inveja do que outro qualquer sentimento.”

(Soares, 1998, pp. 64-65)

Como Bernardo Soares não encontrou um objecto ideal, – mas apenas as partes boas desse objecto ideal, transformadas em más (pela projecção, em perseguidores) – ele não ficou

apto a percorrer um caminho que o levasse à percepção de um objecto total, o que estaria na base do caminho para a posição depressiva, e à entrada no complexo de Édipo. Bernardo Soares, ficou então encerrado na patologia da posição esquizoparanóide (Seagal, 1975).

Se o sujeito sentir que não consegue evitar a ansiedade, que advém do mecanismo de identificação projectiva, poder-se-á desintegrar, a fim de fugir a esta “ansiedade aguda específica” (Seagal, 1975).

“Ah, quem me salvará de existir? Não é a morte que quero, nem a vida: é aquela outra coisa que brilha no fundo da ânsia como um diamante possível numa cova a que não se pode descer.”

(Soares, 1998, p. 150)

Dada a falha visível, em Bernardo Soares, na interligação de ambos os mecanismos de identificação acima mencionados, encontrou-se assim, uma explicação para a ausência de relações sociais – “Desperdiçamos a nossa personalidade em orgias de coexistência.” (Soares, 1998, p. 141) –, sustentadas pela existência dos objectos bizarros⁹, cheios de agressividade, ódio e hostilidade, que se encontram relacionados com “o carácter do objecto real (...) e, em parte, do carácter da partícula da personalidade que o engolfa” (Bion, 1957, p. 73). Eles levaram à coisificação de certas partes da personalidade de Bernardo Soares, que deveriam servir (numa forma saudável) para a criação de ideias e de matrizes de comunicação – que ficaram comprometidas no caso do mesmo –, culminando numa capacidade simbólica e de abstracção com ligação a um aparelho de pensar os pensamentos.

“Dói-me qualquer sentimento que desconheço;”

(Soares, 1998, p. 52)

Logo, sem resposta, ou *rêverie* materna (Bion, 1962) que lhe valessem, – e rodeado de elementos beta assustadores, e ameaçadores –, a procura por uma base segura, onde fosse sólido depositá-los, apareceu-lhe como impossível. Encarcerou-se então, acompanhado deles, numa dor psíquica, sem Eu-pele (Anzieu, 1985), que permitisse – face a um meio continente – a elaboração destes conteúdos psíquicos primitivos, “sentidos como coisas-em-si mesmas” (Bion, 1963; 1965; 1967).

⁹ Bion (1967) postula que, se o bebé não é capaz de fugir às ansiedades da identificação projectiva, o ego fica dissociado, devido aos fragmentos projectados no objecto. Assim, ele refere que estes fragmentos são percebidos pela criança como “objectos bizarros” que o ameaçam e perseguem. Face ao medo de ser atacado violentamente por estes objectos bizarros, o bebé cliva a realidade, retirando-se dela progressivamente.

“Cantava, em uma voz muito suave, uma canção de país longínquo. A música tornava familiares as palavras incógnitas. Parecia o fado para a alma, mas não tinha com ele semelhança alguma.”

(Soares, 1998, p. 255)

No acima referido, reside a origem dos delírios de Bernardo Soares, – não contemplado de “pele mental” (Dias, 2004) – que o empurram para fora “do teste da realidade” (Freud, 1938), encarcerando-o num “terror sem nome” (Bion, 1963; 1965; 1967), e numa “falha fundamental” (Balint, cit *in*. Milheiro, 1985a) desastrosa para o posterior desenvolvimento narcísico do sujeito, levando Bernardo Soares a cair num sentimento depressivo sempre que são encontrados obstáculos no caminho, bem como numa paralisação do Eu, que se prende com um sentimento de incapacidade impresso, manifesto por um enorme desespero e impotência (Grinberg, 2000a).

“Nestes momentos de terror supremamente silencioso não sei o que sou materialmente, o que costumo fazer, o que me é usual querer, sentir e pensar. Sinto-me perdido de mim mesmo, fora do meu alcance.”

(Soares, 1998, p. 147)

O “terror sem nome” (Bion, 1963; 1965; 1967), também advém das ansiedades produzidas pelo mecanismo de identificação projectiva acima referido. Estas ansiedades veiculadas intensamente, pelo medo de represálias dos objectos perseguidores, confinaram Bernardo Soares num sentimento de extrema vulnerabilidade e vazio, advindo da sensação de ter perdido todas as suas qualidades – constituintes imaginários do seio materno, onde foram inicialmente projectados (Seagal, 1975).

Bernardo Soares ficou assim encurralado numa “ (...) vaga angústia que acompanha a nossa sensação da morte externa (...) ” (Soares, 1998, p. 136), da qual não consegue fugir, devido à sua organização de forma desvitalizada e em falso self.

“E é, em mim, como se o inferno ele mesmo risse, (...) a loucura grassada do universo morto, o cadáver rodante do espaço físico, o fim de todos os mundos (...) nas trevas das trevas, impossível, único, tudo.”

(Soares, 1998, p. 174)

“Se eu não poderia viver senão acarinhado, por que deitaram fora o meu carinho?”

(Soares, 1998, p. 255)

Encontrou-se ainda uma falha falo-narcísica (Matos, 1996), veiculada pela falta de figura significativa de sexo oposto que o carregasse narcisicamente, pois, será durante a “fase genital precoce” (Roiphe e Galenson, 1981 cit *in*. Matos, 1997a) que ocorre dos 18 meses aos 30 meses, que o sujeito será percebido e reconhecido, como sendo um belo menino ou uma bela menina,

sentindo-se deste modo, apreciado e com atributos que propiciarão um futuro desejo pelos pares de sexo oposto. É então, durante este período que o narcisismo respeitante ao género, será carregado positiva ou negativamente, principalmente pelo progenitor de sexo contrário ao do sujeito. (Matos, 1997a).

Bernardo Soares, mostrou-se um pouco hostil para com os que o rodeiam, numa tentativa de controlo, que o encerrou numa “Dimensão narcísica [de] ressentimento” (Matos, 1994a, p. 19), derivada da insuficiência de reconhecimento, de que foi alvo, por parte das figuras significativas. Desta falha falo-narcísica (Matos, 1996) deriva – além da falha nos mecanismos de identificação – também, a dificuldade de pertença a um grupo, o repúdio pelo seu físico, e a falta de relações de carácter sexual e afectivo de Bernardo Soares. Pois, não tendo a segurança sexual e de género necessária, existe uma – quase – fobia sexual, que parece derivar do medo da rejeição pelo sexo oposto.

“Fui-lhes sempre simpático, porque a minha aversão adulta pelo meu aspecto me compeliu sempre a escolher o espelho como coisa para onde virasse as costas.”

(Soares, 1998, p. 256)

Seria, na fase de identificação Idiomórfica (Matos, 1996) – não encontrada em Bernardo Soares –, que o sujeito começaria a perceber as diferenças externas entre rapazes e raparigas – tendo uns falo e outros vaginas –, dando-se então, o início do sentimento de pertença a um dos géneros, face à comparação feita entre si e o grupo de género (“pertença a um dos géneros por assimilação da identidade atribuída”, Matos, 1996, p. 27).

“«Aquele rapaz». Eu direi, «Aquele rapaz», violando a mais elementar de todas as regras da gramática.”

(Soares, 1998, p. 64)

Contudo, dada a ambiguidade das identificações de Bernardo Soares, o self desfragmentou-se, deu-se a “ruína narcísica ou colapso na auto-estima (...) e a, fixação/regressão simbiótica (...)” (Matos, 1990, p. 39), ficando o mesmo, perante as dimensões que levam ao processo psicótico, não estando dotado do “ (...) o retalho mais nobre, genuíno e fiel da identidade pessoal (...)” (Matos, 1996, p. 28).

Ele aparenta, uma insatisfação consigo, com o seu trabalho e com a vida que leva, em geral. Conquanto, apesar de ambicionar mais, não é capaz de caminhar no sentido de o alcançar – talvez por receio de ao não atingir os objectivos pretendidos, cair num destroço narcísico (Matos, 1990), levando-o a referir que “ (...) não há saudades mais dolorosas do que as coisas que nunca foram!” (Soares, 1998, p. 70).

Como se afirmou, esta falha no narcisismo de Bernardo Soares não respeita apenas ao seu lado sexual, mas também a toda a sua organização narcísica, bem como à realização duma identificação “com objectos parciais” (Grinberg, 1976a, pp. 15-16), o que terá levado a “identificações psicóticas” (Jacobson, 1956, cit. *in*. Grinberg, 1976a). Assim, uso da identificação projectiva, no seu caso, serve para expelir do self as partes que o mesmo não consegue reter por serem assustadoras, e não desejadas.

Esta é a forma de Bernardo Soares lidar com os sentimentos invejosos, e também de absorver as partes boas do objecto, como forma de encapsulamento do mundo exterior, negando a dependência – acima referida – do objecto externo. (Rosenfeld, 1974).

“Não choro a perda da minha infância; choro que tudo, e nele a (minha) infância, se perca.”

(Soares, 1998, p. 177)

Como forma de controlar estas identificações projectivas e psicóticas, Bernardo Soares faz recurso, com alguma frequência, a mecanismos de defesa obsessivos – presentes no processo de identificação projectiva, sendo de extrema importância – que o dotam dum “controlo realista” (Grinberg, 1976d), das partes que foram projectadas. Caso este “controlo realista” não estivesse presente, os processos de identificação projectiva poderiam ter evoluído para perturbações mais primitivas do desenvolvimento.

“As páginas lidas, os deveres cumpridos, os passos e os acasos de viver - tudo isso se me tornou numa vaga penumbra, num halo mal visível, que cerca qualquer coisa tranquila que não sei o que é. O esforço, em que pus, uma ou outra vez, o esquecimento da alma; o pensamento, em que pus, uma vez ou outra, o esquecimento da acção – ambos se me volvem numa espécie de ternura sem sentimento, de compaixão frustrada e vazia.”

(Soares, 1998, p. 288)

Contudo, quando este controlo falha, – e há emergência maciça de processo primário – encontramos em Bernardo Soares graus elevados de violência, e um certo sadismo para com os que o rodeiam¹⁰ (Grinberg, 1976d).

“Olho-o, voltando-me, com um silêncio cheio de ódio, escuto antecipadamente, numa tensão de homicídio latente (...)”

(Soares, 1998, p. 99)

¹⁰ Grinberg (1976d) refere que as identificações projectivas funcionam em modalidades distintas, podendo ser consideradas mais, ou menos patológicas, consoante “maior ou menor predomínio dos impulsos agressivos, ao grau de tolerância ou intolerância à frustração, ao tipo de contacto com a realidade externa e com a realidade psíquica, ao estado das funções egóicas, à qualidade dos mecanismos defensivos e à dinâmica profunda dos vínculos objectais” (Grinberg, 1976d, p. 102).

Não se dando a passagem da posição esquizoparanóide para a posição depressiva, as ansiedades não são de ordem depressiva e de culpabilidade. Consequentemente, todo o desenvolvimento do ego, e das capacidades inatas ao ser humano – como a capacidade de comunicação exterior e interior e consequentemente “ (...) a base do pensamento verbal, ou seja, da capacidade de comunicar-se consigo mesmo por meio de palavras.” (Seagal, 1991a, pp. 55-56) – seriam comprometidas.

“Mas que tem isto com aquilo com que estava pensando? Nada, e por isso me deixo pensá-lo.”

(Soares, 1998, p. 62)

Esta interdição da passagem para a posição depressiva, pareceu-nos premente em Soares, também, dada a falta de figura significativa que fosse capaz de o dotar de culpabilidade, permitindo-lhe realizar o luto pelo objecto idealizado perdido (Steiner, 1987). Encontramos uma – quase – inexistência de processos secundários (atrás referido), tais como o recalçamento, deslocamento e inibições. Assim, Bernardo Soares, não atingiu uma integração do objecto, ego e realidade – interna e externa.

“Sucede comigo que têm igual relevo as duas realidades a que atendo. (...) Nisto, talvez, consiste a minha tragédia, e a comédia dela.”

(Soares, 1998, p. 195)

Se por outro lado os sentimentos invejosos do bebé – Bernardo Soares – tivessem sido integrados face a uma gratidão – que, segundo Klein (1957) está intimamente relacionada com a generosidade e a uma boa introjecção dos bons objectos, que se sobreporiam à inveja (inveja esta que nunca desaparecerá totalmente, mas que servirá como meio de rivalidade para com os objectos primários) –, o seio ideal passaria a constituir-se como parte do ego do bebé, contendo os sentimentos bondosos de forma egossintónica (Seagal, 1975), possibilitando a passagem para a posição depressiva (Klein, 1935).

“Sou o intervalo entre o que sou e o que não sou, entre o que sonho e o que a vida faz de mim, a média abstracta e carnal entre coisas que não são nada, sendo eu nada também.”

(Soares, 1998, p. 138)

A lacuna materna levou, – além do acima referido – à inexistência duma emersão necessária da criança em ansiedades depressivas, de culpabilidade e de obstáculos maturativos ao

nível psíquico – na formação da identidade, do Eu, Super-Eu e Ideal do Eu (Grinberg, 1976b) –, visíveis numa dificuldade empática e relacional, tão presentes em Soares, e explicadas por Erikson (1959, 1968). Pois, para o autor, não é somente com as relações estabelecidas com figuras significativas que o sujeito desenvolve a sua identidade pessoal, mas também, através do próprio ego, que regula os impulsos agressivos e libidinais através das normas impostas pelo super-ego e pela realidade circundante. Ele reforça ainda a importância da identidade pessoal na formação de quaisquer posteriores ligações e relações que o sujeito venha a estabelecer.

Não se encontrou experiências de gratificação, que fossem capazes de suplantar os sentimentos de ódio (Klein, 1948), onde Bernardo Soares ficou emerso. Assim, “O fracasso na reparação [levou] ao desespero;” (Seagal, 1975, p. 85)

Encontrou-se então, a gênese da dificuldade de Bernardo Soares estabelecer relações com os seus semelhantes. Ele não foi capaz de se constituir enquanto ser dotado de subjectividade (Winnicott, 1962), face às falhas precoces dirigidas à não satisfação das necessidades egóicas.

“Mais terrível de que qualquer muro, pus grades altíssimas a demarcar o jardim do meu ser, de modo que, vendo perfeitamente os outros, perfeitíssimamente eu os excluo e mantenho outros.”

(Soares, 1998, p. 85)

As capacidades cognitivas, linguísticas e motoras de Bernardo Soares, desenvolveram-se de forma sanígena, o que vai de encontro ao postulado por Grinberg (1976c), que realça a importância das representações mentais dos objectos – e não apenas dos mecanismos de identificação – na maturação e desenvolvimento destas capacidades.

“É só nas palavras que há a nobreza do meu sofrimento.”

(Soares, 1998, p. 250)

Encontraram-se em Bernardo Soares, algumas aquisições próprias duma fase de maior maturação no desenvolvimento infantil (posição depressiva) – “Para repouso falta-me a saúde da alma.” (Soares, 1998, p. 86) – o que é ressaltado por Gomez (2005)¹¹ e Bion (1963). Estes autores referem que a posição esquizoparanóide e a depressiva, se encontram em plena interacção – como um sistema – em todas as experiências quotidianos.

Assim, é importante referir que – mesmo na falta duma mãe, interiorizada por Bernardo Soares, enquanto objecto interno – existem representações mentais de partes imaginadas da mãe,

¹¹ “As posições esquizoparanóide e depressiva, com os respectivos problemas e ansiedades, estão num equilíbrio permanentemente inconstante ao longo da nossa vida quotidiana” (Gomez, 2005, p. 54).

que foram interiorizadas pelo mesmo, aquando as trocas fugazes e efémeras com ela realizadas (Greenberg & Mitchell, 2003), o que foi consequência da continuação da maturação de Bernardo Soares até à idade adulta. Contudo, na adolescência, encontraram-se diversos problemas, sem que Bernardo Soares estivesse à espera – “Só quando chegamos a outra idade se dá em nós a unificação.” (Soares, 1998, p. 78) –, resultantes desta falta de objecto interno.

Sendo que Bernardo Soares responde a frustrações, ansiedades, angústias e conflitos, através de processos primários, pareceu-nos importante realçar que o estado adolescentil poderá ter catalizado confusões identitárias, e regressões a estados mais arcaicos do desenvolvimento (Shapiro, 1969), acompanhadas de crises de despersonalização e desrealização (Matos, 1994b). Pois, como refere Erickson (1968), o oitavo estágio de maturação de “integridade versus difusão” está inserido numa crise típica da adolescência.

“Ou... sim, julgo às vezes, considerando a diferença bedionda entre a inteligência das crianças e as estupidez dos adultos, que somos acompanhados na infância por um espírito da guarda que nos empresta a própria inteligência astral, e que depois, talvez com pena, mas por uma lei alta, nos abandona, como as mães animais às crias crescidas, ao cevado que é o nosso destino.”

(Soares, 1998, p. 281)

Pareceu-nos que a chegada da adolescência e consequente “desidentificação” (Matos, 1996), foi catalizadora das despersonalizações transitórias de Bernardo Soares. Pois, tal como afirma Erickson (1968), a passagem para a adolescência acarreta um conflito identitário, impulsionado por uma tomada de consciência acerca da sexualidade. A identidade difusa de Bernardo Soares, levou a uma indecisão face à escolha do objecto libidinal (Matos, 1994a) – que não nos aparece de forma expressa no *Livro*, parecendo não existir –, sendo então possível perceber porque é que na psicose, a “identidade sexual é ambígua” (Matos, 1994a, p. 10).

“Uns velhos, outros jovens, são da mesma idade. Uns homens, outros mulheres, são do mesmo sexo que não existe”

(Soares, 1998, p. 55)

A difusão identitária (Erickson, 1968) ocorre quando o adolescente começa a individualizar-se das figuras parentais, o que pode resultar num sentimento de ameaça para os pais, que evocarão então, mecanismos de defesa primitivos (clivagem, projecção, etc.), ameaçando a individualização e integridade da identidade do adolescente, que ficará confuso quanto aos limites do seu self, podendo ele próprio, – face a uma regressão – utilizar os mesmos mecanismos de defesa arcaicos dos pais (Shapiro, 1969).

Como o estilo relacional de Bernardo Soares e das figuras significativas, funcionou em termos projectivos e de identificações projectivas, enquanto adolescente, não seguiu o rumo saudável duma individualização, que abriu caminho para uma “difusão de identidade”, expressa através de toxicoddependências (o seu abuso diário de tabaco de onça e garrafa de vinho), estados psicóticos, incapacidade de relacionamento com os pares, bem como uma incapacidade para estabelecer relações amorosas – “Que nenhum beijo de mulher, nem mesmo em sonhos, seja uma sensação nossa.” (Soares, 1998, p. 186) –, falta de confiança em si próprio, sendo frequentemente assolado por sentimentos de menos valia e de não concretização pessoal.

Só perante figuras paternas coesas, responsivas, adequadas e contentoras ou relações sociais e amorosas (Erikson, 1968) que tivessem impresso confiança em Bernardo Soares, é que este poderá atingir uma identidade integrada (Matos, 1996).

“(...) sinto-me desterrado de corações, sozinho na noite de mim próprio, chorando como um mendigo o silêncio fechado de todas as portas.”

(Soares, 1998, p. 133)

A falta de figuras que o impulsionassem à obtenção duma integração identitária, também esteve na génese da sua depressividade, dada a importância da individualização, autonomização e relações de pares, no bem-estar do indivíduo (Neuenschwander, 1996). Esta depressividade, descoberta em Bernardo Soares, também estará ligada à não resolução do complexo de Édipo.

O complexo de Édipo, foi denominado assim por Freud (1905) “porque sua substância essencial pode ser encontrada na lenda grega do rei Édipo de Sófocles, (...) O herói grego que matou o pai e tomou a mãe como esposa (...) não os conhecer como pais, constitui um desvio dos factos analíticos (...)” (Freud, 1938, p. 65)¹².

Fairbairn, (1941) acrescenta que o Édipo é resultado duma busca da criança pelo amor dos pais, que não lhe é fornecido facilmente, e da sensação da rejeição do amor que a criança deposita nos pais, como se esse amor fosse mau, não derivando unicamente do desenvolvimento psicológico e sexual da criança (Freud, 1905), mas também de um desenvolvimento social e cultural com grande peso. Para o autor, o que a criança procura acima de tudo, é o contacto emocional e relacional, ao invés de uma gratificação libidinal.

Importa realçar que para Freud (1938), “o primeiro objecto erótico de uma criança é o seio da mãe que a alimenta; a origem do amor está ligada à necessidade satisfeita de nutrição”

¹² “O Rei Édipo, que assassinou Laio, seu pai, e se casou com Jocasta, sua mãe, simplesmente nos mostra a realização de nossos próprios desejos infantis (...)” (Freud, 1905, p. 263).

(Freud, 1938, p. 66). Também para Balint (1957 cit *in*. Gomez, 2005) a libido da criança procura primeiramente o prazer que o objecto materno lhe proporciona, e, só posteriormente, a necessidade relacional (ou a procura de objecto) que é proposta por Fairbairn (1941).

Segundo Freud (1924a e 1938) é durante a fase fálica, entre os dois e os três anos de idade, – (a terceira fase do desenvolvimento sexual infantil) – que o complexo de Édipo emerge, ocorrendo também a diferenciação entre a posterior evolução de rapazes e raparigas, sendo aqui expressa a expressão psicológica da diferença entre os sexos. É por isso que Freud (1938) afirma que existe uma bissexualidade psíquica inerente à espécie humana – expressa por Bernardo Soares, na sua identidade sexual ambígua (acima referida), dada a não entrada no Édipo e na fase fálica.

“Tardei sempre, não sei qual, talvez a ambas, a uma ou outra, ou foi a terceira que tardou.”

(Soares, 1998, p. 251)

Se todo o desenvolvimento de Bernardo Soares, tivesse seguido o curso saudável do crescimento, este entraria na fase Edipiana, começando conseqüentemente a realizar a descoberta do seu pénis, manuseando-o a fim de obter prazer. Então, para Freud (1924a e 1938) este início de exploração do pénis seria acompanhado por fantasias de cariz sexual, onde a mãe representaria o papel principal, até haver a ameaça de castração, e o vislumbre de uma mãe sem falo. Esta ameaça de castração derivaria das tentativas – neste caso irreais, e apenas hipotéticas – realizadas por Bernardo Soares, de ocupar o lugar da figura paterna, junto à figura materna.

A ameaça de castração, só surgiria em Bernardo Soares, se a mãe estivesse presente, e se apercebesse desta “excitação sexual”. Assim, afastava-o moralmente dela, mostrando-lhe que o cariz da aproximação não seria correcto. Se mesmo assim, este afastamento não surtisse efeito, a mãe “delega a execução ao pai do menino, dizendo que contará a este e que ele lhe cortará fora o pénis” (Freud, 1938, p. 67.), (o que representaria simbolicamente a cegueira punitiva de Édipo na lenda Grega) sendo então o pai percebido como “um modelo invejado para o menino, devido à força física que nele percebe e à autoridade de que o acha investido. O pai agora se torna um rival que se interpõe em seu caminho e de quem gostaria de se livrar” (Freud, 1938, p. 67).

“Nunca tive alguém a quem pudesse chamar «Mestre».”

(Soares, 1998, p. 287)

Esta ameaça de castração poderia ter consequências negativas, pois, havia hipótese do menino ficar com uma masculinidade retraída – “Convalesço, estéril e longínquo, da doença que não tive.” (Soares, 1998, p. 239), não por ameaça de castração, mas sim, devido à falta de investimento falo-narcísico (Matos, 1996) – e uma “fixação erótica na mãe (...) como uma espécie de servidão às mulheres” (Freud, 1938, p. 69), que não foi por nós corroborado. Contudo, esta ameaça, também deve ser encarada como um acontecimento natural no curso da maturação libidinal do sujeito, e responsável pelo importante início de resolução do Édipo, algo interdito em Bernardo Soares.

Segundo Ferreira (1996) e tendo em conta o que foi acima referido por Freud (1938), é perante o Édipo, que o Eu da criança passará por uma “experiência de depleção narcísica pela tomada de consciência da dupla exclusão: da relação dos pais, da geração dos pais” (Ferreira, 1996, p. 333), que não ocorrendo em Bernardo Soares, impulsionou a sua incapacidade de elaborar sentimentos ciumentos. Klein (1957) expõe que a base do ciúme é a inveja, diferindo desta principalmente, porque é dirigido a duas ou mais pessoas, processando-se face a uma relação de objecto total, não presente em Bernardo Soares, dada a incapacidade de atingir a posição depressiva (Klein, 1940).

Assim, o ciúme seria uma resposta a algo que o sujeito acredita ter direito e lhe ter sido roubado, ou seja, seria a mãe que é roubada pelo pai, um rival mais forte¹³ (Freud, 1938), levando a criança a sentir-se completamente excluída daquela relação entre as imagos parentais, provocando, o ciúme dessa mesma relação, sendo este “ (...) uma paixão nobre ou ignóbil, de acordo com o objecto” (Klein, 1957, p. 213), originando-se “ (...) no desejo de perder o objecto de amor” (Matos, 1979b, p. 135), relacionado com uma estrutura obsessiva de base, inerente a um desejo anal de domínio.

A entrada no complexo de Édipo é que impõe a noção de rivalidade face a um terceiro objecto, que é percebido como “melhor” que o sujeito, enquanto que a inveja encontrada em Bernardo Soares, é experimentada face a objectos parciais, como os seios maternos, o pénis ou os futuros bebés no ventre materno, podendo contudo perdurar para relações com objectos totais, estando ainda ligado com a retaliação e ataques agressivos encontrados nos relatos do mesmo, típicos de sujeitos invejosos (Matos, 1979c).

“ (...) hoje, relendo, vejo rebentar meus bonecos, sair-lhes a palha pelos rasgos, despejarem-se sem ter sido...”
(Soares, 1998, pp. 115-116)

¹³ “o ciúme baseia-se no amor e visa à posse do objecto amado e à remoção do rival. Pertence a uma relação triangular e, portanto, a um período de vida em que os objectos são claramente reconhecidos e diferenciados uns dos outros” (Seagal, 1975, p. 52).

Após a breve explicação acerca do Complexo de Édipo (Freud, 1905), tornou-se visível, a falha na triangulação de Bernardo Soares, pois, a sua organização em falso self deve-se – em parte – à falta de identificações baseadas na triangulação (Sá, 2003)¹⁴.

Este falso self reporta ainda – por atribuição inconsciente do objecto na fase de identificação imagoico-imagética (Matos, 1996) – para uma identidade “obstrutiva e patogénica, desviante ou mesmo alienante” (Matos, 1996), originado uma distorção na realidade de Bernardo Soares, levando-o à criação de uma falsa identidade, ou falso self.

“Só em nossa alma está a identidade – a identidade sentida, embora falsa, consigo mesma.”

(Soares, 1998, p. 114)

A não resolução do Édipo será responsável pelo super-ego arcaico que Bernardo Soares possui. Dizemo-lo arcaico, na medida em que para Freud (1924a, 1938) e Milheiro (1996)¹⁵, o super-ego advém do complexo de Édipo, mas para Bion (1959)¹⁶ e Klein (1952b)¹⁷, ele existe de forma arcaica desde o nascimento, evoluindo ao longo do desenvolvimento.

Assim, a não resolução do complexo de Édipo além de responsável pela depressividade (Matos, 1982b) de Bernardo Soares, também é pela sua incapacidade de aceitar que não pode possuir o objecto na sua totalidade (desejo anal-fálico), o que levou “à pulsão de domínio, à onipotência fálica e à megalomania do Ideal [que passam a comandar] todo o funcionamento psíquico” (Matos, 1982b, p. 178) do mesmo.

“Amar é possuir (...) Para possuir seria preciso tornar nossa a sua matéria, comê-lo, inclui-lo em nós... (...) porque nós não possuímos o nosso corpo (possuímos apenas a nossa sensação dele), e porque, uma vez possuído esse corpo amado, tornar-se-ia nosso, deixaria de ser outro, e o amor, por isso, com o desaparecimento do outro ente, desapareceria...”

(Soares, 1998, p. 228)

¹⁴ Se a identificação não for realizada com base na triangulação, e por conseguinte com ambos os progenitores, o bebé criará um falso self que influenciará, todo o seu processo de desenvolvimento, pois “sempre que falha o self, falha o ritmo corpo-mente, falha a função simbólica, falha o acesso à subjectividade (...)” (Sá, 2003, p. 182).

¹⁵ Milheiro (1996) refere que “o super-ego é herdeiro do complexo de Édipo”, acrescentando que o super-ego deriva, também, das angústias de castração, “e que a ele se referem as angústias morais, pecados, transgressões, punições, culpabilidades, etc.” (Milheiro, 1996, p. 223).

¹⁶ “Na fase esquizoparanóide, predominam os objectos bizarros, parcialmente compostos por elementos de um super-ego persecutório (...)” (Bion, 1959, p. 107).

¹⁷ Sugere que o super-ego não é apenas herdeiro do complexo de Édipo, começando a formar-se desde o início da vida, referindo ainda, que “as bases da formação do (...) super-ego, precisam de ser reexaminadas.” (Klein, 1952b, p. 84).

Descobriu-se, em Bernardo Soares, um uso exacerbado de defesas maníacas, que acabam por não ser naturais no desenvolvimento saudável do indivíduo (Rey, 1917), sendo corroborado por Kohut (1966), a existência de formas de narcisismo menos saudáveis que outras, chegando mesmo a existir formas patológicas do mesmo¹⁸. O mesmo é consolidado por Dias (2004), onde chama à atenção para a problemática da identificação projectiva, dado que, quando a mesma predomina num sujeito “ (...) passou a estar em acção o narcisismo destrutivo e isto é completamente narcísico porque, a partir do momento em que ele projecta maciçamente sobre o outro, o outro deixa de existir e no lugar dele fica apenas a projecção.” (Dias, 2004, p. 65) o que é também, apelidado de “ataque ao narcisismo (ou auto-estima do outro)” (Matos, 1997b, p. 20).

“ (...) e não deixaram de me ser gratos por eu ter interpretado tão bem, não só aquilo que eles são realmente, mas o que eles nunca desejaram ser nem sabiam que eram....”

(Soares, 1998, pp. 233-234)

Pareceu-nos que o uso de defesas maníacas em Bernardo Soares, diz respeito a uma tentativa de fuga à depressão e supercompensação narcísica. Isto porque, o objecto que deveria ter investido Soares narcisicamente está perdido, – coloca-o à beira da psicose – falta-lhe e não é recuperável. Bernardo Soares não aprendeu a amar pois não foi amado (Matos, 2008), ou investido pelo objecto materno, não adquirindo “constância do sujeito no interior do objecto” (Matos, 1997b, p. 20). Assim, não investirá num objecto através do “amor oblativo”, mas sim em si próprio, procurando o “amor captativo” e permanecendo numa “posição narcísica” (Matos, 1997b, p. 20).

“Porque parei, estremeceram as águas. Porque reflecti, o sol recolheu-se.”

(Soares, 1998, p. 217)

Então, para se defender, Bernardo Soares regride (inconscientemente), a fases mais arcaicas do desenvolvimento infantil, utilizando defesas maníacas como organização defensiva, que dita uma fixação patológica no desenvolvimento, – mais propriamente na posição esquizoparanóide, pois, só as defesas transitórias entre as posições, fariam parte de um desenvolvimento normal do sujeito (O’Shaughnessy, 1981). Bernardo Soares, utiliza ainda as

¹⁸ Kohut (1966), refere-se ao narcisismo (subjectivo, representado pelo *self*) como impulsionador da vida psíquica, necessário à sua continuidade, presente e instável durante toda a vida, estando sujeito a pressões externas e internas, sendo mutável para formas patológicas ou saudáveis.

fases narcísicas mais primitivas (Kohut, 1971; 1977), – de forma a sentir que controla o objecto perdido, através da agressividade e onnipotência infantil (Matos, 1994a; 1994b; Freud, 1914).

“Passei, vi e, ao contrário deles, venci.”

(Soares, 1998, p. 257)

A regressão a uma identificação narcísica é predominante em organizações pré-edípias, acompanhadas de onnipotência infantil, fuga à realidade dolorosa, e falha na distinção dos limites do self, logo, conseguimos encontrar a ponte para a regressão de Bernardo Soares para a posição esquizoparanóide do desenvolvimento (Rosenfeld, 1974).

A onnipotência infantil é expressa por Bernardo Soares, a partir duma onnipotência do pensamento. Assim, encontrou-se ruptura com o princípio da realidade e dos limites entre sujeito e objecto, – acima referidos – concluindo-se que, em Bernardo Soares, existe uma megalomania, própria da psicose e não um estado de narcisismo enquanto regulador da auto-estima (próprio da neurose) (Freud, 1914).

Bernardo Soares entrega-se à escrita, dirigindo para ela grande parte da sua energia, o que segundo Gibello (1991), nos permite um novo olhar para a pulsão de morte – enquanto agente na psicose. Ela funcionaria como catalizadora dos processos de pensamento, dos diferentes continentes de pensamento. Seria dirigida para estes, para não actuar sobre o corpo – promovendo suicídios ou somatizações mortais, através duma hiper energia direccionada para a destruição e violência.

“Quantos Verlaines fui!”

(Soares, 1998, p. 190)

Esta fuga “psicótica”, – emergente duma falha da elaboração da posição depressiva (Rosenfeld, 1974) – será o veículo que permite a continuação de Bernardo Soares na estrada da vida. Pois, a falta precoce de investimento, atenção, carinho, sustentação, apego, etc., é demasiado dolorosa para que ele possa a aguentar, sem ser, através duma fuga do imenso desprazer por si próprio – exaltando-se narcisicamente, devido ao sentimento de inferioridade de si mesmo (Matos, 1990) – e da realidade que o circunda e magoa.

“As coisas derivam de mim.”

“Enchi as mãos de areia, chamei-lhe ouro (...).”

(Soares, 1998, p. 146)

(Soares, 1998, p. 148)

Bernardo Soares, também utiliza as defesas maníacas, como forma de fugir à angústia persecutória própria da posição esquizoparanóide do desenvolvimento infantil (Bick, 1967), que não foi apaziguada por uma mãe contentora. Ele não ficou dotado duma capacidade de integração que o permitisse “maior força e maior capacidade para enfrentar ansiedades, sem recorrer a mecanismos de defesa violentos” (Seagal, 1975, p. 49).

Reportando ao conceito de “falha fundamental” (Balint cit. *in*. Milheiro, 1985a) encontrou-se, uma cumulativa explicação para a o desenvolvimento narcísico de Bernardo Soares, bem como para o cair depressivo do mesmo. Este cair depressivo é manifesto em Bernardo Soares, através do seu sentimento de incapacidade latente (Grinberg, 2000a) – sempre presente, salvo alturas em que se defende maniacamente, através da perda do sentido da realidade (que apenas se coaduna com a psicose ou a depressão psicótica, (Matos, 1997b).

“Fui o corredor que caiu quase na meta, sendo até aí o primeiro.”

(Soares, 1998, p. 190)

Como tal, o uso de defesas maníacas, – utilizadas inconscientemente – por Bernardo Soares, tal como as suas transitórias despersonalizações, referem-se a formas de fugir do domínio do objecto (imaginado e idealizado) (Grinberg, 2000b), bem como à “ansiedade e perseguição esquizóide” (Rey, 1971, p. 218).

Quando tal acontece, em Bernardo Soares, poderemos estar perante uma psicose ou uma depressão psicótica, resultante da falta de investimento narcísico e oblativo por parte da mãe (anteriormente referenciado), levando assim a graves falhas na identificação (“podendo originar um self em arquipélago ou desmantelamento do ego” (Matos, 1997b, p. 23)) bem como, ao sentimento de se estar deserto e vazio, sem a internalização coesa de um bom objecto interno.

“(...) me despersonaliza.”

(Soares, 1998, p. 58)

Green (1980) apresenta uma hipótese que se assemelha em muito ao que Matos (1997b) referiu. Para Green (1980) “o preto sinistro da depressão que podemos legitimamente relacionar com o ódio (...) é somente um produto secundário (...) de uma angústia branca que traduz a perda sofrida ao nível do narcisismo” (Green, 1980, p. 252). Ele relaciona mesmo o “branco” com “a clínica do vazio ou a clínica do negativo” (Green, 1980, p. 252).

“ (...) branco às vezes, se vão esfarrapadas na vanguarda de não sei quê (...)”

(Soares, 1998, p. 137)

“ (...) negras de um branco sujo (...)”

(Soares, 1998, p. 137)

Bernardo Soares chega mesmo, a encapsular-se de forma autística (Matos, 1990),¹⁹ – como forma de – encapsulando-se –, negar a dependência de objectos externos²⁰ (Rosenfeld, 1974), de forma violenta (Rosenfeld, 1971) –, nas suas noites de insónia, resguardando-se numa exaltação egóica, alimentada pela sua obra literária – “ (...) este é um sono que não consegue dormir, que pesa nas pálpebras sem as fechar, que junta num gesto que se sente ser de estupidez e repulsa as comissuras sentidas dos beijos descrentes. Este é um sono como o que pesa inutilmente sobre o corpo nas grandes insónias da alma.” (Soares, 1998, p. 289) – Obra por onde veicula também as suas dores, delírios, angústias de morte, fragmentação, angústias persecutórias, o medo e o desinvestimento catastrófico que não foi explicada a Bernardo Soares pela mãe (Green, 1980).

“Sinto-me às vezes tocado não sei porquê, de um prenúncio de morte...”

(Soares, 1998, p. 33)

Este encapsulamento de Bernardo Soares – deve-se a uma depressão anaclítica, que segundo Zimmerman (1999) pode ser chamada de “depressão essencial [e] corresponde, nos casos mais graves ao abandono de todo o interesse e de todas as formas de investimento em objectivos e ideias (...)” (Zimmerman, 1999, p. 218.) Este abandono total de Bernardo Soares, é realçado por Milheiro (1990); este diz que “Circula soluçando, a dinâmica não acontece. Comprime-se o espaço interno. (...) Na depressão isto verifica-se sempre em grau maior ou menor. (...) O aparelho psíquico transforma-se numa fortaleza sitiada, não por fora mas por dentro, imóvel e rigidamente guardado, com todas as defesas orientadas no sentido implosivo” (Milheiro, 1990, pp. 128-129) –, e também, ao medo inconsciente de ser atacado pelos “objectos bizarros” (Bion,

¹⁹ Gedo (1977) fala da onipotência, desprezo pelos objectos, arrogância e a megalomania. Sendo estas, defesas utilizadas pelo sujeito desvalorizado narcisicamente, de forma a negar sentimentos de inferioridade, através da compensação narcísica. No extremo, estas defesas poderiam, para Matos (1990) encarcerar o sujeito numa cápsula autística, de modo a fugir do contacto que é desejado, mas, temido e aterrorizador.

²⁰ “ (...) quer acreditar que ele deu a vida a si mesmo e é capaz de se alimentar e se cuidar” (Rosenfeld, 1971, p. 250).

1967), projectados nos primórdios do seu desenvolvimento. Assim, a única forma de se proteger deles passa por uma retirada da realidade, clivando-a.

“Numa simples viagem de comboio divido-me inútil e angustiadamente (...)”

(Soares, 1998, p. 86)

Conquanto, no momento em que está a escrever, sonha – acordado, pois, entrega-se frequentemente a insónias –, com o seu mundo ideal, com a plenitude paradisíaca. É “A busca de um sentido perdido estrutura o desenvolvimento precoce das capacidades fantasmáticas e intelectuais do Eu (...) na obrigação de imaginar, (...) na obrigação de pensar. Desempenho e auto-reparação unem-se para (...) a preservação de uma capacidade de superar o desespero da perda do seio pela criação de um seio remendado (...)” (Green, 1980, pp. 258-259). De modo a haver manutenção da posição narcísica o sujeito ataca a “mãe humana interiorizada”, destruindo-a, ficando conseqüentemente entregue a um mundo desprovido de amor e repleto de maldade. Isto irá originar um falso self, assente numa tentativa infortunada de reconstruir um mundo ideal e um self divino, que será atacado pelo super-ego primitivo. (Brenmam, 1985).

“Reconhecer a realidade como uma forma de ilusão, e a ilusão como uma forma de realidade.”

(Soares, 1998, p. 67)

A procura de Bernardo Soares por um mundo ideal, – onde através da “resposta delirante”, tenta uma “cura” (Lacan, 1966) – deve-se à sua necessidade de refúgio na fantasia (princípio do prazer) dado que a realidade – para si insuportável e recheada de frustrações e angústias – leva à fuga ilusória onipotente do ego (Bion, 1957), por pressões do Id (Freud, 1924b; 1924c). Bion (1957) afirma que a fuga é ilusória, pois, na sua ideia de mapa da mente refere a existência de uma parte psicótica da mente e uma parte não-psicótica, dizendo que mesmo em pacientes extremamente doentes, estas duas partes coexistem, mas a parte mais saudável é apagada pela parte psicótica. O autor menciona ainda que não há uma substituição da realidade devido à manutenção das partes não psicóticas da personalidade, como nos foi apresentado por Freud (1924b), mas sim uma ilusão onipotente de que a realidade é substituída através da identificação projectiva e da clivagem. Durante esta fuga (inconsciente) Bernardo Soares projecta – nos objectos externos – partes fragmentadas do seu aparelho mental (Bion, 1957), apesar de nunca se retirar completamente da realidade que o circunda, mantendo algumas

actividades – como o trabalho regular e rotineiro na casa do patrão Vasques – que demonstram parte da sua ligação ao real.

“Ah, compreendo! O patrão Vasques é a Vida. A Vida, monótona e necessária, mandante e desconhecida.”

(Soares, 1998, p. 17)

Concluimos que para Bernardo Soares ter sido capaz de triunfar narcisicamente, e seguir um rumo saudável no desenvolvimento, com capacidade de criar relações afectuosas, não idealizadas e respeitando o princípio da realidade, teria de ter passado pelo conflito Edipiano e por conseguinte da posição esquizoparanóide para a posição depressiva, o que o levaria “da escara narcísica (...) à decepção edipiana, da raiva de Narciso à rivalidade de Édipo, da megalomania infantil à tentativa de construção do universo relacional” (Matos, 1979c, p. 150).

A incapacidade de sonhar (talvez de forma defensiva) de Bernardo Soares, é algo que nos levou a olhar para ele, como alguém extremamente deprimido, pois, “em vez de deprimir...sonhei. (...) O alargamento do espaço do sonho dinamizou o funcionamento intrapsíquico e vice-versa.” (Milheiro, 1990, p. 137).

“Maria Triste já sonha... [Bernardo Soares] não...”

(Milheiro, 1985b, p. 138)

Segundo Milheiro (1990) a produção onírica será vista pelo sujeito deprimido como algo assustador, pois, estando ele frágil e com menor capacidade defensiva, poderá – mais rapidamente –, ser assaltado por representações pulsionais brutas e descontroladas. Assim, sujeito entrega-se à insónia, como forma de se defender do sonho que é considerado perturbador²¹.

“Seria feliz se pudesse dormir.”

(Soares, 1998, p. 160)

Então, sonhar seria uma defesa contra a depressão – ou o início do processo de elaboração da mesma –, que poderia culminar na cura de Bernardo Soares. Sonhando, passaria a haver povoamento do mundo interno, e a capacidade de “conter também, na sua forma específica de pensamento transformado, a resolução da depressão.” (Milheiro, 1990, p. 130)

“Dormir horroriza-me como tudo”

²¹ “O deprimido não pensa ou pensa sempre o mesmo, faz gestos, comporta-se para não pensar, mesmo no sonho”. (Milheiro, 1990, p. 129).

Bernardo Soares, entregue às suas noites de insônia seria, então, alguém “triste”. Contentor duma depressão larvar e já instalada, porque – não houve resolução da mesma – nunca se entregou ao trabalho do sonho, deixando-se ficar acordado produzindo uma grande obra, complementada com lindas frases, recheadas de sentimentos que, como são visíveis através da análise do *Livro do Desassossego*, se apresentam em fragmentos desprovidos de fio condutor, dado, nunca terem sido elaborados, mas sim, fragmentados.

Esta fragmentação do *Livro* será então, um espelho da própria fragmentação de Bernardo Soares. Assim, existe uma dificuldade em manter a continuidade da coerência espacial e temporal, sendo estas atacadas, pelas alucinações e delírios de Bernardo Soares (Bion, 1954). É também por isso, que o *Livro do Desassossego*, desprovido de referências espaciais e temporais, não é considerado – por inúmeros autores (Monteiro, 2005; Coelho, 1982) – um diário.

“Estou esquecido de quem sou; não sei escrever porque não sei ser.”

(Soares, 1998, p. 238)

Percebeu-se ainda que Bernardo Soares, – não tendo sido capaz de reparar os ataques sádicos, invejosos e odiosos dirigidos ao seio materno – tentou fazê-lo ao longo da escrita do *Livro*, pois, é através desta nova criação que Bernardo Soares tentou recriar algo novo – um mundo totalmente novo.

“Tenho de escrever como cumprimento de um castigo.”

(Soares, 1998, p. 153)

Assim, a escrita do *Livro do Desassossego*, seria uma tentativa de elaboração do processo de luto de Bernardo Soares. Pois, – tal como nos processos de luto – ele retira-se da realidade externa quando escreve, considerando-a vazia e frequentemente desinteressante (Freud, 1917).

Para Seagal (1991b), o artista é alguém que tem necessidade de elaborar o seu mundo interno e as perdas e renúncias que lhe pertencem, chegando mesmo a afirmar que “o sentimento de que seu mundo interno está estilhaçado – é que leva o artista a precisar recriar algo que seja sentido como um mundo completamente novo. Isso é o que todo o grande artista faz – cria um mundo.” (Seagal, 1991b, p. 96).

Esta posição de Seagal é corroborada por Matos (1982c), pois afirma que há uma tendência à recuperação do passado, imerso numa nostalgia da saudade. Assim, Bernardo Soares

cria (retirando-se da realidade externa), de forma a encontrar (nem que seja em ilusão), uma nova forma de relacionamento com os objectos idealizados e perdidos.

“O meu mundo imaginário foi sempre o único mundo verdadeiro para mim. Nunca tive amores tão reais, tão cheios de verve, de sangue e de vida com os que tive com figuras que eu próprio criei. Que leais! Tenho saudades deles porque, como os outros, passam...”

(Soares, 1998, p. 260)

Esta retirada da realidade externa, prende-se, em Bernardo Soares, com a intensidade da dor da perda, que é sentida por ele enquanto insuportável, levando-o a sofrer “uma psicose alucinatória carregada de desejo” (Freud, 1917, p. 250).

“É um estrangulamento da vida em mim mesmo, um desejo de ser outra pessoa em todos os poros, uma breve notícia do fim.”

(Soares, 1998, p. 215)

Não dotado das capacidades inerentes, a uma passagem pela posição depressiva, a culpabilidade e a restauração inconsciente do bom objecto (Klein, 1940) – idealizado porque não foi plenamente vivido, dotando Bernardo Soares, da inconsciência do que foi realmente perdido, pela retirada deste objecto (Freud, 1917) – nunca são alcançadas.

“Todo o esforço é um crime porque todo o gesto é um sonho morto.”

(Soares, 1998, p. 200)

Não sendo também possível que a libido de Bernardo Soares, seja desvinculada do objecto ideal perdido para se dirigir a outro objecto (Freud, 1917)²², (ou para a restauração do bom objecto interno (Klein, 1940)) o trabalho de luto não foi elaborado, deixando-o assim, enclausurado num luto patológico – ou melancolia, (Freud, 1917) – típico da posição esquizoparanóide, carregado de culpa persecutória (Grinberg, 2000b).

“(...) no meu quarto sem luz o lugar vago enche-me de angústia.”

(Soares, 1998, p. 39)

Bernardo Soares ficou então, à mercê duma diminuição severa e punitiva da auto-estima, acompanhada de sentimentos de inutilidade própria (Freud, 1917), bem como dum carácter

²² O mundo externo, passou a ser percebido enquanto desinteressante e vazio, e, quando a dor é demasiado intensa, o sujeito poderá sofrer “uma psicose alucinatória carregada de desejo” (Freud, 1917, p. 250), o que o desvia da realidade, levando-o a apegar-se fantasiosamente, ao objecto perdido e não recuperável.

severo e punitivo. No melancólico é visível “um delírio de inferioridade (principalmente moral) [que] é completado pela insónia e pela recusa a se alimentar (...) por uma superação do instinto que compele todo ser vivo a se apegar à vida”. (Freud, 1917, p. 252)²³.

Com Grinberg (2000b), percebeu-se a tendência de comer sempre pouco, encontrada em Bernardo Soares, tal que o autor refere a relevância das tendências orais no processo melancólico. Abraham (cit. in. Grinberg, 2000b) também referiu, que o sujeito terá tendência a regredir a uma fase oral-canibalística, o que o levará a reagir anorexicamente.

“Órfão da Fortuna, tenho, como todos os órfãos, a necessidade de ser objecto de afeição de alguém. Passei sempre fome da realização dessa necessidade. Tanto me adaptei à fome inevitável que, por vezes, nem sei se sinto a necessidade de comer.”

(Soares, 1998, p. 268)

Encontrou-se então, em Bernardo Soares, uma “introjecção do mau objecto” (Milheiro, 1985a, p. 74), e uma procura do “ (...) irremediavelmente perdido, mas sempre mantido, (...) objecto [que] não pode ser reencontrado pela via da representação, que torna presente um outro, ao mesmo tempo o mesmo e diferente. Onde há dor é o objecto ausente, perdido, que está presente; é o objecto presente actual, que está ausente (...) ” (Pontallis, 1999, p. 287), e que inflige uma enorme dor. Esta dor apareceu em Bernardo Soares, devido à procura infundada do seu valor próprio, no olhar deste objecto materno perdido (Matos, 1982a).

“Se a vida [não] nos deu mais do que uma cela de reclusão, façamos por ornamentá-la, ainda que mais não seja, com as sombras de nossos sonhos, desenbos a cores mistos esculpindo o nosso esquecimento sobre a parada exterior dos muros.”

(Soares, 1998, p. 199)

Objecto este, que não tendo investido afectivamente em Bernardo Soares, acabou por o deprimir de forma primária, deixando-o encarcerado num buraco negro, com o sentimento de não receber qualquer contenção (Tustin, 1974) ou apego, toldando o vínculo afectivo entre si (mãe) e Bernardo Soares (Bowlby, 1973)²⁴, encarcerando o último na sensação de que “ (...) toda a minha vida é um recibo por assinar.” (Soares, 1998, p. 97).

Face a esta falha no vínculo afectivo, entre Bernardo Soares e a sua mãe, surgiu um conflito continuado, com perenes soluções para o primeiro, tais como: “Delírio – a regressão

²³ “ (...) percebemos que as auto-recriminações são recriminações feitas a um objecto amado, que foram deslocadas desse objecto para o ego do próprio paciente.” (Freud, 1917, p. 254).

²⁴ “ (...) as determinantes principais do curso desenvolvido pelo comportamento de apego de uma pessoa, e o padrão pelo qual ele se organiza, são as experiências tidas com suas figuras de apego (...) ” (Bowlby, 1973, p. 41).

psicótica; Morrer – a desistência física; sobreviver na dor do desconhecido em si próprio, na ferida narcísica aberta desde o início da vida” (Ferreira, 1991, pp. 263-264).

“ (...) uma angústias às avessas, uma dor perdida.”

(Soares, 1998, p. 75)

Bernardo Soares realizou uma identificação com o objecto, de cariz narcísico, ao invés de libidinal, logo, quando este lhe faltou, Bernardo Soares sentiu que o seu ego ficou esvaziado e desvalorizado (Freud, 1917), levando-o ao medo de falhar, exacerbado pelo “o defeito do Eu” (Matos, 1980b, p. 42).

“Quem vive como eu não morre: acaba, murcha, desvegeta-se.”

(Soares, 1998, p. 35)

Assim Bernardo Soares, poderia ter delirado com posteriores abandonos de objectos significativos – como as tias velhas da província, que apresenta enquanto insatisfatórias – sem que houvesse qualquer motivo para tal, além da sua insegurança narcísica – “o doente sofre, poderíamos dizer, de um “delírio de abandono” (Matos, 1980c, p. 51).

“ (...) sinto-me desterrado de corações, sozinho na noite de mim próprio, chorando como um mendigo o silêncio fechado de todas as portas.”

(Soares, 1998, p. 133)

Aparece em Bernardo Soares uma tentativa inglória de domesticar o seu super-ego arcaico (Bion, 1959; Klein, 1952), e manter a posição narcísica regressiva (Lewin, cit. in. Grinberg, 2000a), bem como uma “ (...) dependência oral (...) insuficiência da compleição narcísica [e] a severidade do Supereu.” (Matos, 1984, p. 381), responsáveis pelo seu luto patológico, ou melancolia (Freud, 1917), referentes ao “gozo” agradável pelo sofrimento melancólico onde Bernardo Soares se mantém durante algum tempo. Este sofrimento dirigido ao próprio ego representa a agressividade, ódio e violência – através da auto-punição anunciada – indirectamente e sadicamente, dirigidas ao objecto sob forma de vingança. (Freud, 1917).

“Julgo às vezes que gozo sofrer.”

(Soares, 1998, p. 268)

Para Rank, Laudauer (1914), Abraham (1915) (cit. *in.* Freud, 1917) e Freud (1917), o melancólico é alguém que escolheu o seu objecto de amor com base numa identificação narcísica, – que em muito se assemelharia às escolhas do narcisismo original – e não por escolha libidinal.

“Transeunte de tudo, até da minha própria alma não pertença a nada, não desejo nada, não sou nada.”

(Soares, 1998, p. 141)

A diminuição da auto-estima de Bernardo Soares, sua insatisfação e conflito egóico – encontrados por vezes de forma severa, com possibilidade de luta entre partes clivadas do ego, em que uma parte do ego se coloca contra a outra, onde parece que a parte punitiva e julgadora toma a forma do objecto, criticando o sujeito melancólico –, e a constante clivagem dos objectos (percepcionados ora como bons, ora como maus), deram origem à “sombra do objecto [que] caiu sobre o ego (...) uma perda objectal se transformou numa perda do ego, e o conflito entre o ego e a pessoa amada, numa separação entre a actividade crítica do ego e o ego enquanto alterado pela identificação” (Freud, 1917, pp. 254-255).

Este conflito egóico refere-se em Bernardo Soares, às suas manifestações de agressividade e raiva narcísica (Matos, 1982d). A mania seria outra forma do sujeito “resistir à angústia depressiva, à dor e à culpa” (Grinberg, 2000c, p. 164), tal como a despersonalização é outra forma que ele encontra para lidar com a angústia depressiva.

Bernardo Soares afirma que “Venci tudo onde nunca estive.” (Soares, 1998, p. 81), parecendo negar a sua depressão ao defender-se maniacamente, o que é visto como uma forma mais doente do que aquela que ele parece aceitar, pois, nega frequentemente e maniacamente que deprime de tempos a tempos (Green, 1980).

Encontrou-se ainda em Bernardo Soares, uma angústia do quotidiano, e uma imensa solidão (Kierkegaard, 1943), percebendo-se que nele, “a angústia, medo sem objecto, é um movimento intrapsíquico que transborda o puro infortúnio para ressoar através do espaço de representação pela memória subjectiva” (Kierkegaard, 1943, cit. *in.* Plagnol, 1991, p. 194). Encontrou-se o “*phobos*” – angústia extrema de existência e culpabilidade –, em Bernardo Soares (Ricoeur, 2001).

“Angústia difícil de definir”

(Soares, 1998, p. 39)

Kierkegaard (1976), foi o primeiro a explicar a angústia (“*phobos*”), como um fenómeno não dotado de objecto específico, sendo o motivo e o objecto da angústia, ignorante na consciência.

“O conceito de angústia (...) é mister, distingui-lo bem do medo e demais estados análogos; este refere-se sempre a algo determinado, ao passo que a angústia é a realidade da liberdade como possibilidade (...)”

(Kierkegaard, 1976, p. 46)

Assim o tédio e o nada, várias vezes referidos por Bernardo Soares, derivariam da “ (...) relação da angústia com o seu objecto [que] é algo que não é nada – em linguagem usual diz-se, com efeito, exactamente: angustiar-se de nada (...)” (Kierkegaard, 1976, p. 47).

Segundo as postulações de Kierkegaard (1943) sobre vários estilos de vida – possíveis de ser vividos pelo Homem (vida estética, ética ou religiosa) –, Bernardo Soares seria então um “esteta”. Optando pela vivência de um estilo de vida estético, onde não se relaciona com ninguém sem que seja consigo mesmo – por medo de ficar preso a relações afectivas, sentidas por ele como perigosas e comprometedoras da sua liberdade – e com as sensações imediatamente vividas. (Kierkegaard, 1943).

“(...) nada passa as barreiras do colectivo sem deixar nelas, como real na água, a maior parte da inteligência que traga consigo.”

(Soares, 1998, p. 78)

Bernardo Soares – o “esteta” – está à mercê da vida, desprovido da necessidade de escolher, esperando o que chegará a si (Kierkegaard, 1943).

A única forma ética – de vida –, encontrada em Bernardo Soares, diz respeito ao trabalho no escritório do patrão Vasques. De resto, não é regido por deveres ou obrigações, que lhe confirmam estabilidade, responsabilidade e coerência, face a si ou aos outros que o rodeiam – numa ideologia do universal (Kierkegaard, 1943).

Porém, partindo para terceiro estado de vida postulado por Kierkegaard (1943), encontramos em Bernardo Soares uma vida religiosa, onde este devota a um Deus – seu pai – por quem chama e apela em momentos de infortúnio, solidão e silêncio. É neste estado de vida que Soares adquire a consciência do seu sofrimento, – que vive plenamente e em silêncio, talvez numa procura de se reconciliar com “Deus-pai”, e ser capaz de se individualizar. (Kierkegaard, 1943).

“Não sabendo o que é a vida religiosa, nem podendo sabê-lo, porque se não tem fé com a razão; não podendo ter fé na abstracção do homem, nem sabendo mesmo que fazer dela perante nós, ficava-nos, como motivo de ter alma, a contemplação estética da vida.”

(Soares, 1998, p. 11)

Encontrou-se ainda em Bernardo Soares “a pena” (*eleos*) – sofrimento que decorre de algo exterior, e sem qualquer responsabilidade (é ancestral) do sujeito que o sofre – à qual o sujeito está destinado, face a uma falha original (no caso de Bernardo Soares, a perda de mãe e pai) (Kierkegaard, 1943). Contudo, ele apropria-se desta “pena”, assimilando-a de forma angustiante, originado esta uma enorme dor (veiculada pela memória de “*eleos*”) (Kierkegaard, 1976).

“ (...) um passado, tão século dezoito sempre pelo afastamento malicioso e cansado, tão medievais sempre pelo irremediavelmente perdido.”

(Soares, 1998, p. 252)

O desassossego de Bernardo Soares, (expresso no título do *Livro* que escreve), também está ligado com o seu desespero. Este desespero – “uma doença mortal” advinda do conflito entre a vida e a morte (Kierkegaard, 1961) – acompanha Bernardo Soares de forma consciente, até à sua morte. Pois, como refere Kierkegaard (1961), não se morre devido ao desespero, mas desespera-se por viver – quando este é consciente (o que se encontrou no caso de Bernardo Soares) – constantemente com ele.

Também encontrámos este desespero de Bernardo Soares, expresso na obra de Freud (1927), quando este fala da condição humana e angustiante do desamparo – o “*hilflosigkeit*”, ou “incapacidade de se sair bem de situações difíceis, de se virar (...) “abandono, desamparo e impotência” (Pereira, 1999, p. 128).

Parece que Bernardo ficou fadado à nascença ao “desamparo do homem, [que] porém, permanece e junto com ele, seu anseio pelo pai e pelos deuses” (Freud, 1927, p. 57).

“Quase peço aos deuses que haja que me guardem aqui, como num cofre, defendendo-me das agruras e também das felicidades da vida.”

(Soares, 1998, p. 123)

6. CONCLUSÃO

“ (...) vida, tão difícil de possuir completa, tão triste de possuir parcial.”

(Soares, 1998, p. 88)

Não se tentou, encontrar um diagnóstico, onde Bernardo Soares se enquadrasse, deixando assim, em aberto, várias ideias-chave para a sua compreensão. Esta falta de diagnóstico prendeu-se, em muito, com o não querer encerrar um ser subjectivo numa palavra objectiva. A forma indirecta de olhar para Bernardo Soares, não permitiu a interpretação da sua transferência, tendo esta análise incidido no material projectivo expresso no “corpus” do *Livro*. Logo, existem assuntos que não foram desenvolvidos de forma exaustiva – como seria pretendido, e desejado pelos investigadores – dada a falha de informação acerca dos mesmos.

As categorias (onde se inserem os conteúdos) de análise serviram, acima de tudo, para que os investigadores não se perdessem na vasta dimensão que é o *Livro*, tornando assim possível, a recolha do material considerado mais relevante para a compreensão clínica do sujeito. Logo, apesar das categorias de análise não terem sido utilizadas de forma convencional, formaram o ponto de partida necessário à sustentação do que foi discutido e considerado relevante, no mundo mental de Bernardo Soares.

“Ninguém ali chega, nem chegará.”

(Soares, 1998, p. 41)

Considerou-se que o estudo aprofundado de Bernardo Soares, permitiu extrair o latente, ao invés do manifesto. Assim, este trabalho serviu como um treino clínico, dando direito a sentimentos contratransferenciais – apresentados no *post-scriptum* – que, além da análise de conteúdo e do estudo de caso, serviram em muito no auxílio da compreensão de Bernardo Soares. Cumpriu-se então, o objectivo do trabalho, visto ter sido possível – também –, encontrar pontos convergentes entre as categorias apresentadas e a realidade psicológica de Bernardo Soares, o que nos levou a corroborar a pertinência do estudo.

Foi possível perceber que as grelhas categoriais albergam o material necessário para a criação de pontes entre o que foi escrito por Bernardo Soares e a análise clínica do mesmo, o que está comprovado nas frases do *Livro*, colocadas de forma estratégica e complementar à análise do caso clínico, de forma a corroborar o rumo tomado pelos investigadores.

Bernardo Soares, “Príncipe do Grande Exílio” (Soares, 1998, p. 45) defende-se do mesmo de forma megalómana e maníaca, de forma a tentar colmatar a falha precoce – e a exclusão de uma relação – que o levou a sentir-se preso num desterro sem parentes. Em suma, concluiu-se que Bernardo Soares nasceu fadado ao destino duma insatisfação crónica com a vida, que se encontra, sempre, acompanhada por uma angústia larvar e constante, que ele projecta de forma abrupta no *Livro*, como se este fosse o purgatório – onde a sua alma procura a purificação através do sofrimento – mais que necessário e não encontrado, pois não existe comunhão com os outros que acelere o processo de passagem para o paraíso idealizado.

Espera-se que este trabalho possa enriquecer mentes, pois, através das teorias apresentadas por pensadores clínicos experientes, deu-se espaço para que o leitor e os investigadores, pudessem fazer uso do seu próprio – livre – pensamento, tendo o espaço necessário para poderem, eles mesmos, extrair a sua interpretação.

7. POST-SCRIPTUM

“Sou ruínas de edifícios que nunca foram mais do que essas ruínas, que alguém se fartou, em meio de construí-las, de pensar em que construía.”

(Soares, 1998, p. 49)

Bernardo Soares, homem de cerca de 30 anos, portador de uma imensa angústia, apareceu-nos como criador duma obra fragmentada (bem como, duma vida), onde, expressa projectivamente a sua realidade interna. Despreza e destitui de valor as suas perdas, deixando-nos adivinhar uma forma defensiva erguida, cimentada, e tal qual mascarada como o cavalo de Tróia.

Realidade rica para quem a olha clínica e interrogativamente, mas pobre em carinhos e afagos para quem a sente através do papel. Sentir Bernardo Soares assemelha-se, a lançar um olhar fugaz sob um prédio em ruínas, que sem base que o sustente ou edifique, se apresenta em putrefacção.

Bernardo Soares, tentou agarrar-se – com insucesso – ao sonho acordado do viajante – inquestionavelmente preso à terra –, e às suas noites de escrita; talvez estas fossem as únicas coisas, (que não o sendo), em si-mesmo, lhe dessem liberdade de – tentar – recriar um mundo onde se sentisse capaz, acarinhado, amado, sustentado e apaziguado. Indirectamente, critica e ataca violentamente um passado inglório, um presente insatisfatório e um futuro que a todo o custo quer reescrever – deixando a todos os caminhantes, o *Livro*, que ambiciona disfarçadamente, ser lido pela Humanidade inteira.

Também aqui, o sonho falhou, deixando-o entregue a despersonalizações, a clivagens, projecções violentas, incapacidade empática, demais frustrações, depressões, angústias e a uma enorme falha narcísica.

Então, torna-se vários “*Verlaines*”; compensa-se auto-eroticamente e obsessivamente com a sua escrita; não permite proximidade relacional a quem por ele passa, não se permite a ser olhado verdadeiramente, mas olha. Olha, observa e analisa os outros, como quem o faz, para não ter de se encarar a si mesmo, e absorver mais uma incapacidade.

Incapacidades não foram, de todo, o que nos propusemos a absorver; mas sim, a abrir o baú do tesouro “*Livro do Desassossego*”, para mostrar o seu mundo interno, aos “viajantes” da Humanidade inteira – deixando-o “ (...) ser hoje o cadáver vivo do que ontem foi vida perdida.” (Soares, 1998, p. 72).

REFERÊNCIAS

- Allonnes, C. R., (1989). *La demarché clinique en sciences humaines: documents, méthodes*. Paris: Bordas.
- Anzieu, D., (1977). *Psicanálise e linguagem. Do corpo à palavra*. Morais, 1979.
- Anzieu, D., (1985). *Le Moi-Peau*. Dunod, Paris.
- Bardin, L., (2008). *Análise de Conteúdo*. Edições 70 Lda.
- Bégoïn, J., (2005). *Do Traumatismo do Nascimento à Emoção Estética*. Fenda.
- Benbasat, I., Goldstein, D. K. & Mead, M., (1987). *The Case Research Strategy in Studies of Information Systems*, MIS Quarterly, p. 369-386.
- Berelson, B., (1952). *Content Analysis in Communication Reserarch*, Nova Iorque, Free Press.
- Bick, E., (1967). *A experiência da pele em relações de objecto arcaicas*. In: Melanie Klein Hoje, Vol. I. Imago, 1991.
- Bion, W., (1954). *Notas sobre a teoria da esquizofrenia*. In: Estudos psicanalíticos revistados, Imago, 1988
- Bion, W., (1957). *Diferenciação entre a personalidade psicótica e a personalidade não-psicótica*. In: Melanie Klein Hoje, Vol. I. Imago, 1991.
- Bion, W., (1959). *Ataques ao elo de ligação*. In: Melanie Klein Hoje, Vol. I. Imago, 1991.
- Bion, W., (1962). *Learning from Experience*. Londres, Karnac Books, 1984.
- Bion, W., (1963). *Elements of Psycho-Analysis*, Londres: William Heinemann, Medical Books.
- Bion, W., (1965). *Transformations*. Londres, Karnac Books, 1984.
- Bion, W., (1967). *Second Thoughts*. Londres, William Heinemann, Medical Books.
- Bowlby, J., (1973). *Perda Tristeza e Depressão, apego e perda*. Vol, III. Edições Martins Fontes, 2002.
- Brenman, E., (1985). *Crueldade e estreiteza mental*. In: Melanie Klein Hoje, Vol I. Imago, 2001.
- Caon, J. L., (1994). *O pesquisador psicanalítico e a situação psicanalítica de pesquisa*. In: Psicologia: reflexão e crítica, 7 (2), p. 145-174.
- Coelho, J. P., (1982). *A Lógica do Desassossego e o Espaço Literário*. In: Expresso, 21 de Agosto de 1982.
- Coelho, J. P., (2007). *Diversidade e Unidade em Fernando Pessoa*. Verbo.
- Coutinho, C. & Chaves, J., (2002). *O estudo de caso na investigação em Tecnologia Educativa em Portugal*. In: Revista Portuguesa de Educação, 15 (1), pp. 221-244. Universidade do Minho.
- Dias, C. A., (2004). *Costurando as linbas da psicopatologia borderland (estados-limite)*. Climepsi Editores.
- Erickson, E., (1959). *Growth and crisis of the health personality in identity and the life circle*. New York International University Press.
- Erickson, E., (1968). *Identity, youth and crisis*. Nova Iorque. Norton.
- Fairbairn, R., (1940). *Factores esquizoides da personalidade* In: Estudos Psicanalíticos da Personalidade. Veja, 2000.
- Fairbairn, R., (1941) *Uma revisão psicopatológica das psicoses e psiconeuroses* In: Estudos Psicanalíticos da Personalidade. Veja, 2000.
- Ferreira, T., (1991). *Ensaio sobre a depressão infantil*. In: Em Defesa da Criança teoria e prática psicanalítica, 2002. Assírio & Alvim.

- Ferreira, T., (1996). *Núcleos depressivos e estrutura da personalidade*. In: Em Defesa da Criança teoria e prática psicanalítica, 2002. Assírio & Alvim.
- Foucault, M., (1980). *El ordem del discurso*. Barcelona, Tusquets Editores.
- Freud, S., (1905). *Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade*. Coleção Vida e Cultura, Edição Livros do Brasil, Lisboa, 2001.
- Freud, S., (1914). *Sobre o Narcisismo: Uma Introdução*. In: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Imago, Vol. XIV, 1992.
- Freud, S., (1917). *Luto e Melancolia*. In: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Imago, Vol. XIV, 1992.
- Freud, S., (1919). *O estranho*. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, Vol. XVII, 1987.
- Freud, S., (1924a). *A dissolução do complexo de Édipo*. In: Textos Essenciais de Psicanálise, Vol. II, Biblioteca Universitária, Publicações Europa-América, 2000.
- Freud, S., (1924b). *A perda da realidade na neurose e na psicose*. In: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Imago, Vol. XIV, 1992.
- Freud, S., (1924c). *Neurose e psicose*. In: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Imago, Vol. XIV, 1992.
- Freud, S., (1927). *O Futuro de uma ilusão*. In: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Imago, Vol. XXI, 1992.
- Freud, S., (1938). *Esboço de Psicanálise*. Imago Editora, 2000.
- Gedo, J., (1977). *Notes on the management of archaic transferences*. In: Psychoanalysis Association, 25.
- Gibello, B., (1991). *O pensamento incontido*. Climepsi Editores, 1999.
- Gil, A. C., (2002). *Como elaborar projectos de pesquisa*. 4.ª ed., São Paulo, Actas.
- Gomez, L., (2005). *Uma introdução às relações de objecto*. Climepsi Editores.
- Green, A., (1980). *A mãe morta*. In: narcisismo de vida e narcisismo de morte.
- Greenberg, J. & Mitchell, S., (2003). *Relações de Objecto na Teoria Psicanalítica*. Climepsi Editores.
- Grinberg, L., (1976a). *Conceito de Identificação*. In: Teoria da Identificação, Cap. I. Climepsi Editores, 2001.
- Grinberg, L., (1976b). *O conceito de identificação na literatura psicanalítica*. In: Teoria da Identificação, Cap. II. Climepsi Editores, 2001.
- Grinberg, L., (1976c). *Modalidades específicas de identificação*. In: Teoria da Identificação, Cap. III. Climepsi Editores, 2001.
- Grinberg, L., (1976d). *O meu contributo para o conceito de identificação projectiva*. In: Teoria da Identificação, Cap. XI. Climepsi Editores, 2001.
- Grinberg, L., (2000a). *Elaboração do luto*. In: Culpa e Depressão, Cap. XIV. Climepsi Editores.
- Grinberg, L., (2000b). *Luto normal e luto patológico*. In: Culpa e Depressão, Cap. XIII. Climepsi Editores.
- Grinberg, L., (2000c). *Elaboração do luto*. In: Culpa e Depressão, Cap. XIV. Climepsi Editores.
- Grotstein, J., (1999). *O buraco negro*. Climepsi Editores.

- Guerreiro, R., (2004). *De Luto por Existir. A melancolia de Bernardo Soares à luz de Walter Benjamin*. Assírio & Alvim.
- Kerneberg, O., (1980). *Luto e Melancolia Revisitado In: Controvérsias contemporâneas acerca da teoria, prática e aplicação psicanalíticas*, Cap. V. Climepsi Editores, 2008.
- Kierkegaard, S., (1943). *Ou Bien...Ou Bien*. Paris, Gallimard.
- Kierkegaard, S., (1961). *Traité du Désespoir*. Paris, Gallimard.
- Kierkegaard, S., (1976). *Le Concept de L'angoisse*. Paris, Gallimard
- Kohut, H., (1966). *Formas e transformações do narcisismo*. In: Self e narcisismo. Rio de Janeiro, Zahar, 1994.
- Kohut, H., (1971). *A análise do self*. Imago, 1988.
- Kohut, H., (1977). *A restauração do self*. Imago, 1988.
- Klein, M., (1930). *A importância da formação de símbolos no desenvolvimento do ego*. In: Amor, culpa e reparação e outros trabalhos 1921-1945. Imago Editora, 1996.
- Klein, M., (1935). *Uma contribuição para a psicogênese dos estados maníaco-depressivos*. In: Amor, culpa e reparação e outros trabalhos 1921-1945. Imago Editora, 1996.
- Klein, M., (1940). *O luto e suas relações com os estados maníaco-depressivos*. In: Amor, culpa e reparação e outros trabalhos 1921-1945. Imago Editora, 1996.
- Klein, M., (1946). *Notas sobre alguns mecanismos esquizóides*. In: *Inveja e gratidão: e outros trabalhos 1946-1963*. Imago Editores, 1991.
- Klein, M., (1948). *Sobre a teoria da ansiedade e da culpa* In: *Inveja e gratidão: e outros trabalhos 1946-1963*. Imago Editores, 1991.
- Klein, M., (1952a) *As origens da transferência*. In: *Inveja e gratidão: e outros trabalhos 1946-1963*. Imago Editora, 1991.
- Klein, M., (1952b) *Influências mútuas no desenvolvimento do ego e do id*. In: *Inveja e gratidão: e outros trabalhos 1946-1963*. Imago Editora, 1991.
- Klein, M., (1957) *Inveja e gratidão*. In: *Inveja e gratidão e outros trabalhos 1946-1963*. Imago Editora, 1991.
- Krippendorff, K., (1980). *Content Analysis*. In: Introduction to is Methodology, Londres, Sage.
- Lacan, J., (1966). *Écrits*. Paris, Seuil.
- Lebovici, S., (1983). *La mère, le nourisson et le psychanalyste:les interactions précoces*. Paris: Paidós/Le Centurion.
- Maingueneau, D., (1989). *Novas Tendências em Análise do Discurso*. Campinas, Pontes.
- Malpique, C., (2007). *Fernando em Pessoa ensaios de reflexão psicanalítica*. Fenda edições.
- Martinho, J., (2001). *Pessoa e a psicanálise*. Almedina.
- Martins, F. C. (2008). *Dicionário de Fernando Pessoa e do modernismo Português*. Caminho.
- Matos, A., (1979a). *Depressão, depressividade e depressibilidade*. In: A Depressão. Climepsi Editores, 2007.
- Matos, A., (1979b). *A inveja e o ciúme*. In: O Desespero. Climepsi Editores, 2002
- Matos, A., (1979c). *Narcisismo e conflito edípiano*. In: O Desespero. Climepsi Editores, 2002
- Matos, A., (1980a). *Sobre a patogenia da depressão*. In: A Depressão. Climepsi Editores, 2007.
- Matos, A., (1980b). *A disposição depressiva*. In: A Depressão. Climepsi Editores, 2007.

- Matos, A., (1980c). *Sobre a depressão*. In: A Depressão. Climepsi Editores, 2007.
- Matos, A., (1982a). *Tristeza e Depressão*. In: A Depressão. Climepsi Editores, 2007.
- Matos, A., (1982b). *Notas sobre a depressividade*. In: A Depressão. Climepsi Editores, 2007.
- Matos, A., (1982c). *Depressividade, reparação narcísica e neurose*. In: A Depressão. Climepsi Editores, 2007.
- Matos, A., (1982d). *Personalidade depressiva e depressão*. In: A Depressão. Climepsi Editores, 2007.
- Matos, A., (1984). *Depressão: Estrutura e funcionamento*. In: A Depressão. Climepsi Editores, 2007.
- Matos, A., (1990). *A psicose na adolescência*. In: Revista portuguesa de pedopsiquiatria, n.º 1, pp. 36-41.
- Matos, A., (1994a). *Estados-limite: etiopatogenia, patologia e tratamento*. In: Revista portuguesa de pedopsiquiatria, n.º 6, pp. 7-26.
- Matos, A., (1994b) *As pré-psicoses*. In: Revista portuguesa de pedopsiquiatria, n.º 6, pp. 27-34.
- Matos, A., (1996). *Percursos da Identidade: Processos Transformadores*. Revista Portuguesa de Pedopsiquiatria, 11; pp. 23-33.
- Matos, A., (1997a). *Construção da Identidade Sexual*. Comunicação no I Curso de Pós-Graduado em Sexualidade da Faculdade de Medicina de Lisboa. Lisboa In: Adolescência. Climepsi Editores, 2002.
- Matos, A., (1997b). *Narcisismo e Depressão*. In: Revista Portuguesa de Psicanálise, n.º16, pp. 19-25.
- Matos, A., (2008). *Vária Existo Porque Fui Amado*. Climepsi Editores.
- Milheiro, J., (1985a). *Orofobia: Uma Digressão Contra-Fusional* In: Orofarias...Marias...e Outros Mistérios. Almedina, 2001.
- Milheiro, J., (1985b). *Maria Triste e Pessoa*. In: Orofarias...Marias...e Outros Mistérios. Almedina, 2001.
- Milheiro, J., (1990). *Maria triste já sonha*. In: Orofarias...Marias...e Outros Mistérios. Almedina, 2001.
- Milheiro, J., (1996). *Angústias*. In: Orofarias...Marias...e Outros Mistérios. Almedina, 2001.
- Monteiro, A. M., (2005). *Escrita Diarística e/ou intimista*. In: Miguel Torga e a Literatura Intimista, Actas do Colóquio, Coimbra.
- Neuenschwander, M., (1996). *Desenvolvimento e identidade na adolescência*. Almedina, 2002.
- Oliveira, P. S., (2001). *Aspectos metodológicos de um estudo de caso de psicose*. In: Análise Psicológica, 3 (XIX): pp. 399-415.
- O'Shaughnessy, O., (1981). *Um estudo clínico de uma organização defensiva*. In: Melanie Klein Hoje, Vol. I. Imago, 1991.
- Paz, O., (1983). *Fernando Pessoa o desconhecido de si mesmo*. Veja.
- Pêgo, I. M., (2007). *A unidade múltipla de Bernardo Soares*. Centro de Literatura Portuguesa, Coimbra.
- Pereira, M. C., (1999). *Pânico e desamparo. Um estudo psicanalítico*. São Paulo: Escuta.
- Pessoa, F., (1998). *O livro do Desassossego Composto por Bernardo Soares ajudante de guarda-livros na cidade de Lisboa*/Fernando Pessoa, ed. Richard Zenith. Assírio & Alvim, Prefácio de Fernando Pessoa, pp. 7-8.
- Pontalis, J. B., (1999). *Entre o sonho e a dor*. Edições Fenda.
- Ponte, P. J., (2006). *Estudos de caso em educação matemática*. Bolema, pp. 105-132.
- Rey, J. H., (1979). *Fenômenos esquizóides no paciente fronteiro (Borderline)*. In: Melanie Klein Hoje, Vol. I. Imago, 1991.

- Recamier, C., (1980). *Les schizophrénies*. Paris, Payot, 1990.
- Ricoeur, P., (2001). *Vrai et fausse angoisse*. In: *Histoire et Vérité*. Paris, Seuil.
- Rosenfeld, H., (1971). *Uma abordagem clínica para a teoria psicanalítica das pulsões de vida e de morte: Uma investigação dos aspectos agressivos do narcisismo*. In: *Melanie Klein Hoje*, Vol. I. Imago, 1991.
- Rosenfeld, H., (1974). *Estados psicóticos*. Buenos Aires, Hormé.
- Sá, E., (2003). *Textos com psicanálise*. Fim de Século.
- Sá, E., (2004). *Da comunhão ao descuído*: Colóquio “As palavras no corpo”. Conferência sobre “mães científicas” na Sociedade Portuguesa de Psicanálise.
- Sá, E., (2007). *Patologia Borderline e Psicose na Clínica Infantil*. 2.^a ed. Instituto Superior de Psicologia Aplicada. Lisboa.
- Salgueiro, E., (2002). *Relação Adictiva e Mal-de-Viver*. Lisboa, s.d.
- Seagal, H., (1975). *Introdução à Obra de Melanie Klein*. Imago Editora.
- Seagal, H., (1991a). *Simbolismo*. In: *Sonho, Fantasia e Arte*. Imago, Cap. 3, 1993.
- Seagal, H., (1991b). *Arte e posição depressiva*. In: *Sonho, Fantasia e Arte*. Imago, Cap. 7, 1993.
- Shapiro, R. L., (1969). *Adolescent ego autonomy and the family*. In: *Adolescence: psychosocial perspective*, pp. 113-121. Nova Iorque, Basic Books.
- Soares, B., (1998). *O livro do Desassossego Composto por Bernardo Soares ajudante de guarda-livros na cidade de Lisboa*/Fernando Pessoa, ed. Richard Zenith. Assírio & Alvim.
- Steiner, J., (1987). *O Interjogo entre organizações patológicas e as posições esquizo-paranoide e depressiva*. In: *Melanie Klein hoje*, Vol. I. Imago, 1991.
- Symington, J. & Symington, N., (1999). *O pensamento clínico de Wilfred Bion*. Climepsi Editores.
- Tustin, F., (1974). *Autismo e psicose Infantil*. Rio de Janeiro: Imago.
- Vala, J., (1986). *A análise de Conteúdo*, Cap. IV, pp. 101-128 In: *Silva, S. & Pinto, J. M., orgs. (1986). Metodologia das Ciências Sociais*. Porto, Portugal, Edições Afrontamento.
- Winnicott, D., (1956). *A Preocupação Materna Primária*. In: *Da Pediatria à Psicanálise Obras escolhidas*. Imago Editora, 2000.
- Winnicott, D., (1962). *Provisão para a criança na saúde e na crise*, In: *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.
- Winnicott, D., (1962a). *Dependência no cuidado do lactente, no cuidado da criança e na situação psicanalítica*. In: *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.
- Yin, R., (1994). *Case Study Research: Design and Methods* (2^a Ed) Thousand Oaks, CA: SAGE Publications.
- Zimerman, D., (1999). *Fundamentos Psicanalíticos teoria, técnica e clínica*. Artes Médicas.
- Fotografia cedida por Anónimo, 2009.

ANEXO A: GRELHAS CATEGORIAIS

Tabela de Categoria: Sono

Indicador de Unidades de Registo: Considerou-se todas as unidades de registo que dissessem respeito a referências oníricas e insónias vespertinas ou matutinas.

Fragmentos	Unidades de Registo
31	"Não dormi nada, nem espero dormir"
70	"Tudo o que dorme é criança de novo. Talvez porque o sono não se possa fazer mal, e se não dá conta da vida, o maior criminoso, o mais fechado egoísta é sagrado, por uma magia natural enquanto dorme."
78	"Há sensações que são sonhos (...) que não deixam claramente ser."
140	"Escrevo como quem dorme (...)"
155	"Sono é fusão com Deus, o Nirvana(...)" "o sono é a análise lenta das sensações."
174	"Depois de uma noite mal dormida, toda a gente não gosta de nós." "Tenho sono, muito sono, todo o sono!"
178	"Estamos dormindo e esta vida é um sonho (...) num sentido verdadeiro."
180	"Tenho sono."
184	"Dormir horroriza-me como tudo"
202	"Um vago sono sobrevindo aos últimos gestos de agir." "Meu cérebro dorme tudo quanto sinto."
203	"(...)dormem os que se esqueceram da má sombra, saudosos do sol que não tinham."
224	"Sem sono, nem razão para o ter, há em mim um grande vontade de dormir."
243	"Seria feliz se pudesse dormir."
465	"(...) este é um sono que não consegue dormir, que pesa nas pálpebras sem as fechar, que junta num gesto que se sente ser de estupidez e repulsa as comissuras sentidas dos beiços descrentes. Este é um sono como o que pesa inutilmente sobre o corpo nas grandes insónias da alma."

Tabela de Categoria: Agressividade/Violência

Indicador de Unidades de Registo: Considerou-se todas as unidades de registo que dissessem respeito a manifestações de carácter violento, para com os outros.

Fragmentos	Unidades de Registo
70	"Entre matar quem dorme e matar uma criança, não conheço diferença que se sinta"
143	"Sinto que o poderia matar por me intrometer o que eu não estava pensando." "Olho-o, voltando-me, com um silêncio cheio de ódio, escuto antecipadamente, numa tensão de homicídio latente(...)" "Odeio-o como o universo."
169	"(...)hoje, relendo, vejo rebentar meus bonecos, sair-lhes a palha pelos rasgos, despejarem-se sem ter sido..."
196	"Sei que estes pensamentos da emoção doem com raiva na alma,"
236	"E a minha alegria manifesta-se por este gesto de raiva que não sinto."
266	"Tenho ganas de gritar dentro da cabeça. Quero parar, esmagar, partir esse impossível disco gramofónico que soa dentro de mim em casa alheia, torturador inatingível."
317	"E «carne e osso» de facto, as descreve bem: parecem coisas cortadas postas no exterior marmóreo de um talho, mortas sangrando como vidas, pernas e costeletas do Destino."

Tabela de Categoria: Angústia de Abandono

Indicador de Unidades de Registo: Considerou-se todas as unidades de registo que dissessem respeito a sentimentos de abandono, perda e separação, com figuras significativas.

Fragmentos	Unidades de Registo
30	"Mas às vezes sou diferente, e tenho lágrimas, lágrimas das quentes dos que não têm nem tiveram mãe; e os meus olhos que ardem dessas lágrimas mortas ardem dentro do meu coração." "Acordei sempre contra seios outros, acalentado por desvio."
48	"A solidão desola-me;"
55	" (...)Príncipe do Grande Exílio (...)
88	"(...)eu, uma pobre criança abandonada(...)" "Estou tão cansado do meu abandono." "Torna a dar-me, ò Silêncio imenso, a minha ama e o meu berço e a minha canção com que dormia."
100	"O passado, já o não tenho."
130	"Assim, rejeitado depois de me terem comido o miolo prático, vou com o pó que resta do corpo de Cristo para o caixote do lixo(...)"
152	"Escrever, sim, é perder-me, mas todos se perdem, porque tudo é perda."
155	"Vi que estava vestido de pajem, e não me deram a rainha, culpando-me de a não ter."
161	"Há idas de poente que doem mais que mortes de crianças."
174	"Naufrago o meu deambular."
179	"Cada um de nós é um grão de pó que o vento da vida levanta, e depois deixa cair."
181	"Assim tiro do livro que se me folheia na alma (...) memórias de um outro vagabundo."
193	"É sempre com uma comoção exagerada que deixo qualquer coisa."
197	"(...)sinto-me desterrado de corações, sozinho na noite de mim próprio, chorando com um mendigo o silêncio fechado de todas as portas."
198	"(...)um grande mar a ilha de naufragos que é a vida."
205	"Todos quanto amei me esqueceram na sombra."
224	"Pensei nesse papagaio porque estou triste e a infância longínqua o lembra?"
225	"Uma saudade, que é de toda a gente por tudo, invade-me como um ópio do ar frio."
264	"(...) todo eu, sou todas as sestas de mendigos entre as árvores da quinta de Ninguém."
306	"(...)de todas as consolações nascemos órfãos." "Nós encontramos-nos navegando, sem a ideia do porto a que nos deveríamos acolher."

351	"As tias velhas dos que as tiveram(...)"
399	"Como Diógenes a Alexandre, só peço à vida que me não tirasse o sol."
400	"(...)um passado, tão século dezoito sempre pelo afastamento malicioso e cansado, tão medievais sempre pelo irremediavelmente perdido."
403	"A vida é isto. Os outros abandonaram os remos..."
407	"Se eu não poderia viver senão acarinhado, por que deitaram fora o meu carinho?"

Tabela de Categoria: Defesas Maniacas

Indicador de Unidades de Registo: Considerou-se todas as unidades de registo que dissessem respeito a temáticas de narcisismo, megalomania, onnipotência e exaltação egóica.

Fragmentos	Unidades de Registo
1	"Se o que deixar escrito no livro dos viajantes puder, relido um dia por outros, entretê-los também na passagem, será bem. Se não o lerem, nem se entretiverem será bem também"
4	<p>"E do alto da majestade de todos os sonhos, ajudante de guarda-livros na cidade de Lisboa."</p> <p>"Mas o contraste não me esmaga - liberta-me; e a ironia que há nele é sangue meu. O que deveria humilhar-me é a minha bandeira, que desfraldo; e o riso, com que deveria rir de mim, é um clarim com que saúdo e gero uma alvorada em que me faço"</p> <p>"A glória nocturna de ser tão grande não sendo nada!"</p> <p>"A majestade sombria de esplendor desconhecido..."</p>
6	<p>"Vivo mais porque vivo maior"</p> <p>"Aqui eu (...) a fazer prosa como os génios célebres! Aqui, eu, assim!..."</p>
8	"Ou estarei internado num asilo de mendicidade, feliz da derrota inteira, misturado com a ralé dos que se julgaram génios e não foram mais que mendigos com sonhos(...)"
11	"Nós nunca nos realizamos."
22	"Um dia, lá para o fim do futuro, alguém escreverá sobre mim um poema, e talvez só então eu comece a reinar no meu Reino"
23	"Tornamo-nos esfinges, ainda que falsas, até chegarmos ao ponto em que já não sabemos quem somos"
29	"A minha figura humana, se a considerava com uma atenção externa, era do ridículo que tudo quanto é humano assume, sempre que é íntimo"
31	Posso deixar-me à vida posso dormir, posso ignorar-me...
42	<p>"O Grande Livro que diz que fomos."</p> <p>"Contento-me com a minha cela ter vidraças por dentro das grades, e escrevo nos vidros, no pó do necessário, o meu nome em letras grandes, assinatura quotidiana da minha escritura com a morte."</p>
46	"«Porque sou do tamanho do que vejo e não do tamanho da minha altura.»" (Alberto Caeiro)

53	<p>"O que é doença é desejar com igual intensidade o que é preciso e o que é desejável, e sofrer por não ser perfeito como se se sofresse por não ter pão."</p> <p>"O mal romântico é este: é querer a lua como se houvesse maneira de a obter."</p>
54	<p>"Quase todos os homens sonham, nos secretos do seu ser, um grande imperialismo próprio, a sujeição de todos os homens, a entrega de todas as mulheres, a adoração dos povos, e, nos mais nobres, de todas as eras... Poucos como eu habituados ao sonho, são por isso lúcidos bastante para rir da possibilidade estética de sonhar assim."</p> <p>"Levo comigo a consciência da derrota como um pendão de vitória."</p> <p>"Quantas vezes eu mesmo, (...) me encontro supondo que seria bom ser célebre, que seria agradável ser ameigado, que seria colorido ser triunfal!"</p> <p>"Mas não consigo visionar-me nesses papéis de píncaro senão com uma gargalhada do meu outro eu"</p>
56	<p>"(...) do meu apagamento nulo de esfinge de papelaria."</p>
59	<p>Meus pobres companheiros que sonham alto, como os invejo e os desprezo!</p>
73	<p>"Somos por posição reis do mundo visível."</p> <p>"Em torno de nós tudo é mais baixo"</p> <p>"(...)planície que jaz, ante o erguimento e o píncaro que somos."</p>
80	
83	<p>"Vejo tudo isto do alto de um telhado espiritual."</p>
84	<p>"Cada homem que sabe dizer o que diz é, a seu modo Rei de Roma."</p>
85	<p>"E eu, cujo espírito de crítica próprio me não permite senão que veja os defeitos, as falhas(...)"</p>
90	<p>Mais vale ser a lesma humana que ama e desconhece, que sanguessuga que é repugnante sem o saber.</p>
100	<p>"Não quero mais da vida do que senti-la perder-se nestas tardes imprevistas, ao som de crianças alheias que brincam nestes jardins engradados pela melancolia das ruas que os cercam, e copados, para além dos ramos altos das árvores, pelo céu velho onde as estrelas recomeçam."</p>
102	<p>"Mas quantos Césares fui!"</p> <p>"Quantos Césares fui, e sonho todavia ser."</p> <p>"Quantos Césares fui, mas não dos reais."</p>
105	<p>"O império supremo é do Imperador que abdica de toda a vida normal, dos outros homens, em quem a supremacia não pesa como um fardo de jóias."</p> <p>"Vence só quem nunca consegue."</p>
106	<p>"De que me serve citar-me génio se resulto ajudante de guarda-livros?"</p>

107	"Sofro principalmente, do mal de poder sofrer."
110	"(...) e tenho o meu infinito." "Venci tudo onde nunca estive."
112	"É a um conceito nosso - em suma, é a nós mesmo que amamos." "No amor sexual buscamos um prazer nosso dado por intermédio de um corpo estranho. No amor diferente do sexual, buscamos um prazer nosso dado por intermédio de uma ideia nossa."
114	"Quero ser uma obra de arte da alma." "(...)já que de corpo não posso ser."
123	"O universo não é meu: sou eu."
125	"Por vosso início, Senhor, se descobriu o Mundo Real; por meu o mundo Intelectual se descobrirá."
135	"É uma espécie de pudor de existir."
138	"Quem cruzou todos os mares cruzou somente a monotonia de si mesmo. Já cruzei mais mares do que todos."
143	"Não me pode pesar muito o ter deixado de ser imperador romano(...)"
145	"Quanto mais alto o homem, de mais coisas tem de se privar." "No píncaro não há lugar senão para o homem só." "Quanto mais perfeito mais completo; e quanto mais completo, menos outrém." "Achei sempre que a virtude estava em obter o que não se alcançava, em viver onde não se está, em ser mais vivo depois de morto que quando se está vivo, em conseguir, enfim, qualquer coisa de difícil, de absurdo, (...)" "o prazer da fama futura é um prazer presente - a fama é que é futura." "É um prazer de orgulho igual a nenhum que qualquer posse material consiga dar." "(...)posso orgulha-me, como de um filho, da fama que terei, porque, ao menos, tenho com que ter." "Com estas psicologias metafísicas se consolam os humildes como eu." "Eu, porém, que na vida transitória não sou nada(...)"
149	"Falhei, como a natureza inteira."
152	Para mim escrever é desprezar-me; mas não posso deixar de escrever.

157	<p>"(...)ser eu Deus no panteísmo real desse povo-eu(...)"</p> <p>"Ser tudo(...)"</p> <p>"Poder sonhar o inconcebível visibilizando-o é um dos grandes triunfos que não eu, que sou tão grande, senão raras vezes atinjo."</p> <p>"(...)não sei porquê, mas não se deve poder viver depois disso, tamanho sacrilégio cometido contra Deus, tamanha usurpação do poder divino de ser tudo."</p>
159	<p>"(...)creio que foi bom que essa experiência de desilusão me acontecesse tão cedo."</p>
164	<p>"E cada um de nós, se deveras se conhece, quer ser rei do mundo."</p> <p>"Ninguém pode ser o rei do mundo senão em sonho."</p>
170	<p>"Também fiquei contente porque existo."</p>
180	<p>"(...)terei saudades de quando era fútil, frustrado e imperfeito."</p>
182	<p>"Não aspiro a nada."</p>
199	<p>"A doçura de não ter família nem companhia."</p> <p>"(...)sentimos orgulho do desterro(...)"</p>
205	<p>"Ninguém me dirá quem sou, nem saberá quem fui."</p>
208	<p>"O mais que tenho amado são sensações minhas(...)"</p> <p>"Não gosto que me dêem coisas (...)"</p> <p>"Sou altamente sociável de um modo altamente negativo."</p>
209	<p>Mas o verdadeiro destino nobre é o do escritor que não se publica.</p>
210	<p>Publicar-se - socialização de si próprio. Que ignóbil necessidade!</p>
213	<p>"E, tendo sentido que estou hoje num progresso grande do que fui, pergunto onde está o progresso se então era o mesmo que hoje sou."</p>
214	<p>"Sou mais velho, sou mais prático de pensamento: deverei ter progredido."</p>
215	<p>"Tudo o que quero consigo, logo que seja dentro de mim."</p>
218	<p>"(...)a Natureza inteira é primogénita da minha sensação."</p> <p>"Sem mim, o sol nasce e se apaga; sem mim a chuva cai e o vento geme(...)"</p> <p>"Dono do mundo em mim, como de terras que não posso trazer comigo."</p> <p>"As coisas derivam de mim."</p>
221	<p>"Enchi as mãos de areia, chamei-lhe ouro(...)"</p>
224	<p>"Outrora, quando eu era criança e feliz, vivia numa casa do pátio ao lado a voz de um papagaio verde a cores."</p>
231	<p>"O que escrevo hoje é muito melhor, É melhor, mesmo, do que poderiam escrever os melhores. Mas está infinitamente abaixo daquilo que eu, não sei porquê, sinto que podia (...)escrever"</p>

233	"...a tristeza solene que habite em todas as coisas grandes - nos píncaros como nas grandes vidas(...)"
235	"(...)porque ninguém é humano sem o ser levemente envaidecido(...)"
237	"Precisar de dominar os outros é precisar dos outros. O chefe é um dependente."
238	"Busquemos sempre o impossível, porque tal é o nosso fado."
244	"A sede de ser completo deixou-me neste estado de mágoa inútil."
247	"Avida prática sempre me pareceu o menos cómodo dos suicídios."
251	"Do próprio desejo da glória lentamente me despi, como quem cheio de cansaço se despe para repousar" "Quem nos afirma que, a ser doença, a doença não era mais desejável, ou a mais lógica, ou mais, do que saúde?" "Concentrei e limitei os meus desejos, para os poder requintar melhor."
255	"(...)a vaidade, que é o sangue da vida espiritual (...)" "No baile de máscaras em que vivemos, basta-nos o agrado do traje, que no baile é tudo."
263	(...)estou cansado, não da obra ou do repouso, mas de mim.
272	"No panteão há lugar para os deuses que se excluem uns aos outros, e todos têm assento e regência. Cada um pode ser tudo, porque aqui não há limites, nem até lógicos, e gozamos, no convívio de vários eternos, da coexistência de diferentes infinitos e diversas eternidades."
275	"O governo do mundo começa em nós mesmos."
287	"Adoramos a perfeição porque não a podemos ter; repugna-la-íamos, se a tivéssemos."
289	"Tu, que me ouves e mal me escutas, não sabes o que é esta tragédia! Perder pai e mãe não atingir a glória nem a felicidade, não ter um amigo nem um amor - tudo isso se pode suportar(...)"
290	"Quantos Verlaines fui!"
292	"Porque dar valor ao próprio sofrimento põe-lhe o ouro dum sol do orgulho. Sofrer muito pode dar a ilusão de ser o Eleito da Dor." "Eu nem sofro."
303	"O mundo é de quem não sente." "A condição essencial para se ser um homem prático é a ausência de sensibilidade."
307	"Façamos da nossa falência uma vitória, uma coisa positiva e erguida, com colunas, majestade (...)"
308	"Há minha incapacidade de viver crismei de génio, à minha cobardia cobri-a de lhe chamar requinte." "Pus-me a mim, Deus dourado com ouro falso, num altar de papelão pintado para parecer mármore."

309	"O prazer de nos elogiarmos a nós próprios."
313	"Irrita-me a felicidade e todos estes homens que não sabem que são infelizes."
316	Todos temos por onde sermos desprezíveis.
319	"Reconheço hoje que falhei: só pasmo, às vezes, de não ter previsto que falharia." "(...)e eu, via-me nos lagos deles como um Narciso cego(...)"
322	"O poema que eu sonho não tem falhas senão quando tento realizá-lo."
334	"(...)não serei senão a mosca lustrosa que poisa um momento diante deles?" "...Mas eu não pensei: senti. Foi carnalmente, directamente, com um horror profundo e escuro, que fiz a comparação risível."
338	"Tudo é complexo ou sou eu que o sou."
339	"Vejo-me como ao lago que imaginei, e o que vejo nesse lago sou eu." "Porque parei, estremeceram as águas. Porque reflecti, o sol recolheu-se."
341	"Na minha água ignóbil(...)"
350	"Julgo, às vezes, que tudo é falso, e que o tempo não é mais do que uma moldura para enquadrar o que lhe é estranho."
365	Assídua, a mágo a estéril e amiga que nos aperta o peito com amor. "O amor nunca veio àquele vale e por isso tudo ali era feliz."
370	"(...)e não deixaram de me ser gratos por eu ter interpretado tão bem, não só aquilo que eles são realmente, mas o que eles nunca desejaram ser nem sabiam que eram...."
376	"A leve embriaguez da febre ligeira, quando um desconforto mole e penetrante e frio pelos ossos doridos fora e quente nos olhos sob têmporas que batem - a esse desconforto quero como um escravo a um tirano amado."
379	"Quem me dera que de mim ficasse uma frase, uma coisa dita de que se dissesse, Bem feito! Como os números que vou escrevendo, copiando-os, no livro da minha vida inteira." "Desejo, com uma sinceridade que é feroz , não passar nunca a guarda-livros."
381	"Mas os muros da cela infinita não nos podem soterrar, porque não existem; nem nos podem sequer fazer viver pela dor as algemas que ninguém nos pôs."
387	"Suponho que seja o que chamam um decadente(...)"
398	"É só nas palavras que há a nobreza do meu sofrimento." "(...)desejo, quanto possível, fazer que a minha desgraça me divirta."
401	"E assim, sem alegria, mas contente, entre as quatro paredes do meu quarto dorme, por inocência, com o seu pobre papel feio e gasto, toda a angústia insuspeita de uma alma humana que transborda, todo o desespero sem remédio de um coração a quem Deus abandonou."
404	"Seria interessante poder ser dois reis ao mesmo tempo: ser não uma alma de eles dois, mas as duas almas."
409	Que bom estar só largamente.!

410	"Sempre que podem, sentem-se defronte do espelho. Falam connosco e namoram-se de olhos a si mesmos." "Passei, vi e, ao contrário deles, venci."
412	"Nem no orgulho tenho consolação. De quê orgulhar-me se não sou o criador de mim próprio. E mesmo que haja em mim de que envaidecer-me, quanto para me não envaidecer." "Pessimista - eu não o sou."
425	"Sonho-me famoso? Sinto todo o despimento que há na glória, toda a perda da intimidade e do anonimato com que ela é dolorosa para connosco."
427	"Deus é bom mas o diabo também não é mau."
428	"E assim dominaremos o ter paixões e ambições, porque paixões e ambições são descuidarmo-nos(...)"
429	"Reconheço em mim a capacidade de provocar respeito, mas não afeição." "Não tenho qualidades de Chefe nem de sequaz."
433	"Ninguém me conheceu sob a máscara da igualha, nem soube nunca que era máscara, porque ninguém sabia que neste mundo há mascarados."
442	"Pergunto ao que me resta de mim a que vêm estas páginas inúteis, consagradas ao lixo e ao desvio, perdidas antes de ser entre os papéis rasgados do Destino."
443	Eu não escrevo em português. Escrevo eu mesmo.
444	Tudo se me tornou insuportável, excepto a vida.
449	" Quisera ser aclamado imperador em outras eras, melhores hoje porque não são de hoje, vistas em vislumbre e colorido, inéditas a esfinges. "Quisera tudo quanto pode tornar ridículo o que sou, e porque torna ridículo o que sou."
451	" Se imagino, vejo. Que mais faço eu se viajo? Só a fraqueza extrema da imaginação justifica que se tenha que deslocar para sentir."
460	"É precisa uma prodigiosa inteligência para ter angústia ante um dia escuro."
462	" Nunca encarei o suicídio como uma solução, porque eu odeio a vida por amor a ela."
463	"Corre, corre e deixa-me esquecer!" (Defesa)
465	"(...) todavia ofende qualquer oculto princípio da minha alma"
466	" O homem não deve poder a sua própria cara. Isso é o que há de mais terrível. A Natureza deu-lhe o dom de não a poder ver, assim como de não poder fitar os seus próprios olhos. Só na água dos rios e dos lagos ele podia fitar o seu próprio rosto. E a postura, mesmo, que tinha de tomar, era simbólica. Tinha de se baixar, de se curvar para cometer a ignomínia de se ver. O criador do espelho envenenou a alma humana."
467	" Sou como um tecido especial, ou até uma célula, sobre a qual pesasse toda a responsabilidade de um organismo."
472	" Sim, tudo o que é alto passa alto, e passa; (...)"

476

"Penso naturalmente nesta minha linguagem requintada."

" Parecerá a muitos que este meu diário, feito por mim, é artificial de mais."

Tabela de Categoria: Defesas Obsessivas

Indicador de Unidades de Registo: Considerou-se todas as unidades de registo que dissessem respeito a manifestações de perfeição, rigidez, obsessões e compulsões.

Fragmentos	Unidades de Registo
5	"Mas não me engano, escrevo, somo, e a escrita segue (...)"
10	"Tudo me interessa e nada me prende"
23	"Comprar livros para não os ler; ir a concertos nem para ouvir a música nem para ver quem lá está (...)" "Estabelecer teorias, pensando-as paciente e honestamente, só para depois agirmos contra elas (...)"
66	"Dói-me qualquer sentimento que desconheço;"
71	"(...)pensar é viver e sentir não é mais que o alimento de pensar."
93	"A vida das minhas emoções mudou-se, de origem, para as salas do pensamento, e ali vivi sempre mais amplamente o conhecimento da vida."
152	"O meu instinto de perfeição deveria inibir-me de acabar; deveria inibir-me até de dar começo."
161	"Em tudo sou o que não sente, para que sinta,"
170	"Mas tenho vergonha dos rituais, dos símbolos, de comprar coisas na rua."
201	"E eu hei-de sempre sentir, como os grandes malditos, que mais vale pensar que viver."
208	"Nunca ameí ninguém"
217	"Porém, é para nós que tendemos, como para um centro em torno do qual fazemos, como os planetas, elipses absurdas e distantes."
227	"Fariamos casa só para morar nelas, que é, enfim, o para que elas são."
236	"Pertence - eis a banalidade."
406	"Não há felicidade senão com conhecimento."
424	"Tal é a lei do que tem que ser esquecido porque não pode ser explicado."
427	"Ser puro, não para ser nobre, ou para ser forte, mas para ser si próprio. Quem dá amor, perde amor." "A mulher - uma boa fonte de sonhos. Nunca lhe toques."
458	Avanço lentamente, morto, e a minha visão já não é minha, já não é nada: é só a do animal humano que herdou, sem querer, a cultura grega, a ordem romana, a moral cristã e todas as mais ilusões que formam a civilização em que sinto.
463	"As páginas lidas, os deveres cumpridos, os passos e os acasos de viver - tudo isso se me tornou numa vaga penumbra, num halo mal visível, que cerca qualquer coisa tranquila que não sei o que é. O esforço, em que pus, uma ou outra vez, o esquecimento da alma; o pensamento, em que pus, uma vez ou outra, o esquecimento da acção - ambos se me volvem numa espécie de ternura sem sentimento, de compaixão frustrada e vazia."
468	"Só a visão directa do caso, a sua paisagem, me daria emoção. À força de viver de imaginar, gasta-se o poder de imaginar, sobretudo de imaginar o real."

Tabela de Categoria: Depressividade

Indicador de Unidades de Registo: Considerou-se todas as unidades de registo que dissessem respeito a sentimentos de vazio, solidão, depreciação, depressão de inferioridade e anaclítica.

Fragmentos	Unidades de Registo
1	<p>"Considero a vida uma estalagem onde tenho de me demorar até que chegue a diligência do abismo"</p> <p>"Pertença, porém, àquela espécie de homens que estão sempre na margem daquilo a que pertencem, nem vêm só a multidão de que são, senão também os grandes espaços que há ao lado."</p>
3	<p>"No meu coração há uma paz de angústia, e o meu sossego é feito de resignação."</p> <p>"Eu de dia sou nulo, e de noite sou eu."</p>
5	"(...)duas páginas brancas"
6	<p>"Escrevo triste no meu quarto quieto, sozinho como sempre tenho sido, sozinho como sempre serei."</p> <p>"Pedi tão pouco à vida e esse mesmo pouco a vida me negou."</p>
15	"Conquistei, palmo a palmo, o terreno interior que nascera meu. Reclamei, espaço a pequeno espaço, o pântano em que me quedara nulo. Pari meu ser infinito, mas tirei-me a ferros de mim mesmo."
17	<p>"São horas talvez de eu fazer o único esforço de olhar para a minha vida."</p> <p>"Vejo-me no meio de um deserto imenso."</p>
19	"(...) e os clarins pendiam nulos nas mãos lassas, que os deixariam se ainda tivessem força para deixar qualquer coisa."
22	<p>"Tudo em mim é de um príncipe de cromo colado no álbum velho de uma criancinha que morreu sempre há muito tempo."</p> <p>"Eu não podia ser senão curvo e débil como sou, mesmo nos meus pensamentos."</p>
29	"(...) senti-me de repente um daqueles trapos húmidos de limpar coisas sujas, que se levam para a janela para secar, mas se esquecem, enrodilhados, no parapeito que mancham lentamente"

31	<p>"Na brancura sensível da almofada erguida."</p> <p>"(...)jazo na sombra, que o luar vago dos candeeiros da rua torna ainda mais desacompanhada(...)"</p> <p>"Tudo em meu torno é o universo nu, abstracto, feito de negações nocturnas."</p> <p>"Tudo é tanto, tudo é tão fundo, tudo é tão negro e tão frio!"</p>
33	<p>(...)que vá para a cama da vida sem sono, sem companhia nem sossego".</p> <p>"(...)como se tivesse o meu ser oco."</p>
37	"Coisa arrojada a um canto, trapo caído na estrada(...)"
38	"Invejo a todas as pessoas o não serem eu."
39	<p>"Deixa-nos nus até de nós."</p> <p>"Sei que fui erro e descaminho, que nunca vivi, que existi somente porque enchi tempo com consciência e pensamento."</p> <p>"Sou, neste momento de ver, um solitário súbito, que se reconhece desterrado onde se encontrou sempre cidadão."</p>
40	"(...)uma vaga doença, que não se materializa em dor e por isso tende a espiritualizar-se em fim."
45	"(...) as passadas no deserto do camelo vazio sem destino..."
46	<p>"E o vago luar, inteiramente meu, começa a estragar de vago o azul meio-negro do horizonte".</p> <p>"Tenho vontade de (...) afirmar uma nova personalidade larga aos grandes espaços da matéria vazia."</p>
48	"Para compreender, destruí-me Compreender é esquecer de amar".
50	"Um tédio informe afoga-me."
51	<p>"E, de repente, sinto aqui o frio de ali. Toca-me no corpo, vindo dos ossos."</p> <p>"A desolação é de um céu cinzento morto(...)"</p>
52	"Primeiro era como a voz de um vácuo...um soprar no espaço para dentro de um buraco, uma falta no silêncio do ar."
54	<p>"O meu império nem chegou às cartas velhas de jogar."</p> <p>"(...)pois não tenho a casa da província, ou as tias velhas, a cuja mesa eu tome, no fim de uma noite de família, um chá que me saiba a repouso."</p> <p>"Não tive sequer castelos em Espanha, como os grandes espanhóis de todas as ilusões. Os meus foram de cartas de jogar, velhas, sujas, de um baralho incompleto com que não se poderia jogar nunca;"</p>
58	"E a própria cor que lhe foi dada, o desbotamento dessa cor, as nódoas e partidos que tem tudo isso, repare-se, lhe veio de fora, e é isso que, mais que a sua essência da madeira, lhe dá a alma." (poderá ser r. materna?)

59	<p>"Têm todos, como eu, o futuro no passado."</p> <p>"Pareço um jesuíta frustrado."</p> <p>"Comigo estão os outros - os mais pobres (...), os que não têm senão a si mesmos a quem contar os sonhos(...)"</p>
60	<p>"Se me perguntardes se dou feliz, responder-vos-ei que não o sou."(realismo depressivo)</p>
66	<p>(...)o papel branco de embrulho (...) desde que fosse branco.</p>
74	<p>"O azul do céu estava sujo de branco transparente."</p>
78	<p>"Não é tédio o que se sente. Não é mágoa o que se sente. É uma vontade de dormir com outra personalidade, de esquecer com melhoria de vencimento."</p> <p>"Parece uma constipação na alma."</p> <p>"É uma bebedeira de não ser nada."</p>
79	<p>"Num cinzento a desmoronar-se para branco falso."</p>
80	<p>"Tudo me cansa, mesmo o que não me cansa."</p> <p>"Quem me dera ser uma criança pondo barcos de papel num tanque de quinta(...)"</p> <p>"Abdicar é um esforço, e eu não possuo o de alma com que esforçar-me."</p> <p>"Raciocinar a minha tristeza? Para quê, se o raciocínio é um esforço? E quem é triste não pode esforçar-se."</p> <p>"Sou tão inerte, tão pobrezinho, tão falho de gestos e de actos."</p>
83	<p>"Tenho só ar à minha volta."</p> <p>"Sou uma criança, com a palmatória mal acesa, que atravessa, de camisa de noite, uma grande casa deserta."</p> <p>"O céu é de um azul humidamente esbranquiçado."</p> <p>"De repente estou só no mundo."</p> <p>"Sinto-me tão isolado que sinto a distância entre mim e o meu fato."</p>
92	<p>"Ah, não há saudades mais dolorosas do que as coisas que nunca foram!"</p>
93	<p>"Criei-me eco e abismo, pensando."</p>
99	<p>"(...)mata-borrão branco sujo, que alastra(...)"</p>
101	<p>"Um tédio inquieto faz-me não pensar mais em ti..."</p>
106	<p>"A vida desgosta-me como um remédio inútil."</p>
107	<p>Falta-me qualquer coisa que não desejo e sofro por isso não ser propriamente sofrer.</p>

118	Tudo não importa e creio bem que houve quem visse a vida sem uma grande paciência para essa criança acordada e com grande desejo de sossego quando ela, enfim, se tenha deitar.
123	"Nada temos porque nada somos."
125	"Contemplei, senhor, esse invisível abismo." "Eu, longe dos caminhos de mim próprio, cego da visão da vida que amo, cheguei por fim, também, ao extremo vazio das coisas (...)"
127	"E eu não sou forte, nem nobre, nem grande. Sofro e sonho." "Eu não sou pessimista, sou triste" "Eu sofro, não sei se merecidamente. (Corça perseguida)."
130	"(...)se eu tivesse sido rico, resguardado, escovado, ornamental, não teria sido nem esse breve episódio de papel bonito entre as migalhas;"
133	"À porta da cabana que não tive sentei-me ao sol que nunca houve, e gozei a velhice futura da minha realidade cansada."
141	"As horas cinzentas(...)"
146	"Alguns têm na vida um grande sonho e faltam a esse sonho. Outros não têm na vida nenhum sonho, e faltam a esse também."
150	"Toda a vida não vive, mas vegeta em maior grau e com mais complexidade."
151	"(...)são líquidos de brancura enegrecida." "Os antigos diriam que o luar é branco, ou que é de prata." "Mas a brancura falsa do luar é de muitas cores." "o luar é de branco cinzento azulado de uma amarelo esbatido (...) ora doura de branco preto os prédios submissos, ora alaga de uma cor sem cor de encarnado castanho das telhas altas." "não tem cor salvo um azul que vem do cinzento das pedras." "Nas janelas onde bate é de amarelo negro." "Se me erguesse da cama, e visse por detrás dos vidros frios, sei bem que, no alto ar isolado(...)", "No fundo da rua, abismo plácido, onde as pedras nuas se arredondam irregularmente, (...)"
152	"Pasma sempre quando acabo qualquer coisa. Pasma e desolo-me." "(...) não ousa o silêncio como quem receia um quarto escuro."
154	"O meu coração esvazia-se sem querer como um balde roto."

155	<p>"Por fim sentei-me na pedra da encruzilhada como à lareira que me faltou."</p> <p>"Palavras dadas, não ao vento, mas ao chão, deixadas ir dos dedos sem aperto, como folhas secas que neles houvessem caído de uma árvore visivelmente infinita..."</p> <p>"Como há quem trabalhe de tédio, escrevo, por vezes, de não ter que dizer."</p> <p>"Ternura do nunca sucedido."</p>
158	"todo o amor temporal não teve para mim outro gosto senão o de lembrar o que perdi."
159	"O apagamento integral da vida e da alma, o afastamento completo de tudo quanto é seres gente, a noite sem memória nem ilusão, o não ter passado nem futuro."
165	<p>"(...)me pesa sempre admitir sinceridade nas coisas colectivas, visto que é o indivíduo, a sós consigo, o único ser que sente."</p> <p>"Os que verdadeiramente sofrem não fazem plebe, não formam conjunto. O que sofre sofre só."</p>
167	<p>"(...)me pesa, como uma entrada no cárcere, a monotonia de tudo."</p> <p>"Tudo é nós e nós somos tudo; mas de que serve isto, se tudo é nada?"</p>
169	"Somos os não só por dentro, senão por fora(...)"
171	<p>"Posso imaginar-me tudo, porque não sou nada."</p> <p>"A monotonia das vidas vulgares é, aparentemente pavorosa." negação?</p>
180	<p>"Serei menos de qualquer maneira." (golpe no narcisismo, próprio da depressão.)</p> <p>"Estou só, salvo o moço longínquo."</p>
181	<p>"Vago e folheio em mim(...)"</p> <p>"Ando como se nada tivesse remédio."</p> <p>"Como um baque a minha tristeza aumenta."</p>
182	<p>"Um tédio a tudo amolece-me"</p> <p>"Aborreço-me de mim em tudo."</p> <p>"Dói-me a vida."</p> <p>"Estou mal onde estou e já mal onde penso estar."</p>
183	"Havia sol, mas não me apetecia gozá-lo."
184	"Sou uma prateleira de frascos vazios."

189	<p>"O ar é de um amarelo escondido, como um amarelo pálido visto através de um branco sujo."</p> <p>"Mal há amarelo no ar cinzento."</p> <p>"A palidez do cinzento, porém, tem um amarelo na sua tristeza."</p>
190	<p>"Era de certo modo o lar, isto é, o lugar onde não se sente."</p> <p>"Estava ali livre de sentir, sozinho com os que me acompanhavam sem que espiritualmente ali estivessem para mim."</p>
192	"A imensidade vazia das coisas(...)"
194	"Há um grande cansaço na alma do meu coração."
196	<p>"Tudo isso está vazio, até na ideia do que é."</p> <p>"A vida é oca, a alma é oca, o mundo é oco."</p> <p>"Tudo está mais vazio que o vácuo."</p> <p>"É tudo um caos de coisas nenhuma,"</p> <p>"Nestas horas de mágoa subtil torna-se-nos impossível, até em sonho, ser amante, ser herói, ser feliz."</p>
197	"Abre-se-me um abismo na alma(...)"
202	<p>"Mas há um resquício de tristeza antecipada, uma mágoa vestida para a viagem(...)"</p> <p>"Tudo é nada(...)"</p>
204	<p>"Estou farto de mim, objectiva e subjectivamente. Estou farto de tudo, e do tudo do tudo."</p> <p>"(...)branco às vezes, se vão esfarrapadas na vanguarda de não sei quê(...)"</p> <p>"(...)negras de um branco sujo(...)"</p>
205	"Tenho nome entre os que tardam, e esse nome é sombra como tudo."
206	<p>"(...)paredes brancas do meu quarto real (...)"</p> <p>"Mas ah, nem a alcova era certa - era a alcova velha da minha infância perdida!"</p>
208	<p>"Com isto não sou feliz nem infeliz; nem me importa."</p> <p>"Lembro a minha infância com lágrimas, mas são lágrimas rítmicas, onde já se prepara a prosa. Lembro-a como uma coisa externa e através de coisas externas, lembro só as coisas externas."</p>
214	"A que beira estou se me vejo no fundo?"
215	"De meu, só sinto uma incapacidade enorme, um vácuo imenso, uma incompetência ante tudo o que é a vida."
219	"Acabo a minha solitária peregrinação."

220	"Estátua Interior sem contornos(...)"
222	"(...)um amarelo rápido, tolda o negrume surdo(...)"
224	"Estou triste de sentir(...)"
225	"Esse céu é de um azul esverdeado para cinzento branco(...)" "(...)uma névoa acastanhada de cor-de-rosa morto." "(...)céu de todas as cores que desmaiam(...)" "(...)amarelecer-me esbatido para tristeza cinzenta na minha consciência externa de mim." "(...)a emoção que tenho, (...) não é mais que o reflexo desse céu nulo num lago em mim lago recluso entre rochedos hirtos, calado, olhar de morto, em que a altura se contempla esquecida,"
231	"Choro sobre os meus versos maus da infância como sobre uma criança morta, um filho morto, uma última esperança que fosse."
235	"(...)uma fraqueza de vontade de ter vontade."
240	"A porta era indicada por qualquer coisa nem mais branca, nem mais preta do que a noite, mas diferente."
241	A luz tornara-se de uma amarelo exageradamente lento, de um amarelo sujo de lividez.
242	"Se a alma pudesse revelar-se com verdade (...) seria(...) um poço, mas um poço sinistro cheio de ecos vagos(...)"
250	"Um passado feliz em cuja lembrança torne a ser feliz; sem nada no presente que me alegre ou interesse(...)jazo a minha vida, consciente espectro de um paraíso em que nunca estive, cadáver-nato das minhas esperanças por haver."
251	"Em curar-me disto não pensei - porque havia eu de curar disso?" "Fiz o que pude para perder toda a afeição à vida(...)" "Tenho a impressão de que não me refugiei em parte nenhuma. Abandonei-me, mas não sei a quê." "O desgosto de não encontrar nada encontrei comigo pouco a pouco."
255	"Ninguém se amaria a si mesmo se deveras se conhecesse(...)"

262	<p>"Minha alma é um mamelestrom negro, vasta vertigem à roda de vácuo, movimento de um oceano infinito em torno de um buraco em nada(...)"</p> <p>"E eu, verdadeiramente eu, sou o centro que não há nisto senão por uma geometria do abismo; sou o nada em torno do qual esse movimento gira, só para que gire, sem que esse centro exista senão porque todo o círculo o tem."</p> <p>"Sou os arredores de uma vila que não há, o comentário prolixo a um livro que se não escreveu."</p> <p>"Sou uma figura de romance por escrever, passando aérea, e desfeita sem ter sido, entre os sonhos de quem me não soube completar."</p>
263	<p>"Sou como o homem que vendeu a sombra, ou, antes, como a sombra do homem que a vendeu."</p> <p>"Tão dado como sou ao tédio curioso que nunca, até hoje, me lembrou de meditar em que consiste."</p> <p>"O tédio... Sofrer sem sofrimento, querer sem vontade, pensar sem raciocínio... é como uma possessão por um demónio negativo, um embruxamento por coisas nenhuma."</p> <p>"É uma sensação de vácuo, uma fome sem vontade de comer(...)"</p> <p>"É talvez a insegurança de quem precisa mão que o guie, e não sente, no caminho negro da sensação profunda, mais do que a noite sem ruído de não poder pensar, a estrada sem nada de não saber sentir..."</p>
265	<p>"E regresso às duas coisas nulas em que estou certo, de nulo também que sou (...)"</p>
282	<p>"(...)o fim dos astros esbranqueceu(...)"</p> <p>"(...)amarelo mal alaranjado(...)"</p> <p>"(...)Amarelo pálido</p>
289	<p>"Só a abstenção é nobre e alta, porque ela é a que reconhece a realização é sempre inferior, e que a obra feita é sempre sombra grotesca da obra sonhada."</p>
290	<p>"Fui o corredor que caiu quase na meta, sendo até aí o primeiro."</p> <p>"(...)quando, recostado, não pertença, senão longinquamente, à vida."</p>
292	<p>"O meu desdém por tudo é tão grande que me desdenho a mim próprio; que, como desprezo os sofrimentos alheios, desprezo também os meus, e assim esmago sob o meu desdém o meu próprio sofrimento."</p>
293	<p>"Encontro-me então, nestas almas em que me precipito às vezes, desamparado e oco, parecendo que morri e vivo, pálida sombra dolorida, que a primeira brisa deitará por terra e o primeiro contacto desfará em pó."</p>
296	<p>"(...)os incapazes de entusiasmo e de alegria dão cambalhotas na inteligência e, a seu modo, fazem os gestos da vida."</p>

297	"A reductio ad absurdum é uma das minhas bebidas predilectas."
300	"(...)tudo isto é ser ruínas já e passado afastado o meu palácio do príncipe que nunca fui."
303	"(...)quem não sente é feliz."
312	"(...)o lixo alheio que se entulha à chuva no saguão que é a minha vida."
319	"(...)e o olhar basta-me curiosamente." "Sei que falhei. Gozo a volúpia indeterminada da falência como quem dá apreço exausto a uma febre que o enclausura."
322	"Acção é uma doença do pensamento, um cancro da imaginação."
324	"Saber não ter ilusões é absolutamente necessário para se poder ter sonhos."
332	"...O pasmo que me causa a minha capacidade para a angústia."
341	"Perdi, antes de nascer, o meu castelo antigo. Foram vendidas, antes que eu fosse, as tapeçarias do meu palácio ancestral." "(...)recordo negro contra o céu azul escuro esbranquiçado a amarelo de de leite."
351	"Vejo isso tudo em mim como uma angústia e uma saudade independentes de ter relação com qualquer coisa."
352	"Um ocaso de mágoa leve paira vago em meu torno."
361	"A sorte grande da vida sai somente aos que a compraram por acaso."
365	"A loucura chamada afirmar, a doença chamada crer, a infâmia chamada ser feliz - tudo isto cheira a mundo, sabe à triste coisa que é a terra"
369	"A alegria que eu teria se visse um dia o sol escarlata. Seria tão meu aquele sol, só meu!"
373	"Estou não só cansado, mas amargurado, e a amargura é incógnita também." "Trago comigo as feridas de todas as batalhas que evitei." "Baço, mudo, nulo." "A minha grande nostalgia é de nada (...)"
377	"Sentimo-nos um pouco à parte da vida, ainda que nela, como que na varanda da casa de viver."
379	"(...)tudo é rua na vida."
380	"É, mais dolorosamente que isso, um tédio de estar lembrando o que não se recorda, um desalento do que a consciência perdeu entre algas e juncos, à beira não sei de quê."

381	<p>"O tédio é, sim, o aborrecimento do mundo, o mal-estar de estar vivendo o cansaço de se ter vivido; o tédio é, deveras, a sensação carnal da vacuidade prolixa das coisas."</p> <p>"Mas o tédio é mais do que isto, o aborrecimento de outros mundos, quer existam quer não; o mal-estar de ter que viver, ainda que outro, ainda que de outro modo, ainda que noutro mundo; o cansaço , não só de ontem e de hoje, mas de amanhã também, da eternidade, se a houver, e do nada, se é ele que é a eternidade."</p> <p>"Nem é só a vacuidade das coisas e dos seres que dói na alma quando ela está em tédio: é também a vacuidade de outra coisa qualquer, que não as coisas e os seres, a vacuidade da própria alma que sente o vácuo, que se sente vácuo, e que nele de si se enjoa e se repudia."</p> <p>"O tédio é a sensação física do caos, e de que o caos é tudo."</p> <p>"Mas o que tem tédio sente-se preso em liberdade frustrate numa cela infinita."</p>
391	<p>"Chove, nesta tarde fria de inverno triste, como se houvesse chovido, assim monotonamente, desde a primeira página do mundo."</p>
395	<p>"Amarelo, verde-negro, azul-amor,(...)"</p>
397	<p>"Lembro-me de repente de quando era criança, e via, como hoje não posso ver, a manhã raiar sobre a cidade. Ela então não raiava para mim, mas para vida, porque então eu (não sendo consciente) era a vida. Via a manhã e tinha alegria; hoje vejo a manhã, e tenho alegria, e fico triste... A criança ficou mas emudeceu. "</p>
398	<p>"Por isso me abandono à sorte, sem esperar muito dela."</p> <p>"Tenho por intuição que para as criaturas como eu nenhuma circunstância material pode ser propícia, nenhum caso da vida ter uma solução favorável. Se já por outras situações me afasto da vida, esta contribui também para que eu me afaste."</p> <p>"Nasce-me, às vezes, desta constatação, uma impressão dolorosa de inimidade divina."</p> <p>"Parece-me que só por um ajeitar consciente dos factos, de modo a que me sejam maléficis, a sério de desastres, que define a minha vida, me poderia ter acontecido."</p> <p>"Onde um outro venceria, não pelo seu esforço, as por uma inevitabilidade das coisas, eu nem por essa inevitabilidade, nem por esse esforço, venço ou venceria."</p> <p>"Só em frustração e abandono posso realizar a minha vida."</p>

399	<p>"Errei sempre gestos que ninguém erra(...)"</p> <p>"Entre mim e a vida sempre houve vidros foscos."</p> <p>"Tive desejos, mas foi-me negada a razão de tê-los."</p>
401	<p>"Morreu quem eu nunca fui. Esqueceu a Deus quem eu havia de ser. Só o interlúdio vazio."</p> <p>"Criei para mim, fausto de um opróbio, uma pompa de dor e de apagamento."</p>
402	<p>"Cada vez acho menos sabor a tudo, mesmo a não achar sabor a nada."</p>
403	<p>"Não me encontro um sentido... A vida pesa..."</p>
404	<p>"Resume-se tudo enfim em procurar sentir o tédio de modo que ele não doa."</p>
407	<p>"Deus criou-me para criança, e deixou-me sempre criança. Mas porque deixou que a Vida me batesse e me tirasse os brinquedos, e me deixasse só no recreio, amarrotando com mãos tão fracas o bibe azul sujo de lágrimas compridas?"</p>
410	<p>"Fui-lhes sempre simpático, porque a minha aversão adulta pelo meu aspecto me compeliu sempre a escolher o espelho como coisa para onde virasse as costas."</p>
411	<p>"O orgulho, quando existe só, sem acrescentamento de vaidade, manifesta-se, no seu resultado como timidez: quem se sente grande, porém não confia em que os outros o reconheçam por tal, receia confrontar a opinião que tem de si mesmo com a opinião que os outros possam ter dele."</p>
412	<p>"Jazo a minha vida."</p> <p>"Não me queixo do horror da vida. Queixo-me do horror da minha."</p> <p>"Nem ao menos posso sentir o meu sofrimento como sinal de Grandeza."</p>
413	<p>"Esculpir em silêncio nulo todos os nossos sonhos de falar. Estagnar em torpor todos os nossos pensamentos de acção."</p>
423	<p>"(...)verde-negro, roxo-velho(...)"</p>
426	<p>"Dor de não saber o que é o mistério do mundo, dor de não nos amarem, dor de serem injustos conosco, dor de pesar a vida sobre nós, sufocando e prendendo, dor de dentes, dor de sapatos apertados - quem pode dizer qual é maior em si mesmo, quanto mais nos outros, ou na generalidade dos que existem?"</p> <p>"No alto do céu, como um nada visível, uma nuvem pequeníssima é um esquecimento branco do universo inteiro."</p>
427	<p>"Abdicar da vida para não abdicar de si próprio"</p>

429	<p>"Tardam-me pouco as simpatias dos outro. Mas as afeições nunca chegam"</p> <p>"Desejei sempre agradar. Doeu-me sempre que me fossem indiferentes."</p> <p>"Se um dia amasse, nao seria amado."</p> <p>"Basta eu querer uma coisa para ela morrer."</p> <p>"No meio de parentes, como no de conhecidos, fui sempre sentido como alguém de fora. Não digo que o fui, uma só vez sequer, de caso pensado. Mas fui-o sempre por uma atitude espontânea da média dos temperamentos alheios."</p> <p>"(...)a simpatia com que sempre me trataram, foi sempre isenta de afeição."</p> <p>"Amarem, foi coisa que sempre me pareceu impossivel, como um estranho tratar-me por tu."</p> <p>"Eu nunca tive quem sequer pensasse em se me dedicar."</p>
431	"Sem querer, quero erradamente."
433	"(...)a turvar onde eles não estavam, um lugar vago, oculto, mudo, cheio de nada como a vida..."
434	<p>"...molhadamente sujo de castanho "...molhadamente sujo de castanho morto."</p> <p>"(...)branco cinzento, molhadamente sujo de castanho-morto."</p>
435	"(...)recortados de um lado a branco, com diferenças azuladas de madrepérola fria."
436	<p>"Sinto um frio até aos ossos supostos, como se tivesse medo. E agachado, nulo, humano a sós comigo na pouca treva que ainda me resta, choro. Sim, choro, de solidão e de vida, e a minha mágoa fútil como um carro sem rodas jaz à beira da realidade entre os esterco do abandono. "</p> <p>"E o condenado perene que há em mim agarra-se ao leito como à mãe que perdeu, e acarícia o travesseiro como se a ama o defendesse de gentes."</p> <p>"É outra vez o horror de sempre - o dia, a vida, a utilidade fictícia, a actividade sem remédio."</p>
438	"Um azul esbranquiçado de verde nocturno punha em recorte castanho negro, vagamente aureolado de cinzento amarelecido(...)"

440	<p>"O céu do estio prolongado todos os dias despertava de azul verde baço, e breve se tornava de azul acinzentado de branco mudo."</p> <p>"Lápis-lazúli das emoções descontínuas!"</p> <p>"Sem ninguém os bancos antigos, e as áleas alastram onde eles estão a sua melancolia de arruamentos vazios."</p>
442	<p>"Sou uma ausência de saldo de mim mesmo, de um equilíbrio involuntário que me desola e enfraquece."</p> <p>"Desolo-me a seda rota"</p> <p>"Naufraguei sem tormenta num mar onde se pode estar de pé."</p>
449	<p>"Nada me é nada. Estou triste, mas não com uma tristeza definida, nem sequer com uma tristeza indefinida. Estou triste ali fora, na rua juncada de caixotes."</p>
456	<p>"(...) tábua a tábua do soalho, oscilo o oscilar de outrém, nas vastas salas onde nunca morei."</p>
458	<p>"Não ter aprendido, da nascença em diante, a dar sentidos dados a estas coisas todas, poder vê-las na expressão que têm separadamente da expressão que lhes foi imposta."</p>
460	<p>"Vejo-me criança contente de nada, adolescente aspirando a tudo, viril sem alegria nem aspiração."</p>
461	<p>" O meu isolamento não é uma busca de felicidade, que não tenho alma para conseguir; nem de tranquilidade, que ninguém obtém se não quando nunca a perdeu - mas de sono, de apagamento, de renúncia pequena."</p>
464	<p>"Mas até deste quarto andar sobre a cidade se pode pensar no infinito. Um infinito com armazéns em baixo, é certo, mas com estrelas ao fim...É o que me ocorre, neste acabar de tarde, à janela alta, na insatisfação do burguês que não sou e na tristeza do poeta que nunca poderei ser."</p>
465	<p>"(...) a saudade antecipada do exílio impossível"</p> <p>"Vem, um momento, a esperança de outras coisas. Mas essa esperança é breve."</p>
468	<p>" De tanto lidar com sombras, eu mesmo me converti numa sombra - no que penso, no que sinto, no que sou."</p> <p>Tornei-me a sombra de mim mesmo, a quem entregasse do meu ser."</p>
476	<p>"A nossa frivolidade de ontem é hoje uma saudade constante que me rói a vida."</p>
480	<p>"(...) Estagna de madreperola os solavancos mortos da profusão."</p> <p>"Por sobre de onde vejo há ramos negros de árvores (..)"</p> <p>" A carícia do apagamento, a flor dada do inútil, o meu nome nunca pronunciado, o meu desafogo de margens, o privilégio de deveres cedidos, e, na última curva do parque avoengo, o outro século como um roseiral."</p>
481	<p>"E tudo quanto faço, tudo quanto sinto, tudo quanto vivo, não será mais que um transeunte a menos na quotidianidade de ruas de uma cidade qualquer."</p>

Tabela de Categoria: Difusão da Identidade

Indicador de Unidades de Registo: Considerou-se todas as unidades de registo que dissessem respeito a manifestações de fragmentações egóicas, não coesão de identidade e despersonalizações.

Fragmentos	Unidades de Registo
10	"Sou dois, e ambos têm a distancia - irmãos siameses que não estão pegados."
11	"Somos dois abismos - um poço fitando o Céu."
27	"Não há nada real na vida que o não seja porque se descreveu bem."
28	"(...)qualquer coisa que faça quase sentir, qualquer coisa que faça não pensar."
30	"Sou posição" "Ah! É a saudade do outro que eu poderia ter sido que me desperta e sobressalta!"
31	"(...) o silêncio adormecido do meu corpo estranho."
34	"Passar dos fantasmas da fé para os espectros da razão é somente ser mudado de cela."
37	"(...)meu ser ignóbil ante a vida finge-se."
39	"Saber mal de si é pensar." "Estranho quanto fui e que vejo que afinal não sou." Fui outro durante muito tempo - desde a nascença e a consciência(...) "Nem sequer representei. Representaram-me. Fui, não o actor, mas os gestos dele." "No mais íntimo do que pensei não fui eu." "Depois já não sei sequer dizer o que fui".
41	"E não sei o que sinto, não sei o que quero sentir, não sei o que penso nem o que sou."
43	"Há um cansaço da inteligência abstracta, e é o mais horroroso dos cansaços."
49	"Angústia difícil de definir".
58	"Quando quero pensar, vejo"
63	"Vivemos num lusco-fusco de consciência, nunca certos com o que somos ou com o que supomos ser." "De que me serve reler? O que está ali é outro." "Quem sou eu quando sinto? Que coisa morro quando sou?" " (...) eu assim mesmo me contemplo de um cimo, e sou, como tudo, uma paisagem indistinta e confusa."

71	<p>"(...) é que a maioria pensa com a sensibilidade, e eu sinto com o pensamento."</p> <p>"Quanto mais diferente de mim alguém é, mais real me parece, porque menos depende da minha subjectividade."</p>
75	<p>"(...)me despersonaliza."</p> <p>"Correr riscos reais, além de me apavorar, não é por medo que eu sinta excessivamente."</p>
76	<p>"Numa dimensão viveremos corpo; na outra viveremos alma."</p> <p>"E há talvez outras dimensões onde viveremos coisas igualmente reais de nós."</p>
83	<p>"Mas que tem isto com aquilo com que estava pensando? Nada, e por isso me deixo pensá-lo."</p>
84	<p>"«Aquele rapaz». Eu direi, «Aquele rapaz», violando a mais elementar de todas as regras da gramática."</p>
90	<p>"o infinito tornado interior e apertado, o dia feito forro negro de um traje desconhecido."</p>
93	<p>"Multipliquei-me aprofundando-me."</p>
94	<p>"Viver é ser outro."</p> <p>"Apagar tudo do quadro de um dia para o outro, ser novo com cada nova madrugada(...)"</p>
104	<p>"O pensamento colectivo é estúpido porque é colectivo."</p> <p>"(...)nada passa as barreiras do colectivo sem deixar nelas, como real na água, a maior parte da inteligência que traga consigo."</p> <p>"Só quando chegamos a outra idade se dá em nós a unificação."</p>
107	<p>"Pensar é não saber existir."</p> <p>"Não tenho uma ideia de mim próprio."</p> <p>"(...)o essencial da minha alma, é não ser nunca protagonista."</p>
110	<p>"Sou navegador num desconhecimento de mim."</p> <p>"Cada qual tem o seu álcool. Tenho álcool bastante em existir. Bêbado de me sentir, vagueio e ando certo."</p>
112	<p>"No próprio acto em que nos conhecemos, nos desconhecemos."</p> <p>"Estou hoje lúcido como se não existisse."</p>

114	<p>"Vivo-me esteticamente em outro."</p> <p>"Às vezes não me reconheço, tão exterior me pus a mim(...)"</p> <p>"Quem sou eu por detrás desta irreabilidade? Não sei."</p>
115	<p>"(...)me tornei uma não de todo clara e nítida individualidade minha."</p>
122	<p>"(..)a perene identidade de tudo(...)"</p> <p>"Numa simples viagem de comboio divido-me inútil e angustiadamente(...)"</p>
123	<p>"Transeuntes internos por nós mesmos."</p>
126	<p>"Dá-se em mim uma estagnação da vontade, da emoção, do pensamento, e esta suspensão dura magnos dias."</p> <p>"Nesses periodos de sombra, sou incapaz de pensar, de sentir, de querer."</p> <p>"Às vezes ocorre-me que, quando dispo esta paisagem de mim, talvez não esteja na nudez que suponho, e haja ainda vestes impalpáveis a cobrir a eterna ausência da minha alma verdadeira;"</p> <p>"(...)no labirinto que realmente sou."</p>
144	<p>"Vivia por fora e o fato era limpo e novo."</p>
149	<p>"Desconhecer-se conscientemente, eis o caminho."</p>
150	<p>"Sigo, num pensamento de divagação, a história vulgar das vidas vulgares."</p>
162	<p>"Ainda que em torno de nós rua o que fingimos que somos(...)"</p>
164	<p>"Não ser, pensando, é o trono."</p> <p>"A inacção consola de tudo".</p> <p>"Não agir dá-nos tudo."</p>
167	<p>"Só em nossa alma está a identidade - a identidade sentida, embora falsa, consigo mesma."</p> <p>"Tudo o que nos cerca se torna parte de nós, se nos infiltra na sensação da carne e da vida(...)"</p>
174	<p>"(...)e o que sou e fui, que sou eu, esqueceu-se de seu nome."</p> <p>"Sou eu (...) estado de meia-alma que me iludo."</p>
182	<p>"Transbordei de mim não sei para onde, e aí fiquei estagnado e inútil."</p> <p>"Sinto-me expulso da minha alma."</p> <p>"Assisto a mim."</p>
184	<p>"Não sei quem sou nem o que sou."</p>

188	"Pensar é destruir." "(...)pensar é decompor."
194	"Entristece-me quem eu nunca fui."
196	(...)a mágoa de não ser outro(...)
198	"(...)saía da minha própria existência, encontrando-me."
203	"(...)ou se o que somos é falso entre penumbras(...)"
204	"(...)que desconforto se penso, que inutilidade se quero!" "Existo sem que o saiba e morrerei sem que o queira." "Sou o intervalo entre o que sou e o que não sou, entre o que sonho e o que a vida faz de mim, a média abstracta e carnal entre coisas que não são nada, sendo eu nada também." "Interrogo-me e desconheço-me."
207	"Quantas coisas, que temos por nossas, não são mais do que aquilo de que somos perfeitos espelhos, ou invólucros transparentes, alheios no sangue à raça da sua natureza!"
213	"Continuamente sinto que fui outro, que senti outro, que pensei outro." "(...)Quem é eu? O que é este intervalo que há entre mim e mim?" "Aquilo a que assisto é um espectáculo com outro cenário. E aquilo a que assisto sou eu." "Sinto-os eu, mas foi como em outra vida, de que houvesse agora despertado como de um sono alheio." "(...)a quem assisto? Quantos sou? (...)"
214	"Como se explica isto? A quem me substitui dentro de mim?" "Mas a que assisto quando me leio como a um estranho?" "(...)imaginar que o que fomos é uma quantidade grande, que passamos por nós, que fomos muitos...."
215	"Vou a falar e falo eu -outro. "
217	"Vivemos quase sempre fora de nós" "(...)a mesma vida é uma perpétua dispersão."

219	<p>"Nestes momentos de terror supremamente silencioso não sei o que sou materialmente, o que costumo fazer, o que me é usual querer, sentir e pensar. Sinto-me perdido de mim mesmo, fora do meu alcance. "</p> <p>"Tudo quanto de aflitivamente pode dar a noção de irrealidade e de existência fingida, tudo quanto soletra sem ser ao raciocínio, mas concreta e [] mente, o quanto é mais do que oco o lugar do universo, desenrola-se-me então objectivamente no espírito apartado."</p>
221	<p>"Tenho uma espécie de dever de sonhar sempre, pois, não sendo mais, nem querendo ser mais, que um espectador de mim mesmo, tenho que ter o melhor espectáculo que posso."</p> <p>"(...)numa diagonal difusa, num espaço falso entre o que fui e o que sou."</p> <p>"Gozei sempre, como outro e estrangeiro, as derrotas dos meus devaneios, assistente casual ao que pensei ser."</p>
224	"Tudo se me confunde."
225	<p>"Chego à foz da Rua da Alfândega, vagaroso e disperso(...)"</p> <p>"Há em mim um êxtase de ver, íntimo e postiço."</p>
232	"Não posso ser nada nem tudo: sou a ponte de passagem entre o que não tenho e o que não quero."
235	<p>"(...)pensava em mim o que não pensa."</p> <p>"Tenho a impressão de que foi uma coisa que li algures, um incidente sucedido a outrem, novela que li metade, e de que a outra metade faltou, sem que me importasse que faltasse, pois até onde a lia estava certa, e, embora nao tivesse sentido, tal era já que lhe não poderia dar sentido a parte faltante, qualquer que fosse o enredo." (ligado ao que foi escrito na incapacidade de amar.)</p>
237	"Aumentar a personalidade sem incluir nela nada de alheio - (...)mas sendo outros quando outros são precisos."
239	<p>"Cansamo-nos de pensar para chegar a uma conclusão, porque quanto mais se pensa, mais se analisa, mais se distingue, menos se chega a uma conclusão."</p> <p>"Cansamo-nos de pensar, de ter opiniões nossas, de querer pensar para agir."</p>
242	"A alma humana é um manicómio de caricaturas."
243	"Perco-me se me encontro, duvido se acho, não tenho se obtive. Como se passasse, durmo, mas estou desperto. Como se dormisse, acordo, e não me pertença. A vida, afinal, é, em si mesma, uma grande insónia, e há um entremunhamento lúcido em tudo enquanto pensamos e sabemos."
250	"Felizes dos sofrem com unidade! Aqueles a quem a angústia altera mas não divide (...)"
251	"Gastei-me gerando os pensamentos."

255	"Assim, vestidos de corpo e alma, com os nossos múltiplos trajes tão pegados a nós como as penas das aves, vivemos felizes ou infelizes, ou nem até sabendo o que somos(...)"
258	"Se um homem está bêbado dir-lhe-ei: embebede-se. E se ele me disser que o seu fígado? É uma coisa morta que vive enquanto você vive, e os poemas que escrever vivem sem enquanto."
259	"E, assim, muitas vezes, escrevo sem querer pensar, num devaneio externo, deixando que as palavras me façam festas, criança menina ao colo delas." "Como todos os apaixonados, gosto da delícia da perda de mim, em que o gozo da entrega se sofre inteiramente."
262	"Penso sempre, sinto sempre; mas o meu pensamento não contém raciocínios, a minha emoção não contém emoções." "Reparei, num relâmpago íntimo que não sou ninguém."
279	"Sim, amanhã, ou quando o Destino disser, terá fim o que fingiu em mim que fui eu."
285	"Se peso, tudo me parece absurdo; se sinto, tudo me parece estranho; se quero, o que quer é qualquer coisa em mim. Sempre que em mim há acção, reconheço que não fui eu. Se sonho, parece que me escrevem. Se sinto, parece que me pintam. Se quero, parece que me põem num veículo, como a mercadoria que se envia, e que sigo como um movimento que julgo próprio para onde não quis que fosse senão depois de lá estar."
295	" (...)na atitude feliz de uma criança que apanha conchinhas na praia - imagem que mais do que nenhuma dá toda a felicidade possível. (...)Nunca há duas iguais para a criança. Adormece com as duas mais bonitas na mão, e quando lhas perdem ou tiram - o crime! roubaram-lhe bocados exteriores da alma! arrancar-lhe pedaços de sonho! - chora como um Deus a quem roubassem o universo recém-criado."
299	"Criei em mim várias personalidades." "Crio personalidades constantemente." "Cada sonho meu é imediatamente, logo ao aparecer sonhado, encarnado numa outra pessoa, que passa a sonhá-lo, e eu não." "Para criar destruí-me; tanto me exteriorizei dentro de mim, que dentro de mim não existo senão exteriormente." "Sou a cena viva onde passam vários actores representando várias peças." "Cada casa por que passo, (...) em cada uma delas num momento me concebo vivendo, primeiro feliz, depois tedioso, cansado depois; e sinto que tendo-a abandonado, trago comigo uma saudade enorme do tempo em que lá vivi."

302	<p>"Há impressões tão vagas que só depois, porque nos lembramos delas, sabemos que as tivemos;(...)"</p> <p>"Sucedo comigo que têm igual relevo as duas realidades a que atendo. (...) Nisto, talvez, consiste a minha tragédia, e a comédia dela."</p>
317	<p>"Uma das minhas preocupações constantes é o compreender como é que outra gente existe, como é que há almas que não sejam a minha, consciências estranhas à minha consciencia que, por ser consciência, me parece única."</p>
319	<p>"Nunca fui mais do que um boémio isolado(...)" (antítese)</p>
324	<p>"Assim como as cores e os sons sabem uns a outros, os ódios sabem a amores, e as coisas concretas a abstractas, e as abstractas a concretas."</p> <p>"Tudo se funde e tudo se confunde."</p>
334	<p>"Ela tinha tons verdes de azul preto e era lustrosa de um nojo que não era feio. Uma vida!"</p> <p>"Tenho estado num sono de entendimento pelo qual tenho sido outro na vida."</p> <p>"Não tenho existido, tenho sido outro, tenho vivido sem pensar."</p> <p>"Hoje, de repente, voltei ao que sou ou me sonho."</p> <p>"Fui mosca quando me comparei à mosca."</p>
336	<p>"É um estrangulamento da vida em mim mesmo, um desejo de ser outra pessoa em todos os poros, uma breve notícia do fim."</p>
341	<p>"Quando escrevo, visito-me solenemente. Tenho salas especiais, recordadas por outrem em interstícios da figuração, onde me deleito analisando o que não sinto, e me examino como a um quadro na sombra."</p>
342	<p>"Assim, o que sou é um perpétuo desenrolar de imagens, conexas ou desconexas, fingindo sempre de exteriores(..)"</p>
343	<p>"Por degraus de sonhos e cansaços meus desce da tua irreabilidade, desce e vem substituir o mundo."</p> <p>"Afinal deste dia fica o que de ontem ficou e ficará de amanhã: a ânsia insaciável e inúmera de ser sempre o mesmo e outro."</p>
350	<p>"E é nestes momentos, em que nem sei se o tempo existe, que o sinto como uma pessoa, e tenho vontade de dormir."</p>
351	<p>"Tem saudades em mim desse sossego inútil alguém que se coloca no meu lugar."</p>
352	<p>"Quanto serei me não lembra como se o tivera vivido e esquecido."</p>
358	<p>"Se eu não soubesse quem ele é, não o conheceria pela estampa. Sei bem que não há que fazer dos grandes homens aquela ideia heróica que as almas simples formam: que um grande poeta há-de ser um Apolo de corpo e um Napoleão de expressão(...)"</p>

359	"Sei eu sequer se os sinto, se penso, se existo?"
364	"Somos fantasmas de mentiras, sombras de ilusões, e a nossa vida é oca por fora e por dentro."
368	"Desde que eu o conheço, o japonês que se senta na convexa do meu bule não mudou nada...Não saboreou nunca as mãos da mulher que está a um distar errado dele."
373	"Quem está no canto da sala dança como todos os dançarinos."
374	"Sim, logo ele-eu, sob parreira ou árvore, comerá o dobro do que sei comer, beberá o dobro do que ousou beber, rirá o dobro do que posso pensar em rir. Logo ele, eu agora." "Sim, um momento fui outro: vi, vivi, em outrem, essa alegria humilde e humana de existir como um animal em mangas de camisa."
376	"Pensar, sentir, querer, tornam-se uma só confusa coisa."
377	"(...)esperança de coisas que não fez mal que não fossem (...)" "Há qualquer coisa de longínquo em mim neste momento. Estou de facto à varanda da vida, mas não é bem desta vida. Estou sobre ela (...)"
378	"Tenho alma por hipóteses várias, mas essas hipóteses têm alma própria, e me dão portanto a que têm."
380	"Estou esquecido de quem sou; não sei escrever porque não sei ser." "Por um adormecimento oblíquo, tenho sido outro." "Não consigo reatar-me. Se tenho vivido, esqueci-me de o saber." "Desmaiei um bocado da minha vida. Volto a mim sem memória do que tenho sido, e a do que fui sofre de ter sido interrompida." "Que bom ser outro com este astro frio de primavera forte!"
382	"Cheguei àquele ponto em que o tédio é uma pessoa, a ficção encarnada do meu convívio comigo."
386	"Quem éramos? Seríamos dois ou duas formas de um?" "(...) os dois caminheiros, e eu, eu, que não sei qual deles era, ou se era os dois, ou nenhum, e assisti, sem ver o fim, à tragédia de não haver nunca mais do que o Outono e a floresta, e o vento sempre brusco e incerto, e as folhas sempre caídas ou caindo."
394	"Príncipe de melhores horas, outrora eu fui tua princesa, e amámo-nos com um amor doutra espécie, cuja memória dói."
396	Cada um de nós é vários, é muitos, é uma prolixidade de si mesmos.
397	"Sim, outrora eu era de aqui; hoje, a cada paisagem, nova para mim seja, regresso estrangeiro, hóspede e peregrino da sua apresentação, forasteiro do que vejo e ouço, velho de mim."
401	"Separo-me de mim e vejo que sou um fundo dum poço."

406	"É esta a minha crença, esta tarde. Amanhã de manhã não será esta, porque amanhã de manhã serei já outro."
407	"Ah, cada vez que vejo nas ruas uma criança a chorar, uma criança exilada dos outros, dói-me mais que a tristeza da criança o horror desprevenido do meu coração exausto." "Doo-me com toda a estatura da vida sentida, e são as minhas as mãos que torcem o canto do bibe, são minhas as bocas tortas das lágrimas verdadeiras, é minha a fraqueza, é minha a solidão, e os risos da vida adulta que passa usam-me como luzes de fósforos riscados no estofado sensível do meu coração."
416	"As figuras do romance são - como todos sabem - tão reais como qualquer de nós."
417	"Leio e abandono-me, não há leitura mas a mim."
426	"Considerar a nossa maior angústia como um incidente sem importância, não só na vida do universo mas na nossa mesma alma, é o princípio da sabedoria. Considerar isto em pleno meio dessa angústia é a sabedoria inteira." "Quase sorrio, não porque me compreenda, mas porque, tendo-me tornado outro, me deixei de poder compreender."
427	"Meus sonhos: como me crio amigos ao sonhar com eles. A sua imperfeição outra."
433	"Ninguém julgou que ao pé de mim estivesse sempre outro, que afinal era eu. Julgaram-me sempre idêntico a mim." "Vivemos todos longínquos e anónimos; disfarçados, sofremos desconhecidos. A uns, porém, esta distância entre um ser e ele mesmo nunca se revela; (...)mas para outros ainda é essa dolorosa constância e quotidiano da vida." "Saber bem quem somos não é connosco(...)" "(..)não será isto ser um estrangeiro na própria alma?"
436	"Sou eu outra vez, tal qual não sou." "Vou-me perdendo até vivo."
437	"(...)e porque me sinto outro sou feliz."
441	"Sinto isto porque não sinto nada."
442	"Fabriquei-me a tintas falsas, resultei em império de trapeira."
448	"Omar tinha uma personalidade; eu, feliz ou infelizmente, não tenho nenhuma. Do que sou numa hora na hora seguinte separo; do que fui num dia no dia seguinte me esqueci. Quem, como o mar, é quem é, vive num só mundo, que é o externo; quem, como eu, não é quem é, vive não só no mundo externo, mas num sucessivo e diverso mundo interno."
449	"Quisera viver diverso em países distantes. Quisera morrer outro entre bandeiras desconhecidas."

456	<p>"É frequente o desconhecer-me - o que sucede com frequência ao que se conhecem. Assisto a mim nos vários disfarces com que sou vivo."</p> <p>"Era outro o quem sou que ali vivia: São vidas diferentes, diversas, incomparáveis."</p> <p>Não eram duas monotonias mas duas vidas"</p>
467	<p>"A acuidade das minhas sensações chega a ser uma doença que me é alheia. Sofria outro de quem eu sou a parte doente, porque verdadeiramente sinto como a independência de uma maior capacidade de sentir."</p> <p>"Tudo em mim se embrulha comigo, e não tem forma de saber de ser."</p>
468	<p>"Sofro de não sofrer, de não saber sofrer. Vivo ou finjo que vivo? Durmo ou estou desperto? Uma vaga aragem, que sai fresca do calor do dia, faz-me esquecer tudo."</p>

Tabela de Categoria: Emergência Abrupta de Processo Primário

Indicador de Unidades de Registo: Considerou-se todas as unidades de registo que dissessem respeito a manifestações de emergência de processo primário, tais como clivagens, negações, projecções, identificações projectivas, angústia de morte, fragmentação e persecutória, bem como a incapacidade de confiar no outro.

Fragmentos	Unidades de Registo
18	"Se eu tivesse o mundo na mão, trocava-o, estou certo, por um bilhete para a Rua dos Douradores."
20	"Arranco do pescoço uma mão que me sufoca." "Afasto, com cuidado, o laço, e é com as próprias mãos que quase me estrangulo."
25	"Que olhos me fitam na oleógrafia? Estou quase a tremer"
29	"Os meus chinelos velhos estavam rotos, principalmente o do pé esquerdo"
33	"(...)no fluxo e refluxo da minha consciência misturada, como duas marés na noite negra, no fim dos destinos da saudade e desolação."
40	"Sinto-me às vezes tocado não sei porquê, de um prenúncio de morte..." "A mim, quando vejo um morto, a morte parece-me uma partida."
41	"Verifico que, tantas vezes alegre, tantas vezes contente, estou sempre triste."
43	"O mistério da vida dói-nos e apavora-nos de muitos modos. Uma vez vem sobre nós como um fantasma sem forma, e a alma treme com o pior dos medos - a da incarnação disforme de não-ser. Outras vezes está atrás de nós, visível só quando não nos voltamos para ver, e é a verdade toda no seu horror profundíssimo de a desconhecermos. Mas esse horror que hoje me anula é mais forte e mais roedor. É a vontade de não querer ter pensamento, um desejo de nunca ter sido nada, um desespero consciente de todas as células do corpo e da alma. É o sentimento súbito de se estar enclausurado na cela infinita. Para onde pensar em fugir, se a cela é tudo? E então vem-me o desejo transbordante, absurdo, de uma espécie de satanismo que procedeu Satã, de que um dia - um dia sem tempo nem substância - se encontre uma fuga para fora de Deus e o mais profundo de nós deixe, não sei como, de fazer parte do ser ou do não-ser."
44	"(...)não já da vontade do meu ser completo, mas até, assim posso dizer, da vontade parcial e própria de cada elemento em que sou decomponível."
49	"Só os meus amigos espectrais e imaginados, só as conversas decorrentes em sonhos, têm uma verdadeira realidade e um justo relevo, e neles o espírito é presente como uma imagem num espelho."
51	"O homem, que cruza comigo: sob a Arcada ao pé da Bolsa, olha-me com um desconfiança de quem não sabe explicar."
52	"(...)um ranger de coisas, um cair de bocados, um átomo de fim de mundo."
54	"Levo comigo a consciência da derrota como um pendão de vitória."

55	"Leio e estou liberto. Adquiro objectividade. Deixei de ser eu e disperso. E o que leio, em vez de ser um traje meu que mal vejo e por vezes me pesa, é a grande clareza do mundo externo toda ela notável, o sol que vê todos, a lua que malha de sombras o chão quieto, os espaços largos que acabam em mar, a solidez negra das árvores que acenam verdes em cima, a paz sólida dos tanques das quintas, os caminhos tapados pelas vinhas, nos declives breves das encostas."
57	"Esses cestos costumam ter duas tampas, como meias ovais, que se levantam um pouco em um ou outro dos extremos curvos se o bicho estrebucha (...)Esqueci-me de que falava de mim com a descrição do cesto."
59	(...)que morreram asfixiados pelo facto de existirem(...)
61	"Sou ruínas de edifícios que nunca foram mais do que essas ruínas, que alguém se fartou, em meio de construí-las, de pensar em que construía."
66	"Com pequenos mal-entendidos com a realidade construimos as crenças e as esperanças, e vivemos das côdeas a que chamamos bolos, como as crianças pobres que brincam a ser felizes." "E realmente o nome falso e o sonho verdadeiro criam uma nova realidade. O objecto torna-se realmente outro, porque o tornámos outro." "Manufacturamos realidades."
68	"O cansaço de todas as ilusões e de tudo o que há nas ilusões - a perda delas, a inutilidade de as ter, o antecansaço de ter que as ter para perdê-las, a mágoa de as ter tido, a vergonha intelectual de as ter tido sabendo que teriam tal fim."
69	"E o frio que não sentirei morde o coração actual."
70	"Uns velhos, outros jovens, são da mesma idade. Uns homens, outros mulheres, são do mesmo sexo que não existe".
75	"Não vou para onde há risco"
80	"Os meus sonhos são um refúgio estúpido, como um guarda chuva contra um raio." "Eu não teria o horror à vida como a uma Coisa." "Outro suposto cuja vida, por não ser minha, deliciosamente se me penetra de eu querê-la e se me penetra até de alheia!" "A minha vida é como se me batessem com ela!"
83	"Vivem sombras que me cercam - só sombras, filhas dos móveis hirtos e da luz que me acompanha. Elas me rondam aqui ao sol, mas são gente."
85	"Fazer qualquer coisa completa, inteira, seja boa ou seja má (...) causa-me, talvez, mais inveja do que outro qualquer sentimento."
88	"(...)tiritando ao frio às esquinas da Realidade, tendo de dormir nos degraus da Tristeza e comer o pão dado da Fantasia."

90	<p>"Reconhecer a realidade como uma forma de ilusão, e a ilusão como uma forma de realidade."</p> <p>"Numa cela ou num deserto está o infinito."</p> <p>"Numa pedra dorme-se cosmicamente"</p>
92	<p>Nas minhas próprias paisagens interiores, irreais todas elas, foi sempre o longínquo que me atraiu, e os aquedutos que se esfumavam – quase na distância das minhas paisagens sonhadas, tinham uma doçura de sonho em relação às outras partes da paisagem – uma doçura que fazia com que eu as pudesse amar.</p> <p>"A minha mania de criar um mundo falso acompanha-me ainda, e só na minha morte me abandonará. "</p> <p>"... Alinho na minha imaginação, confortavelmente, como quem no Inverno se aquece a uma lareira, figuras que habitam, e são constantes e vivas, na minha vida interior. Tenho um mundo de amigos dentro de mim, com vidas próprias, reais, definidas e imperfeitas."</p> <p>"... Poder sonhar-me caixeiro-viajante foi sempre uma das minhas grandes ambições – irrealizável infelizmente!"</p> <p>"A raiva de a saudade não poder reavivar e reerguer nunca é tão lacrimosa contra Deus, que criou impossibilidades, do que quando medito que os meus amigos de sonho, com quem passei todos detalhes de uma vida suposta, com quem tantas conversas iluminadas, em cafés imaginários, tenho tido, não pertenceram, afinal, a nenhum espaço, onde pudessem ser, realmente, independentes da minha consciência deles!"</p>
94	<p>"(...)ser hoje o cadáver vivo do que ontem foi vida perdida."</p>
96	<p>"Vejo as paisagens sonhadas com a mesma clareza com que fito as reais."</p>

98	<p>"Uma inquietação enorme fazia-me estremecer os gestos mínimos. Tive receio de endoidecer, não de loucura, mas de ali mesmo. O meu corpo era um grito latente. O meu coração batia como se falasse."</p> <p>"Acendi um cigarro, que fumei por subconsciência, e só quando vi que tinha caído cinza sobre a cabeceira da cama – como, seu eu não me debruçara ali? – compreendi que estava possesso, ou coisa análoga, em ser quando não em nome, e que a consciência de mim, que eu deveria ter, se tinha intervalado com o abismo."</p> <p>"(...) tudo isto, que nunca passou de um sonho, está guardado na minha memória a fazer de dor, e eu, que passei horas a sonhá-los, passo horas depois a recordar tê-los sonhado e é, na verdade, saudade que eu tenho, um passado que eu choro, uma vida-real morta que fito, solene no seu caixão."</p> <p>"No fundo obscuro da minha alma, invisíveis, forças desconhecidas travavam uma batalha em que meu ser era o solo, e todo eu tremia do embate incógnito. Uma náusea física da vida inteira nasceu com o meu despertar. Um horror a ter que viver ergueu-se comigo da cama. Tudo me pareceu oco e tive a impressão fria de que não há solução para problema algum."</p>
114	<p>"Esculpi a minha vida como a uma estátua de matéria alheia ao meu ser."</p> <p>"Devo não perturbar as linhas feitas da minha personalidade suposta."</p> <p>"Quero ser tal qual quis ser e não sou. Se eu cedesse destruir-me-ia."</p> <p>"E nada de mim seria real."</p>
120	Hoje já não se mata, e ele apenas me pode incomodar."
121	"Abomino a vida nova e o lugar desconhecido."
123	"Só o sonho vê como o olhar."
124	<p>"Argonautas, nós, da sensibilidade doentia, digamos que sentir é preciso, mas que não preciso viver."</p> <p>"(...)vida, tão difícil de possuir completa, tão triste de possuir parcial."</p>
125	<p>"Também na viagem do meu pensamento, tive monstros e medos com que arcar."</p> <p>"No caminho para o abstracto, que está no fundo das coisas, há horrores, que passar, que os homens do mundo não imaginam e medos que ter que a experiência humana não conhece;"</p>
133	"Pêndulo oscilante, sempre movendo-se para não chegar(...)"
138	"As mesmas paisagens, as mesmas casas eu as vi porque as fui, feitas em Deus com a substância da minha imaginação."

141	<p>"Uma mão fria aperta-me a garganta e não me deixa respirar a vida."</p> <p>"Tudo morre em mim, mesmo o saber que posso sonhar!"</p> <p>"A minha carne é líquida e aquosa em torno à minha sensação dela."</p> <p>"Um frio desassossegado põe mãos gélidas em torno ao meu pobre coração."</p>
143	<p>"Os que sonham grandemente, ou são doidos e acreditam no que sonham e são felizes, ou são devaneadores simples, para quem o devaneio é uma música da alma, que os embala sem lhes dizer nada"</p> <p>"Mas o que sonha o possível tem a possibilidade real da verdadeira desilusão."</p>
144	<p>"Que mais quer quem tem que morrer e o não sabe pela mão da mãe?"</p>
145	<p>"(...)em vencer, como obstáculos, a própria realidade do mundo."</p> <p>"E quando penso isto, erguendo-me da mesa, é com uma íntima majestade que a minha estatura invisível se ergue acima de Detroit, Michigam, e de toda a praça de Lisboa."</p>
150	<p>"O disfarce irreal da consciência serve somente para me destacar aquela inconsciência que não disfarça."</p>
152	<p>"(...) é que essa paisagem é uma porta por onde fujo ao conhecimento da minha impotência criadora."</p>
155	<p>"Escrevo embalando-me, como uma mãe louca a um filho morto."</p>
157	<p>"Passos de parágrafos meus há que me arrefecem de pavor, tão nitidamente gente eu os sinto(...)"</p> <p>"Há metáforas que são mais reais que gente que anda na rua."</p> <p>"(...)tanto me habituei a sentir o falso como verdadeiro, sonhado tao nitidamente como visto, que perdi a distinção humana, falsa, creio, entre a verdade e a mentira."</p>
159	<p>"Em toda a alma que sente chega o dia em que o Destino nela representa um apocalipse de angústia."</p>
162	<p>"A vida deve ser, para os melhores, um sonho que se recusa a confrontos."</p> <p>"(...) e sermos nós é nada ter que ver com essas coisas externas que ruem, ainda que ruam sobre o que para elas somos."</p>
164	<p>"Imaginar é tudo, desde que não tenda para agir."</p> <p>"Temos o que abdicamos, porque conservamos sonhado, intacto, eternamente à luz do sol que não há, ou da lua que não pode haver."</p>
166	<p>"Serei sempre da Rua dos Douradores, como a humanidade inteira"</p>

167	<p>"Eu mesmo, que sufoco onde estou e porque estou, onde respiraria melhor, se a doença é dos meus pulmões e não das coias que me cercam?"</p> <p>"(...)baba da grande Aranha, nos liga subtilmente ao que está perto, enleando-nos num leite leve de morte lenta(...)"</p> <p>"O meu desejo é fugir. Fugir ao que conheço, fugir ao que é meu, fugir ao que amo."</p>
168	<p>"(...)como se no caixão me fechassem a respiração eterna de uma alma (...)como se ali triturassem de clausura o imortal."</p>
170	<p>"Desci a rua (...)cheio de certeza, porque, enfim, o escritório conhecido, a gente conhecida nele, eram certezas."</p>
173	<p>"O sonho é a pior das cocaínas.(...) Não dói, não descora, não abate"</p> <p>"(...) mas a alma que dele usa fica incurável, porque não há maneira de se separar do seu veneno, que é ela mesma."</p> <p>"Aprendi nos sonhos (...) a dourar, com um sol de artifício, os recantos e os móveis mortos e [a] dar música, como para me embalar (...)"</p>
174	<p>"Divago e encontro; encontro porque divago."</p>
178	<p>"Passar de mundo para mundo, (...) sempre na ilusão que acarinha, sempre no erro que afaga."</p> <p>"Somos morte."</p> <p>"Os mortos nascem, não morrem."</p> <p>"Quando julgamos que vivemos, estamos mortos; vamos viver quando estamos moribundos."</p>
179	<p>"Pode ser que nos guie uma ilusão; a consciência, porém, é que não nos guia."</p>
180	<p>"Quase peço aos deuses que haja que me guardem aqui, como num cofre, defendendo-me das agruras e também das felicidades da vida."</p>
183	<p>"Farrapos de nuvens esfarrapadas(...)"</p> <p>"(...)lentamente numa nuvem só - negra implacável, avançando lentamente com garras rombas de branco cinzento na ponta dos braços negros."</p>
184	<p>"Morrer horroriza-me como tudo."</p> <p>"(...)jazo sob a vacuidade tombada do universo inteiro."</p> <p>"O meu tédio assume aspectos de horror; o meu aborrecimento é um medo."</p>
186	<p>"Jazo a vida."</p>
187	<p>"Repugno a vida real como uma condenação."</p>
188	<p>"Se os homens soubessem meditar no mistério da vida, (...) matar-se-iam de assustados, como os que se suicidam para não ser guilhotinados no dia seguinte."</p>

196	"Se penso isto e olho, para ver se a realidade me mata a sede, vejo coisas inexpressivas, caras inexpressivas, gestos inexpressivos. Pedras, corpos, ideias - está tudo morto."
197	Os mortos! Os mortos que me amaram na minha infância.
202	"Meu coração dói-me como um corpo estranho" "(...)nem aquela vaga angústia que acompanha a nossa sensação da morte externa(...)"
203	"Não se sabe nada, nem a memória resta das histórias de infância(...)"
204	"Nuvens...São como eu, uma passagem desfeita entre o céu e a terra(...)"
206	"(...)e o som vago do chicote que põem músculos de se levantar no corpo deitado da besta sonolenta."
207	"Quantas coisas, que temos por certas ou justas, não são mais que os vestígios dos nossos sonhos, o sonambulismo da nossa incompreensão!" "Tudo se me transforma em um absoluto morto de ele mesmo, numa estagnação de pormenores."
208	"É de quadros que tenho saudades. Por isso, tanto me entenece a minha infância como a de outrem: são ambas, no passado que não sei o que é, fenómenos puramente visuais, que sinto com atenção literária."
214	"Certas frases são de outra mentalidade. É como se encontrasse um retrato antigo sem dúvida meu , com uma estatura diferente, com umas feições incógnitas - mas indiscutivelmente meu, pavorosamente, eu."
215	"Não sei os gestos a acto nenhum real." "Para quê olhar os crepusculos se tenho em mim milhares de crepúsculos diversos - alguns dos quais que o não são - e se, além de os olhar dentro de mim, eu próprio os sou, por dentro?"
216	"Tudo quanto tenho tido(...) fragmentos de falsa vida que a morte doura de longe, com seu sorriso triste de verdade inteira."
220	"(...)Sonho exterior sem ser-sonhado."
221	"Ser não fosse o sonhar sempre, o viver num perpétuo alheamento, poderia, de bom grado, chamar-me um realista(...)" "Assim me construo a ouro e sedas em salas supostas, palco falso, cenário antigo, sonho criado entre jogos de luzes brandas e músicas invisíveis."
222	"Os corações pararam um momento (...) o silêncio aterra como se houvera morte."
224	"...esse episódio de imaginação a que chamamos realidade." "Viro as costas à janela (...) de vidros frios às mãos que lhes tocam."
225	"Cárcere infinito - porque és infinito, não se pode fugir de ti" "Ah, quem me salvará de existir? Não é a morte que quero, nem a vida: é aquela outra coisa que brilha no fundo da ânsia como um diamante possível numa cova a que nao se pode descer,"
231	"Tenho de escrever como cumprimento de um castigo."

235	"(...)o «como» do como sempre me escapou."
236	"Temos amanhã a guilhotina. Se não a tivéssemos amanhã tê-la-íamos depois de amanhã."
240	"Nas paredes escuramente visíveis do meu quarto, se eu abria os olhos do sono falso, boiavam fragmentos de sonhos por fazer, vagas luzes, riscos pretos, coisas de nada que trepavam e desciam."
241	"Haviam crescido intervalos entre as coisas, e os sons, mais espaçados de uma maneira nova(...)"
242	"(...)habitado por vidas ignóbeis, viscosidades sem vida, lesmas sem ser, ranho da subjectividade."
243	<p>"Quem quisesse fazer um catálogo de monstros, não teria mais que fotografar em palavras aquelas coisas que a noite traz às almas sonolentas que não conseguem dormir."</p> <p>"Pairam como morcegos sobre a passividade da alma, ou vampiros que suguem o sangue da submissão".</p> <p>"Umás vezes são vermes, nauseantes à própria alma que os afaga e cria; outras vezes são espectros, e rodam sinistramente coisa nenhuma; outras vezes, ainda, emergem cobras dos recôncavos absurdos das emoções perdidas."</p> <p>"Sempre, depois de depois, virá o dia, mas será tarde como sempre. Tudo dorme e é feliz, menos eu. Descanso um pouco, sem que ouse que durma. E grandes cabeças de monstros sem ser emergem confusas do fundo de quem sou. São dragões do Oriente do abismo, com línguas encarnadas de fora da lógica, com olhos que fitam sem vida a minha vida morta que não fita."</p>
250	"Não posso sonhar, porque sinto o sonho tão vivamente que o comparo com a realidade, de modo que sinto logo que ele não é real; e assim o seu valor desaparece."
262	"E é, em mim, como se o inferno ele-mesmo risse, (...) a loucura grasnada do universo morto, o cadáver rodante do espaço físico, o fim de todos os mundos(...)nas trevas das trevas, impossível, único, tudo."
265	"E regresso (...) à minha vida quotidiana de transeunte incógnito, e aos meus sonhos como insónias de acordado."
279	"Fui hoje diminuído. Já não sou bem o mesmo. O moço de escritórios foi-se embora."
284	"Artífices da morbidez, requintemo-nos em ensinar a desiludir-se."
285	<p>"Estou quase convicto de que nunca estou desperto. Não sei se não sonho quando vivo, se não vivo quando sonho, ou se o sonho e a vida não são em mim coisas mistas, interseccionadas, de que meu ser consciente se forme por interpenetração."</p> <p>"(...)não sei se existo, sinto possível o ser um sonho de outrem(...)"</p>
289	"Ouve tudo isto e diz-me depois se o sonho não vale mais que a vida."
290	"Fui génio mais que nos sonhos e menos que na vida."

299	"Vivo todas aquelas vidas domésticas ao mesmo tempo. Sou o pai, sou a mãe, os filhos, os primos, a criada e o primo da criada, (...)"
300	"(...)pela minha alma de príncipe Longínquo passou um arrepio de pressagio."
305	"No fundo o que acontece é que faço dos outros o meu sonho, dobrando-me às opiniões deles(...) para as dobrar a meu gosto e fazer das suas personalidades coisas aparentadas com os meus sonhos." "(...)sem largar o meu devaneio interrupto(...)" "Numa grande dispersão unificada, ubiquito-me neles e eu crio e sou, a cada momento da conversa, uma multidão de seres, conscientes e inconscientes, analisados e analíticos, que se reúnem em leque aberto."
306	"A energia para lutar nasceu morta connosco, porque nós nascemos sem o entusiasmo da luta."
310	"Minha alma é uma orquestra oculta; não sei que instrumentos tigem e rangem, cordas e harpas, tímboles e tambores, dentro de mim. Só me conheço como sinfonia."
311	"Extravaso horror de tudo."
316	"Cada um de nós traz consigo um crime feito ou um crime que a alma lhe pede para fazer."
322	"Bate-me a vida no coração distante. Eu não fui destinado à realidade, e a vida quis vir ter comigo." "Quem sabe se não vai acontecer-me hoje qualquer coisa de terrível para a minha alma!"
323	"Um ar fresco, com restos mortos de quente, insinuou-se na sala grande."
324	"Quebram-se os laços que, ao mesmo tempo que ligavam tudo, separavam tudo, isolando cada elemento."
325	"Ficções do interlúdio, cobrindo coloridamente o marasmo e a desídia da nossa íntima descrença."
326	"Eu fundi numa cor uma felicidade a beleza do sonho e a realidade da vida." "Matar o sonho é matarmo-nos. É mutilar a nossa alma." "E se do mundo exterior o meu vê-lo difere de como os outros o vêem(...)"
331	"Mas o universo que realmente me dói não é o verdadeiro, o que existe porque não sabe que existo, mas aquele, meu de em, que, se eu passar as mãos pelos cabelos, me faz parecer sentir que eles sofrem todos só para me fazerem sofrer."

334	"Quando, dispostas as mãos sobre a mesa ao alto, lancei sobre o que lá via o olhar que deveria ser de um cansaço cheio de mundos mortos, a primeira coisa que vi, com ver, foi uma mosca varejeira(...)" "Sem querer, ergui os olhos na direcção do tecto, não baixasse sobre mim uma régua suprema, a esmagar-me, como eu poderia esmagar aquela mosca."
338	"Não consegui nunca ver-me de fora."
339	"Eu porém penso com a imaginação(...)"
341	"(...) há aquilo em mim que o segue como olhos até que se perde num grande horror de túmulo e de fim."
342	"Nunca durmo: vivo e sonho, ou antes, sonho em vida e a dormir que também é vida."
346	"As coisas sonhadas só têm o lado de cá...Não se lhes pode ver o outro lado...Não se pode andar à roda delas...O mal das coisas da vida é que as podemos ir olhando para todos os lados...As coisas de sonho só têm o lado que vemosTêm amores só puros, como as nossas almas."
350	"Que coisa, porém, é esta que nos mede sem medida e nos mata sem ser?"
355	"Meu coração parou. Bateu-me a garganta."
359	"Somos, como disse o poeta, ilhas no mar da vida; corre entre nós o mar que nos define e separa."
363	"E toda a sensação é uma ilusão." "(Urna inclinada, o crepúsculo verte sobre nós um óleo de onde as horas, pétalas de rosas, bóiam espaçadamente.)" "Amar é possuir(...)Para possuir seria preciso tornar nossa a sua matéria, comê-lo, incluí-lo em nós....(...) porque nós não possuímos o nosso corpo(possuímos apenas a nossa sensação dele), e porque, uma vez possuído esse corpo amado, tornar-se-ia nosso, deixaria de ser outro, e o amor, por isso, com o desaparecimento do outro ente, desapareceria..."
364	"Se o que comes, dissesse, «eu possuo isto», eu compreendia-te. Porque sem dúvida o que comes, tu o incluis em ti, tu o transformas em matéria tua, tu o sentes entrar em ti e pertencer-te. Mas do que comes não falas tu de «posse».A que chamas tu possuir?"
369	"Nesta era metálica dos bárbaros só um culto metodicamente excessivo das nossas faculdades de sonhar, de analisar e de atrair pode servir de salvaguarda à nossa personalidade, para que se não desfaça ou para nula ou para idêntica às outras."
370	"Fecho subitamente portas dentro de mim, por onde certas sensações iam passar para se realizarem."
374	"Como, porém, sou eu, gozo um pouco o pouco que é imaginar-me esse outro."
376	"As crenças, as sensações, as coisas imaginadas e as actuais estão desarrumadas, são como o conteúdo misturado no chão, de várias gavetas subvertidas."

378	<p>"Talvez porque eu pense de mais ou sonhe de mais, o certo é que não distingo entre a realidade que existe e o sonho, que é a realidade que não existe."</p> <p>"Douro-me de poentes supostos, mas o suposto é vivo na suposição."</p> <p>"Alegro-me de brisas imaginárias, mas o imaginário vive quando se imagina."</p>
380	<p>Não é que seja este o primeiro dia de Outono sensível - o primeiro dia de frio não fresco que veste o estio morto de menos luz - que me dê, numa transparência alheada, uma sensação de designio morto ou de vontade falsa.</p>
383	<p>"O mundo exterior existe como um actor num palco: está lá mas é outra coisa."</p>
395	<p>"(...)tudo morto, minha ama, tudo morto, e todos s navios aquele navio sem partir!"</p>
397	<p>"No meu sangue corre até a menor das paisagens futuras, e a angústia do que terei de que ver de novo é uma monotonia antecipada de mim."</p>
399	<p>"(...)fui o devaneio do que quis ser, o meu sonho começou na minha vontade, o meu propósito foi sempre a primeira ficção do que nunca fui."</p> <p>"Hesito em tudo, muitas vezes sem saber porquê."</p>
401	<p>"Não fiz da minha dor um poema, fiz dela, porém, um cortejo."</p>
405	<p>"A vida seria insuportável se tomassemos consciência dela. Felizmente o não fazemos."</p>
409	<p>Vai ser invadido pelos bárbaros o meu império implícito."</p> <p>"É esta uma das mais curiosas sensações que nos pode ser dada pelo acaso dos encontros e das faltas: a de estarmos sós numa casa ordinariamente cheia, ruidosa ou alheia. Temos, de repente, uma sensação de posse absoluta, de domínio fácil e largo, de amplitude como disse - de alívio e sossego."</p>
415	<p>"As figuras imaginárias têm mais relevo e verdade que as reais."</p> <p>"O meu mundo imaginário foi sempre o único mundo verdadeiro para mim. Nunca tive amores tão reais, tão cheios de verve, de sangue e de vida com os que tive com figuras que eu próprio criei. Que leais! Tenho saudades deles porque, como os outros, passam..."</p>
416	<p>"Quando se quebra uma chávena da minha colecção japonesa, eu sonho que mais do que um descuido das mãos de uma criada tenha sido a causa, ou tenham estado os anseios das figuras que habitam nas curvas daquela () de loiça; a resolução tenebrosa de suicídio que as tomou nao me causa espanto: serviram-se da criada, como um de nós de um revólver. saber isto é errar além da ciência moderna, e com que precisão eu sei isto!"</p>
418	<p>"Sou capaz de ler só o que já conheço."</p>
425	<p>"O próprio sonho me castiga"</p>

426	<p>"Quantas vezes sob o peso de um tédio que parece ser loucura, ou de uma angústia que parece passar além dela, paro, hesitante, antes que me revolte, hesito, parando, antes que me divinize."</p> <p>"(...)uma opressão de todos e de tudo que me estrangula e desvaira; de um sentimento físico da incompreensão alheia que me perturba e esmaga."</p>
427	<p>"Ver e ouvir são as únicas coisas nobres que a vida contém. Os outros sentidos são plebeus e carnaís. A única aristocracia é nunca tocar. Não se aproximar - eis o que é fidalgo"</p> <p>"Se tocares, o teu sonho morrerá, o objecto tocado ocupará a tua sensação."</p>
428	<p>"Saber, com um imediato instinto, abstrair de cada objecto ou acontecimento, o que ele pode ter de sonhável, deixando morto no Mundo Exterior tudo quanto ele tem de real - eis o que o sábio deve procurar realizar em si próprio."</p>
436	<p>"Dormir, ser longínquo sem o saber, estar distante, esquecer com o próprio corpo; ter a liberdade de ser inconsciente, um refugio de lago esquecido, estagnado entre frondes árvores, nos vastos afastamentos das florestas."</p> <p>"São sons alegres e dispersos e doem-me no coração como se me viessem, com eles, chamar a um exame ou a uma execução."</p>
444	<p>"(...) Ocupações de cárcere! Só os enclausurados vêem assim o sol mover-se, como quem olha para formigas."</p>
450	<p>"Uma luz de inferno frio visitara o conteúdo de tudo, e enchera os cérebros e os recantos. Tudo pasmou. Um peso caiu de tudo porque o golpe passara. A chuva triste era alegre com o seu ruído bruto e humilde. Sem querer, o coração sentia-se e pensar era um estonteamento."</p>
451	<p>" Viajar! Para Viajar basta existir."</p>
456	<p>"De tal modo me converti na ficção de mim mesmo que qualquer sentimento natural, que eu tenho, desde logo, desde que nasce, se me transtorna num sentimento da imaginação - a memória em sonho, o sonho em esquecer-me dele, o conhecer-me em não pensar em mim."</p> <p>De tal modo me desvesti do meu próprio der que existir é vestir-me. Só disfarçado é que sou eu."</p>
458	<p>"Onde estarão os vivos?"</p>
463	<p>Corre leve, vida que não se sente.</p>
465	<p>" Há um contraste demasiado entre a vida externa que exuberava e o que sinto e penso - sem saber sentir nem pensar - o cadáver perenemente insepulto das minhas sensações."</p>
468	<p>"Quando vivemos constantemente no abstracto - seja o abstracto do pensamento, seja o da sensação pensada -, não tarde que, contra nosso mesmo sentimento ou vontade, se nos tornem fantasmas aquelas coisas da vida real que, em acordo com nós mesmo, mais deveríamos sentir."</p>

471	" Desde que possamos considerar este mundo uma ilusão e um fantasma, poderemos considerar tudo que nos acontece como um sonho, coisa que fingiu ser porque dormíamos. E então nasce em nós uma indiferença sutil e profunda para com todos os desaires e desastres da vida."
474	" Viver não vale a pena. Só olhar é que vale a pena. Poder olhar sem viver realizaria a felicidade, mas é impossível, como tudo quanto costuma ser o que sonhamos. O êxtase que não incluísse a vida!..."
476	" Sou um homem para quem o mundo exterior é uma realidade interior."
481	"A minha sensibilidade do novo é angustiante: tenho calma só onde já tenho estado." Caras que via habitualmente nas minhas ruas habituais - se deixo de vê-las entristeço, e não me foram nada, a não ser o símbolo de toda a vida."

Tabela de Categoria: Relação de Objecto

Indicador de Unidades de Registo: Considerou-se todas as unidades de registo que dissessem respeito a sentimentos expressos, que tenham sofrido a influência de outrem e sentimentos relativos à ordem ou desordem de sentir.

Fragmentos	Unidades de Registo
1	"O coração. se pudesse pensar, pararia."
7	"Tenho ternura, ternura até às lágrimas, pelos meus livros de outros em que escreituro, pelo tinteiro velho de que me sirvo, pelas costas dobradas do Sérgio, (...). Tenho amor a isto talvez porque não tenha mais nada que amar (...)"
22	"Amar-me é ter pena de mim."
29	"Tinha-me levantado cedo e tardava em preparar-me para existir."
30	"Reconheço, não se se com tristeza, a segura humana do meu coração." "Talvez que a saudade de não ser filho tenha grande parte na minha indiferença sentimental."
48	"A companhia oprime-me." "A presença de outra pessoa desencaminha-me os pensamentos;"
49	"O isolamento talhou-me à sua imagem e semelhança." "(...)no homem normal o contacto com outrem é um estímulo para a expressão e para o dito, em mim esse contacto é um contra-estímulo(...)"
51	"Ninguém ali chega, nem chegará."
61	"Benditos os que não confiam a vida a ninguém."
71	"Amo-a porque a odeio. Gosto de vê-la porque detesto senti-la. A paisagem, tão admirável como quadro, é em geral incómoda como o leito."

88	<p>"(...)eu, (...) que nenhum Amor quis para seu filho adotivo, nem nenhuma Amizade para seu companheiro de brinquedos."</p> <p>"Um regaço para chorar, mas um regaço enorme, sem forma, espaçoso como uma noite de verão, e contudo próximo, quente, feminino, ao pé de uma lareira qualquer... Poder ali chorar coisas impensáveis, falências que nem sei quais são, ternuras de coisas inexistentes, e grandes duvidas arrepiadas de não sei que futuro...Uma infância nova, uma ama velha outra vez, e um leito pequeno onde acabar por dormir, entre contos que embalam, mal ouvidos, com uma atenção que se torna morna, de perigos grandes – penetravam em jovens cabelos louros como o trigo... E tudo isto muito grande, muito eterno, definitivo para sempre, da estatura única de Deus, lá no fundo triste e sonolento da realidade última das Coisas...</p> <p>Um colo ou um berço ou um braço quente em torno ao me pescoço... Uma vez que canta baixo e parece querer fazer-me chorar... O ruído de lume na lareira... Um calor no Inverno... Um extravio morno da minha consciência... E depois sem som, um sonho calmo num espaço enorme, como a lua rodando entre estrelas..."</p>
92	<p>"Nunca tive outra preocupação verdadeira senão a minha vida interior. As maiores dores da minha vida esbatem-se-me quando, abrindo a janela dentro de mim, pude esquecer-me na visão do seu movimento."</p> <p>"A quem me falou de viver nunca prestei atenção. Pertenci ao que não está onde estou e ao que nunca pude ser. Tudo o que não é meu, por baixo que seja, teve sempre poesia para mim. Nunca amei senão coisa nenhuma. Nunca desejei senão o que nem podia imaginar. À vida nunca pedi senão que passasse por mim sem que eu a sentisse. Do amor apenas exigi que nunca deixasse de ser um sonho longínquo. "</p>
98	<p>"(...)o meu coração tem um alívio de contos de fadas reais, e começa a conhecer a segurança de não sentir."</p>
106	<p>"«Quero-te só para o sonho» é o verso de um velho poema meu."</p>
111	<p>"O amor romântico, portanto, é um caminho de desilusão."</p>
112	<p>"Nunca amamos alguém. Amamos, tão-somente, a ideia que fazemos de alguém, "</p>
115	<p>"(...)que quem melhor nos conheça, apenas nos desconheça de mais perto que os outros."</p>
120	<p>"Mais terrível de que qualquer muro, pus grades altíssimas a demarcar o jardim do meu ser, de modo que, vendo perfeitamente os outros, perfeitissimamente eu os excluo e mantenho outros."</p>
126	<p>"Não sinto, e a morte de quem amasse far-me-ia a impressão de ter sido realizada numa língua estrangeira."</p>
135	<p>"Dar a alguém os bons dias por vezes intimida-me. Seca-me a voz como se houvesse uma audácia estranha em ter essas palavras em voz altas."</p>
143	<p>"(...)mas pode doer-me o nunca ter falado à costureira(...)"</p>
150	<p>"Renega-se a mulher mas não a mãe, não o pai, não o irmão."</p>
159	<p>"gozei a dor da humilhação de amar."</p>

161	Mas os termos (...) solidariedade, humanismo, e outros da mesma estirpe, repugnam-nos como porcarias que despejassem sobre mim das janelas.
165	"Nunca me pesou o que de trágico se passasse na China. É decoração longínqua, ainda que a sangue e peste."
180	"Tenho saudades da hipótese de poder ter um dia saudades(...)"
202	"(...)a desilusão antecipada de todos os sonhos."
208	<p>"Tenho uma moral muito simples - não fazer a ninguém nem mal nem bem."</p> <p>"Não fazer bem, porque não sei o que é o bem, bem se o faço quando julgo que o faço."</p> <p>"Nunca visitei um amigo doente. Sempre que, tendo eu adoecido, me visitaram, sofri cada visita como um incómodo, um insulto, uma violação injustificável da minha intimidade decisiva."</p> <p>"Tenho para com tudo o que existe uma ternura visual, um carinho de inteligência - mas nada no coração."</p> <p>"Considero-me feliz por já não ter parentes. Não me vejo assim na obrigação, que inevitavelmente me pesaria, de ter que amar alguém."</p>
209	<p>"O facto dividido de existir não deve ser entregue ao facto satânico de coexistir."</p> <p>"Conviver é morrer."</p> <p>"Quando me entrego, embora pareça que me expando, limito-me."</p> <p>"Desperdiçamos a nossa personalidade em orgias de coexistência."</p> <p>"Que têm os outros com o universo que há em mim?"</p>

235	<p>"(...)havia um tédio das emoções, diferente do tédio da vida, uma impaciência de me ligar a qualquer sentimento contínuo, sobre tudo quando houvesse de se lhe atrelar um esforço prosseguido."</p> <p>"(...)me fez julgar que amava, fiquei, primeiro, estonteado e confuso, como se me saíra uma sorte grande em moeda inconvertível. (...)Sucedeu-me um sentimento difícil de definir, mas em que se salientavam incomodamente as sensações de tédio, humilhação e de fadiga."</p> <p>"De tédio, como se um novo dever o de uma horrorosa reciprocidade - me fosse dado como uma ironia de um privilégio, que eu teria ainda que maçar, agradecendo ao Destino."</p> <p>"(...)a monotonia obrigatória de um sentimento de definido."</p> <p>"O amor de ser amado deveria ter-me aparecido. Deveria ter-me envaidecido alguém reparar atentamente para a minha existência como ser-amável."</p> <p>"Diz Chateaubriand, figurando-se em René, «amarem-no cansava-o»"</p> <p>"A fadiga de sermos objecto do fardo das emoções alheias!"</p> <p>"Converter quem quisera ver-se livre, sempre livre, no moço de fretes da responsabilidade de corresponder, da decência de não se afastar, para que não se suponha que se é príncipe nas emoções e se renega o máximo que uma alma humana pode dar. A fadiga de nos tornar a existência uma coisa dependente em absoluto de uma relação com um sentimento de outrem! A fadiga de, em todo o caso, ter forçosamente que sentir, ter forçosamente, ainda que sem reciprocidade, que amar um pouco também!"</p> <p>"Resta-me apenas a gratidão a quem me amou."</p>
236	"Livres de nós como dos outros, contemplativos, sem êxtase(...)"
237	"Reduzir as necessidades ao mínimo , para que em nada dependamos de outrem."
247	"A futilidade imanente de todas as formas de acção foi, desde a minha infância, uma das medidas mais queridas do meu desapego até de mim."
251	"Reduzi ao mínimo o meu contacto com os outros."
255	"Ninguém conhece outro, e ainda bem que o não conhece, e, se o conhecesse, conheceria nele, ainda que mãe, mulher ou filho, o íntimo, metafísico inimigo."
259	<p>"Talvez porque a sensualidade real não tem para mim interesse de nenhuma espécie(...)"</p> <p>"Não choro por nada que a vida traga ou leve. Há porém páginas de prosa que me têm feito chorar."</p>
263	"Há um isolamento em nós de nós mesmos, mas um isolamento onde o que separa está estagnado como nós, água suja cercando o nosso desentendimento."
266	"Quero mandar parar a alma, para que ela, como veículo que me ocupassem, siga para a frente só e me deixe."
271	"Não o amor, mas o arredores é que vale a pena...."

283	<p>"És livre se podes afastar-te dos homens (...) Se te é impossível viver só, nasceste escravo."</p> <p>"A morte é uma libertação porque morrer é não precisar de outrem."</p> <p>"Fecho, cansado, as portas das minhas janelas, excluo o mundo e um momento tenho a liberdade."</p>
284	<p>"Não toquemos a vida nem com as pontas dos dedos."</p> <p>"Não amemos nem com o pensamento."</p> <p>"Que nenhum beijo de mulher, nem mesmo em sonhos, seja uma sensação nossa."</p>
292	<p>"Pudesse eu saber como não agir nem abdicar de agir! Seria essa a coroa-de-sonho da minha glória, o ceptro-de-silêncio da minha grandeza."</p>
293	<p>"(...)se ergo às vezes de mim os meus olhos de ver-me dói-me e arde-me fitar a nitidez e independência-de-mim da vida claramente externa, da existência dos outros (...)"</p> <p>"Tropeço nos sentimentos reais dos outros(...)"</p> <p>"Pergunto-me então em mim próprio se valerá a pena todo o esforço que pus em me isolar e elevar, se o lento calvário que de mim fiz para a minha Glória Crucificada valerá religiosamente a pena?"</p>
298	<p>"Toda a vida social jaz a meus olhos."</p>
301	<p>"Não descer nunca a fazer conferências, para que não se julgue que temos opiniões, ou que descemos ao público para falar com ele. Se ele quiser, que nos leia."</p>
303	<p>"Toda a acção é, por sua natureza, a projecção da personalidade sobre o mundo externo, e como o mundo externo é em grande e principal parte composto por entes humanos, segue que essa projecção da personalidade é essencialmente o atravessarmo-nos no caminho alheio, o estorvar, ferir e esmagar os outros, conforme o nosso modo de agir."</p> <p>"Quem simpatiza pára."</p>
305	<p>"De tal modo antepoño o sonho à vida que consigo, no trato verba (outro não tenho)(...)"</p> <p>"(...)pelo hábito que tenho de, desdobrando-me, seguir ao mesmo tempo duas, diversas operações mentais eu, ao passo que me vou adaptando em excesso e lucidez ao sentir deles, fazendo a análise puramente objectiva do que eles são e pensam."</p>
306	<p>"Mas outros, Raça do Fim, limite espiritual da Hora Morta, nem tiveram a coragem da negação e do asilo em si próprios. O que viveram foi em negação, em descontentamento e em desconsolo, Mas vivemo-lo de dentro, sem gestos, fechados sempre, pelo menos no género de vida, entre as quatro paredes do quarto e os quatro muros de não saber agir."</p>

307	"Se a vida [não] nos deu mais do que uma cela de reclusão, façamos por ornamentá-la, ainda que mais não seja, com as sombras de nossos sonhos, desenhos a cores mistos esculpindo o nosso esquecimento sobre a parada exterior dos muros."
310	"Todo o esforço é um crime porque todo o gesto é um sonho morto."
313	"Por isso, contudo, os amo a todos. Meus queridos vegetais!"
317	"Ninguém, suponho, admite verdadeiramente a existência real de outra pessoa." "Sim, os outros não existe...."
319	"(...)tenho vivido, horas perante a Natureza, esculpidas na ternura do isolamento, ficar-me ão para sempre como medalhas." "Vivi sempre isolado, e cada vez mais isolado, quando mais dei por mim."
335	"«Sentir é uma maçada.» A própria forma plebeia da frase lhe dá sal e pimenta."
342	"Sou o amor que deles tiveram e por isso os sei ouvir na noite em que não durmo, e também sei viver infeliz."
345	"Sejamos castos como eremitas, puros como corpos sonhados, resignados a ser tudo isto, como freirinhas doidas...."
348	"Nada me pesa mais que o afecto alheio - nem o ódio alheio, pois que o ódio é mais intermitente que o afecto(...)"
359	"Amo as expressões porque não sei nada do que exprimem." "Talvez seja por este cepticismo do inteligível que eu encaro de igual modo uma árvore e uma cara, um cartaz e um sorriso."
368	"Que palavras sublimes não devem estar trocado as duas figuras que se assentam no lado de lá daquele bule! E eu sem ouvidos apropriados para as ouvir, morto na policroma humanidade!"
373	"A vida é uma viagem experimental, feita involuntariamente." "Tanto tenho vivido sem ter vivido!"
380	"Convalesço, estéril e longínquo, da doença que não tive."
389	"O lema que hoje mais requeiro para definição do meu espírito é o criador de indiferenças." "Fazer um gesto foi sempre, para o meu sentimento das coisas, uma perturbação, um desdobramento, no universo exterior (...) Adquiri perante agir um escrúpulo de honestidade transcendental, que me inibe, desse que o fixei na minha consciência, de ter relações muito acentuadas com o mundo palpável."
402	"Poder reencarnar numa pedra, num grão de pó - chora-me na alma este desejo."
412	"Eu não sei se o mundo é triste ou mau nem isso me importa, porque o que os outros sofrem me é aborrecido e indiferente. Logo que não chorem ou gemam, o que me irrita e incomoda, nem um encolher de ombros tenho - tão fundo me pesa o meu desdém por eles - para o seu sofrimento."
413	"Ignorar a vida com todo o corpo, perder-se da realidade com todos os sentidos, abdicar do amor com toda a alma."

429	<p>"Sou porventura de uma frieza comunicativa, que involuntariamente obriga os outros a reflectirem o meu modo de pouco sentir."</p> <p>"Em todos os lugares da vida, em todas as situações e convivências, eu fui sempre, para todos, um intruso. Pelo menos, fui sempre um estranho."</p>
431	<p>"Uma das grandes tragédias da minha vida - porém daquelas tragédias que passam na sombra e no subterfúgio - é a de não poder sentir qualquer coisa naturalmente. Sou capaz de amar e odiar, como todos, de, como todos, reçar e entusiasmar-me; mas nem meu amor, nem meu ódio, nem meu receio, nem meu entusiasmo, são exactamente aquelas mesmas coisas que são. Ou lhes falta qualquer elemento, ou se lhes acrescenta algum. O certo é que são qualquer outra coisa, e o que sinto não está certo com a vida."</p>
433	<p>"Passei entre eles estrangeiro porém nenhum viu que eu o era. Vivi entre eles espião e ninguém, nem eu, suspeitou que eu o fosse. Todos me tinham por parente: nenhum sabia que me haviam trocado à nascença. Assim fui igual aos outros sem semelhança, irmão trocado sem ser da família."</p>
441	<p>"É outra coisa, minha só, que se prende um pouco com a sensação de isolamento, que participa da noite do silêncio, que escolhe aquele candeeiro para ponto de apoio porque é o único ponto de apoio que há."</p>
458	<p>"Vogo, atenção só dos sentidos, sem pensamento nem emoção."</p>
462	<p>"Mas a exclusão, que me impus, dos fins e dos movimentos da vida; a ruptura que procurei, do meu contacto com as coisas - levou-me precisamente aquilo a que eu procurava fugir. Eu não queria sentir a vida, nem tocar nas coisas, sabendo, pela experiência do meu temperamento em contágio do mundo, que a sensação da vida era sempre dolorosa para mim. Mas ao evitar esse contacto, isolei-me, e, isolando-me, exarcebei a minha sensibilidade já excessiva. Se fosse possível cortar de todo o contacto com as coisas, bem iria a minha sensibilidade. Mas esse isolamento total não pode realizar-se. Por menos que eu faça, respiro; por menos que aja, movo-me. E, assim, conseguindo exacerbar a minha sensibilidade pelo isolamento, consegui que os factos mínimos, que antes mesmo a mim nada fariam, me ferissem como catástrofes. Errei o método de fuga. Fugi, por um rodeio incomodo, par o mesmo lugar onde estava, com o cansaço da viagem sobre o horror de viver ali."</p>
468	<p>"Por mais amigo, e verdadeiramente amigo, que eu seja de alguém, o saber que ele está doente, ou que morreu, não me dá mais que uma impressão vaga, incerta, apagada, que me envergonho de sentir."</p> <p>"Disseram-me hoje que tinha entrado para o hospital, para ser operado, um velho amigo meu, que não vejo há muito tempo, mas que sinceramente lembro sempre com o que suponho ser saudade. A única sensação que recebi, de positiv e de clara, foi a massada que forçosamente me daria o ter de ir visitá-lo, com a alternativa irónica de, não tendo paciência para a visita ficar arrependido de a não fazer."</p> <p>"(...) Se eu pudesse sentir!..."</p>

Tabela de Categoria: Relação Materna

Indicador de Unidades de Registo: Considerou-se todas as unidades de registo que dissessem respeito a referências femininas, e à figura materna.

Fragmentos	Unidades de Registo
30	<p>"Não me lembro da minha mãe. Ela morreu tinha eu um ano."</p> <p>"Disseram-me, mais tarde, que a minha mãe era bonita, e dizem que, quando mo disseram, eu não disse nada."</p> <p>"Tudo o que há de disperso e duro na minha sensibilidade vem da ausência desse calor e da saudade inútil dos beijos de que não me lembro."</p> <p>"Quem outro seria eu se me tivessem dado carinho do que vem desde o ventre até aos beijos na cara pequena?"</p> <p>"Quem, em criança, me apertou contra a cara não me podia apertar contra o coração. Essa estava longe. num jazigo - essa que me pertenceria, se o Destino houvesse querido que me pertencesse."</p>
88	<p>"Quero rezar e chorar, arrepende-me dos crimes que não cometi, gozar ser perdoado como uma carícia não propriamente materna."</p> <p>"Um pobre órfão abandonado nas ruas das sensações(...)"</p> <p>"Vai buscar, ò Vento, a minha Mãe."</p>
90	<p>"Que episódios perdidos na esteira verde branca das naus idas, como um cuspo frio do leme alto a servir de nariz sob os olhos das câmaras velhas!"</p>
92	<p>"(...)quando choro sobre o cadáver da minha infância ida(...)"</p> <p>"Oh, o passado morto que eu trago comigo e nunca estive senão comigo!"</p>
140	<p>"(...) e toda a minha vida é um recibo por assinar."</p>
144	<p>"(...)um paradoxo maternal do tempo, subsiste hoje, aqui mesmo, entre o que sou e o que perdi, no antero olhar de mim que sou eu..."</p>
156	<p>"Que rainha imperiosa guarda ao pé dos seus lagos a memória da minha vida partida?"</p> <p>"(...)nas núvens do sul perdi minha alma, como um ramo deixado cair."</p>
167	<p>"Uns nascem escravos, outros tornam-se escravos, e a outros a escravidão é dada."</p>
186	<p>"Sinto às vezes, acordando na noite, mãos invisíveis que tecem o meu fado."</p>
198	<p>"(...)lento arfar do peito branco do sono de infância da contemplação."</p>
200	<p>"O quotidiano é materno."</p>

202	"(...)e no átrio do Invisível, cuja porta aberta mostra apenas, defronte, uma porta fechada(...)"
205	"(...)filho da bruma futura e da indecisão por vir."
215	"Nunca aprendi a existir."
241	"O calor que parecia ter aumentado, parecia estar, ele calor, frio."
262	"Minha mãe morreu muito cedo, e eu não a cheguei a conhecer..." "Roubaram-me o poder de ser antes que o mundo fosse."
263	"(...)a desolação da criança triste que intimamente somos, por não lhe termos comprado o brinquedo divino."
266	"Não choro a perda da minha infância; choro que tudo, e nele a (minha) infância, se perca."
279	"Foi-se hoje embora, diz-se que definitivamente, para a terra que é natal dele, o chamado moço do escritório, aquele mesmo homem que tenho estado habituado a considerar como parte desta casa humana, e, portanto, como parte de mim e do mundo que é meu."
290	"(...)a mulher, que a nossa intuição diz que olharia para trás, e nunca chega a existir."
318	"..., barcos que passam na noite e se nem saúdam nem conhecem."
319	"Foi num mar interior que o rio da minha vida findou." "Os teus colares de pérolas fingidas amaram comigo as minhas horas melhores."
334	"Contemplei-a do fundo do abismo, anónimo e desperto."
341	"E do regaço da rainha que me falta cai, como um episódio do bordado inútil, o novelo esquecido da minha alma."
342	"A vida é um novelo que alguém emaranhou."
344	"Só a esterilidade é nobre e digna. Só o matar o que nunca foi é alto e perverso e absurdo." "GLORIFICAÇÃO DAS ESTÉREIS"
363	"Nós não podemos amar, filho."
367	"...a luxúria japonesa de ter evidentemente duas dimensões apenas."
380	"Que afago me não quis falar?"
395	"Dá-me que eu durma, dá-me que eu me esqueça, senhora dos Desígnios Incertos, Mãe das Carícias e das Bênçãos inconciliáveis com existirem..."
398	"Nasci talvez, espiritualmente, num curto dia de inverno. Chegou cedo a noite ao meu ser. "
408	"Cantava, em uma voz muito suave, uma canção de país longínquo. A música tornava familiares as palavras incógnitas. Parecia o fado para a alma, mas não tinha com ele semelhança alguma."
417	"(...)e por bosques de maravilha que oiço o Padre Freire ensinar eu se deve dizer Madalena, pois Madalena só o diz o vulgo."

429	<p>"Para os mais naturalmente íntimos fui sempre um hóspede, que, por hóspede, é bem tratado, mas sempre com a atenção devida ao estranho, e a falta de afeição merecida pelo intruso."</p> <p>"Orfão da Fortuna, tenho, como todos os órfãos, a necessidade de ser objecto de afeição de alguém. passei sempre fome da realização dessa necessidade. Tanto me adaptei à fome inevitável que, por vezes, nem sei se sinto a necessidade de comer."</p>
436	<p>"E o dia que raia definitivamente, a mágoa que raia em mim como a verdade crua do dia, o que sonhei, o que pensei, o que se esqueceu de mim - tudo isso, numa amálgama de sombras, de ficções e de remorsos, se mistura no rastro em que vão os mundos e cai entre as coisas da vida como o esqueleto de um cacho de uvas, comido à esquina pelos garotos que o roubaram."</p> <p>"Choro de tudo, entre perda do regaço, a morte da mão que me davam, os braços que não soube como me cingissem, o ombro que nunca poderia ter..."</p>

Tabela de Categoria: Relação Paterna

Indicador de Unidades de Registo: Considerou-se todas as unidades de registo que dissessem respeito a referências masculinas de importância, à figura paterna, e a símbolos fálicos (e.g. cigarro).

Fragmentos	Unidades de Registo
8	<p>"Tenho, muitas vezes, inexplicavelmente, a hipnose do Patrão Vasques. (...) é um símbolo? É uma razão? O que é?"</p> <p>"Seja onde estiver, recordarei com saudades o patrão Vasques (...)"</p> <p>"Será talvez, porque não tenho próximo de mim uma figura de mais destaque que o patrão Vasques (...)"</p> <p>"Creio ou quase creio que algures, em uma vida remota, este homem foi qualquer coisa na minha vida mais importante do que é hoje."</p>
9	<p>"Ah, compreendo! O patrão Vasques é a Vida. A Vida, monótona e necessária, mandante e desconhecida."</p> <p>"Ele é tudo para mim por fora, porque a Vida é tudo para mim por fora."</p>
30	<p>"Meu pai, que vivia longe, matou-se tinha eu três anos e nunca o conheci."</p>
59	<p>"(...)e o vácuo de nem ter sabido o que fazia o chefe que nunca viram."</p>
88	<p>"De meu pai sei o nome(...)"</p> <p>"Às vezes, à noite, quando me sinto só, chamo por ele e choro, e faço-me uma ideia dele que possa amar..."</p>
171	<p>"Mais vale na verdade o patrão Vasques que os Reis do Sonho."</p> <p>"Tendo o patrão Vasques, posso gozar o sonho dos Reis dos Sonhos."</p>
303	<p>"O patrão Vasques fez hoje um negócio em que arruinou um individuo doente e família"</p>
322	<p>"Os dias de sol sabem-me ao que eu não tenho."</p>
366	<p>"É possível certas almas sentir uma dor profunda por paisagem pintada num abano chinês não ter três dimensões."</p>
399	<p>"Tardei sempre, não sei qual, talvez a ambas, a uma ou outra, ou foi a terceira que tardou."</p>
400	<p>"Mas é o fumo do cigarro o que mais espiritualmente me reconstrói momentos passados."</p>
461	<p>" Nunca tive alguém a quem pudesse chamar «Mestre»."</p>
476	<p>"Nos olhos azuis dos tanques um último desespero reflecte a morte do sol."</p>

Tabela de Categoria: Melancolia

Indicador de Unidades de Registo: Considerou-se todas as unidades de registo que dissessem respeito a manifestações de luto patológico e depressão psicótica.

Fragmentos	Unidades de Registo
1	"A quem, como eu, assim, vivendo não sabe ter vida, que resta senão, como a meus pares, a renúncia por modo e a contemplação por destino?"
3	"Nessas horas lentas e vazias, sobe-me da alma à mente uma tristeza de todo o ser, a amargura de tudo ser ao mesmo tempo uma sensação minha e uma coisa externa, que não está em meu poder alterar."
31	"Do outro lado de mim, lá para trás de onde jazo, o silêncio da casa toca no infinito."
39	"Vem-me, então, um terror sarcástico da vida, um desalento que passa os limites da minha individualidade consciente."
42	"Quem vive como eu não morre: acaba, murcha, desvegeta-se."
50	"(...)no meu quarto sem luz o lugar vago enche-me de angústia."
63	"É nestas horas de um abismo na alma que o mais pequeno pormenor me oprime uma carta de adeus."
66	"Estou triste abaixo da consciência."
80	"Por mais que por mim me embrenhe, todos os atalhos do meu sonho vão dar a clareiras de angústia."
88	"Quando acabará isto tudo, estas ruas onde arrasto a minha miséria, e estes degraus onde encolho o meu frio e sinto as mãos da noite por entre farrapos?"
99	"(...)uma angústias às avessas, uma dor perdida."
99	"Há abatimentos da alma abaixo de toda a angústia e toda a dor"
144	"Só o ser que não crê e é adulto, com alma que recorda e chora, são a ficção e o transtorno, o desalinho e a laje fria."
159	"Um entornar dos céus de dos mundos todos sobre a sua desconsolação."
181	"Agrada-me mais à imaginação que aos sentidos, a tristeza dispersa que está comigo."
184	"Não há mal-estar físico. Salvo que o mal-estar da alma é tão grande que passa pelos poros do corpo e inunda a ele também."
196	"(...)há uma mágoa intensa e invisível, uma tristeza como o som de quem chora num quarto escuro."
201	"Sim, porque a esperança maior que me traz tem, como todas as esperanças, aquele travo longínquo e saudoso de não ser realidade."
202	"Ah, são tardes de uma tao magoada indiferença, que, antes que comece nas coisas, começa em nós o Outono."
203	"E através de tudo, como um silvo de angústia nua, sentirei a minha alma por detrás de devaneio - uivo fundo e puro, inútil no escuro do mundo"

208	"Transeunte de tudo, até da minha própria alma - não pertença a nada, não desejo nada, não sou nada."
219	"Sinto-me apenas um vácuo, uma ilusão de uma alma, de um lugar de um ser, uma solidão de consciência onde estranho insecto [] procurasse em vão sequer a cálida lembrança de uma luz."
224	"Tenho o coração oprimido e as recordações transformadas em angústias."
225	"(..)sentir como angústia só por sentir, a inquietação de estar aqui, a saudade de outra coisa que se não conheceu, o poente de todas as emoções, (...)"
240	"A solidão da minha alma alargava-se, alastrava, invadia-o que eu sentia, o que eu queria, o que eu ia sonhar. Os objectos vagos, participantes, na sombra, da minha insónia, passavam a ter lugar e dor na minha desolação."
251	"Não faço teorias a respeito da vida (...) Para meus olhos é dura e triste, com sonhos deliciosos de permeio."
319	"Os momentos mais felizes da minha vida foram sonhos, e sonhos de tristeza(...)"
365	"Meu destino é a decadência."
373	"Estou, de angustiado, à beira de lágrimas - não de lágrimas que se choram, mas que se reprimem, lágrimas de uma doença da alma, que não de uma dor sensível."
377	"Sou todo eu uma vaga saudade, nem do passado, nem do futuro: sou uma saudade do presente, anónima, prolixa e incompreendida."
384	"...e tudo é uma doença incurável."
397	"(..)a vontade íntima de morrer, de acabar, de não ver mais luz sobre cidade alguma, de não pensar, de não sentir, de deixar atrás, como um papel de embrulho, o curso do sol e dos dias, de despir, como um traje pesado, à beira do grande leito, o esforço involuntário de ser."
398	"A minha vida é inteiramente fútil e inteiramente triste."
400	"A infância! E entre os meus dentes que se cravam na massa escura e macia, trinco e gosto as minhas humildes felicidades de companheiro alegre de soldado de chumbo, de cavaleiro congruente com a cana casual meu cavalo. Sobem-me as lágrimas aos olhos e junto com o sabor chocolate mistura-se ao meu sabor a minha felicidade passada, a minha infância ida, e pertença voluptuosamente à suavidade da minha dor."
401	"Caminho não pelas ruas, mas através da minha dor." "Se eu fosse músico escreveria a minha marcha fúnebre, e com que razão a escreveria!"
412	"E este livro é um gemido. Escrito ele já o Só não é o livro mais triste que há em Portugal." "Ao pé da minha dor todas as outras dores me parecem falsas ou mínimas. (...)As minhas são de quem se encontra encarcerado da vida, à parte...." "De modo que tudo o que angustia vejo, e tudo o que alegra não o sinto."

425	"Adquiri nele tal lucidez que vejo como real cada coisa que sonho. Era perda, portanto, tudo quanto a valorizava como sonhada."
426	"O que é verdade é que a nossa dor só é séria e grave quando a fingimos tal. Se formos naturais, ela passará assim como veio. Esbater-se-á assim como cresceu. Tudo é nada, e a nossa dor nele."
429	"Com isto ou sem isto a vida dói-me." "Julgo às vezes que gozo sofrer."
433	"A brigaram-me as suas casas, as suas mãos apertaram a minha, viram-me passar na rua como se eu lá estivesse; mas quem sou não estive nunca naquelas salas, quem vivo não tem mãos que outros apertem, quem me conheço não tem ruas por onde passe, a não ser que sejam todas as ruas, nem que nelas o veja, a não ser que ele mesmo seja todos os outros."
461	"As quatro paredes do meu quarto pobre são-me, ao mesmo tempo, cela e distância, cama e caixão. As minhas horas mais felizes são aquelas em que não penso nada, não quero nada, não sonho sequer, perdido num torpor de vegetal errado, de mero musgo que crescesse na superfície da vida. Gozo sem amargor a consciência absurda de não ser nada, o ante sabor da morte e do apagamento."
479	"Um desespero de mim, uma angústia de existir preso a mim extravasa-se por mim todo sem me exceder, compondo-me o ser em ternura, medo, dor e desolação." "Um tão inexplicável excesso de mágoa absurda, uma dor tão desolada, tão órfã, tão metafisicamente minha"
481	"Saudades! Tenho-as até do que me não foi nada, por uma angústia de fuga do tempo e uma doença do mistério da vida."